

Condensam-se neste livro os resultados de mais de três anos de trabalhos arqueológicos, desenvolvidos por equipas da Universidade de Évora, na Coudelaria de Alter. Esta ampla propriedade encerra um vasto património arqueológico até agora desconhecido. Descrevem-se neste estudo as sequências da ocupação humana, desde o Paleolítico até aos nossos dias, que se preservam na Coudelaria de Alter. Dos vários núcleos arqueológicos identificados seleccionou-se o do Reguengo, sede de uma antiga freguesia de Alter do Chão, onde a presença pré-histórica e medieval apresentava testemunhos muito evidentes. Neste núcleo para além das necrópoles neolíticas e medievais foi possível estudar vários contextos de habitats contemporâneos dos construtores das antas e identificar um santuário com arte rupestre gravada nos afloramentos graníticos. Publicam-se, também, neste livro os espantosos conjuntos artefactuais exumados nas escavações efectuadas, dos quais se destacam os ídolos-placa megalíticos e as cerâmicas decoradas atribuíveis às primeiras comunidades de agricultores e pastores que estanciaram nesta zona do Alentejo.



PATRIMÓNIO
ARQUEOLÓGICO
da
COUDELARIA de ALTER



Jorge de Oliveira
(Universidade de Évora)

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO da COUDELARIA de ALTER

e as primeiras comunidades agropastoris



Prefácio
J. Costa Ferreira
Anexos documentais
Nelson Almeida - Paleolítico na Coudelaria
David Duque - Paleosambiente da Coudelaria

EDIÇÕES COLIBRI / UNIVERSIDADE DE ÉVORA



JORGE DE OLIVEIRA é Professor Associado da Universidade de Évora, onde coordena a Área de Arqueologia. O interesse pelas coisas antigas inicia-se nas paisagens da sua aldeia, Santo António das Areias, onde, com quinze anos, funda um grupo de arqueologia e o embrião de um museu arqueológico. Na Faculdade de Letras de Lisboa licencia-se em História, porque ainda não existiam cursos de Arqueologia, tendo participado em todos os trabalhos arqueológicos que os seus mestres desenvolviam nessa altura. Com o seu professor Victor Gonçalves aprendeu que a Arqueologia não se resumia, apenas, à aventura da descoberta e que um longo caminho de estudo tinha que percorrer. Não se afastando desse trilho doutorou-se em Pré-História e Arqueologia na Universidade de Évora com uma tese sobre as antas e menires que o viram crescer. Hoje tenta ensinar aos seus alunos que a Arqueologia não é apenas uma ciência mas, também, uma aventura e uma paixão.

PATRIMÓNIO
ARQUEOLÓGICO
da
COUDELARIA de ALTER
e as primeiras comunidades agropastoris

Jorge de Oliveira

(Universidade de Évora)

PATRIMÓNIO
ARQUEOLÓGICO^{da}
COUDELARIA^{de} **ALTER**
e as primeiras comunidades agropastoris



EDIÇÕES COLIBRI

A memória do meu
Amigo e Colega

José Carlos Castano

Titulo Original: **Património Arqueológico da Coudelaria de Alter**

Autor: **Jorge de Oliveira**

Fotos de : **Jorge de Oliveira e de David Duque,
Gerardo Gonçalves, Joana Vivas, João Parreira,
Mauro Constantino, Néilson Almeida, Paulo
Domingues, Sara Ramos e João José Bica** (pags. 6 / 22 / 28 / 35 / 239)

Revisão: **Maria Fernanda Araújo**

Capa: João José Bica - **VeludoAzul** -

Audiovisuais e Comunicação Lda

Design: **Veludo Azul Lda** - João José Bica

Pré-Impressão e Impressão: **Colibri Artes Gráficas**

Data da Edição: Novembro de 2006 -

Tiragem: 1000 Exemplares

Depósito Legal n.º 248 722/06

Edição: Edições Colibri e Universidade de Évora

ISBN 972-772-673-9

ISBN 978-972-772-673-8



	FICHA TÉCNICA.....	9
	Prefácio de J. Costa Ferreira.....	12
	AGRADECIMENTOS.....	19
1.	INTRODUÇÃO.....	25
2.	INTERVENÇÕES	
2.1.	HABITAT DO REGUENGO	
2.1.1.	O CONTEXTO	
2.1.2.	SONDAGENS NO HABITAT DO REGUENGO.....	39
2.1.2.1.	SONDAGENS 1 e 4	
2.1.2.2.	SONDAGEM 2	
2.1.2.3.	SONDAGEM 3	
2.1.2.4.	SONDAGEM 5	
2.1.2.5.	SONDAGEM 6	
2.1.2.6.	SONDAGEM 7	
2.2.	SANTUÁRIO PRÉ-HISTÓRICO DO REGUENGO.....	59
2.2.1.	LEVANTAMENTO DAS ROCHAS DECORADAS	
2.2.2.	SONDAGEM NO SANTUÁRIO DAS “OLIVEIRAS DO FEITIÇO”	
2.3.	HABITAT DA PORTA DO TEMPO.....	69
2.3.1.	LOCUS 1	
2.3.2.	LOCUS TOCA DA RAPOSA	
2.3.3.	LOCUS 2	
2.4.	ANTA DA HORTA.....	103
2.4.1.	ESCAVAÇÃO DO MONUMENTO	
2.4.1.1.	ESCAVAÇÃO DA CÂMARA	
2.4.1.2.	ESCAVAÇÃO DO CORREDOR	
2.4.1.3.	ESCAVAÇÃO DA MAMOA	



2.4.2.	REABILITAÇÃO DO MONUMENTO	
2.4.3.	HISTÓRIA DO MONUMENTO	
2.5.	ANTA DA SOLHEIRA	152
2.5.1.	ESCAVAÇÃO DA CÂMARA	
2.5.2.	ESCAVAÇÃO DO CORREDOR	
2.5.3.	SONDAGEM NA MAMOÁ	
2.5.4.	REABILITAÇÃO DO MONUMENTO	
2.5.5.	HISTÓRIA DO MONUMENTO	
2.6.	ANTA DA VÁRZEA GRANDE	170
2.6.1.	ESCAVAÇÃO DA CÂMARA	
2.6.2.	ESCAVAÇÃO DO CORREDOR	
2.6.3.	SONDAGEM NA MAMOÁ	
2.6.4.	REABILITAÇÃO DO MONUMENTO	
2.6.5.	HISTÓRIA DO MONUMENTO	
2.7.	NECRÓPOLE ALTO-MEDIEVAL DO REGUENGO .	180
2.7.1.	SEPULTURA I	
2.7.2.	SEPULTURA II	
2.7.3.	SEPULTURA III a), b) e c)	
2.7.4.	SEPULTURA IV	
2.7.5.	SEPULTURA V	
2.7.6.	LAGARETA ("SEPULTURA VI")	
2.8.	IGREJA DE S. BARTOLOMEU DO REGUENGO	197
2.8.1.	ESTUDO DOCUMENTAL	
2.8.2.	ANÁLISE DOS ÓBITOS NOS REGISTOS PAROQUIAIS	
2.8.3.	TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS E REABILITAÇÃO DA IGREJA DE S. BARTOLOMEU	
3.	EM SÍNTESE	213
4.	BIBLIOGRAFIA	229
5.	ANEXOS DOCUMENTAIS	231

Ficha Técnica:

COORDENAÇÃO:

Jorge de Oliveira

CO-DIRECÇÃO DE TRABALHOS:

Gerardo Gonçalves – Anta da Várzea Grande; Joana Vivas – Igreja de S. Bartolomeu (2ª fase) e Locus II; João Parreira – Habitat do Reguengo (2ª fase); Mafalda Capela – Igreja de Bartolomeu (1ª fase); Mauro Constantino – Locus da Toca da Raposa; Miguel Correia – Levantamento da Arte Rupestre; Paulo Domingues – Anta da Horta e Santuário; Sara Ramos – Anta da Soalheira, Habitat do Reguengo (1ª fase) e Locus I.

PROSPECÇÃO GERAL:

Clara Oliveira

ESTUDOS PALEOAMBIENTAIS:

David Duque

A COUDELARIA DE ALTER DURANTE O PALEOLÍTICO:

Nélson Almeida

TÉCNICOS DE ARQUEOLOGIA:

Conceição Roque e Cristina Costa

DESENHO DE PEÇAS:

Joana Vivas, Conceição Roque e Madalena Vaz Freire



ESTUDANTES COLABORADORES:

Alexandre Ramos, Ana Borregas, Ana Botto, Ana Candeias, Ana Carla Nóbrega, Ana Ferro, Ana Luísa Francisco, Ana Nóbrega, Ana Pinto, Ana Rita Faleiro, Ana Rita Santos, Anabela Isidro, André Mano, André Mão-de-Ferro, Andrea Oliveira, Andrea Conceição, Ângela Ferreira, António Marujo, Artur Henriques, Bárbara Castiço, Bárbara Freitas, Carla Bento, Carlos Carpetudo, Carlos Silva, Catarina Mesquita, Catarina Saragoça, Cira Carvalho, Cláudia Carvalho, Cláudia Miguel, Cristóvão Mendes, Daniel Félix, Dina Pereira, Duarte Abêbora, Duarte Barreiros, Eduarda Mamede, Eunice Pimpão, Fátima Palma, Filipa Silva, Fernando Caldeira, Frederico Cunha, Gorete Dourado, Helena Silva, Hugo Porto, Inês Castanheira, Inês Garcia, Inês Palma, Ironia Santos, Ivo Santos, Jaylson Monteiro, Joana Frazão, Joana Negrão, João Contente, João Costa, João Maçãs, João Mora, João Pinto, João Zacarias, Jorge Parreira, José de Oliveira, Lídia Segão, Luciano Machado, Luís Teixeira, Madalena Gandum, Manuel Mão-de-Ferro, Marco Fernandes, Margarida Ribeiro, Maria Saragoça, Mário Pinto, Marta Castanheira, Néilson Santos, Norberto Fialho, Nuno Fortunato, Núria Alves, Paula Rosa, Rebeca Branco, Rita Santos, Rui Caetano, Rui Lopes, Rui Proença, Sara Cambeta, Sara Preto, Sara Simões, Susana Pais, Teresa Andrade, Ulrico Galamba, Vânia Pirata, Vera Viegas, Vicente de Sá, Vítor Meira

FUNCIÓNARIOS e TÉCNICOS DA COUDELARIA DE ALTER:

Arlindo Vilhena, Francisco Carvalho, Francisco Félix, Francisco Ventura, João Correia, João Mendes, Joaquim José Garcia, José Beirão, Manuel Baptista, Maria José Pais e Dr.^a Sandra Veiga de Araújo.

MESTRE CANTEIRO: Manuel Graxinha



PREFÁCIO

Do *Equus ferus* ao *Equus caballus*

Nada há de concreto sobre onde e quando se deu a domesticação do cavalo. É comumente aceite que o foi há cerca de 5.000 anos e, a ser assim, foi a última espécie pecuária a sê-lo, muitos anos após a penúltima. A ser isto verdade, é porque só então tal se tornou necessário e não decididamente porque fosse a mais difícil de domesticar.

O *Homo sapiens sapiens* há muito que, com o fim do último glaciário, iniciara o processo de sedentarização, dedicando-se à agricultura e/ou pastorícia, abandonando a condição de caçador recolector.

As suas necessidades básicas pareciam supridas, fossem elas alimentares, de vestir ou de tracção. O cavalo só lhe trazia de novo a velocidade de deslocação, o que, para uma comunidade daqueles tempos, só se vê como necessário para acompanhar e



Cavalos em placa de bronze Hitita (2.º milénio a.C.) – Museu da C. de Alter

enquadrar os rebanhos ou procurar e trazer uma rês mais rebelde ou fugidia. São, pois, em nossa opinião, na convicção dos pressupostos atrás anunciados, essas remotas comunidades pastoris quem primeiro necessitou do cavalo, como auxiliar potenciador da eficácia da sua actividade, encontrando aí a razão para a sua domesticação.

Se a prática pastoril dessas comunidades passasse, e para algumas passaria certamente, pela transumância ou nomadização, então, fica-nos a percepção de quanto o cavalo lhes foi importante, nuns casos potenciando-a, noutros permitindo-a.

Ainda hoje, se retirarmos a utilização do cavalo nas forças armadas ou de segurança,

a utilização nas actividades desportivas ou de lazer, ultrapassada que está a de tracção no transporte de pessoas ou de mercadorias, a actividade que continua a não prescindir do cavalo é a da guardaria do gado. Veja-se o nosso campino, o “cowboy” ou o gaúcho, para quem nada é mais eficaz, na sua actividade, que o cavalo.

Se é minha convicção que foi o uso militar que ditou, mais do que isso, impôs toda a evolução até chegarmos ao cavalo que hoje conhecemos, não tenho por menos verdade que a utilização guerreira foi um uso subsequente e não a causa primeira que levou à domesticação. Em nossa opinião, foram as valências reveladas no uso civil que o levaram a ser utilizado na guerra, nunca o contrário. Não faria sentido, se assim não tivesse sido.

Se estivermos de acordo com este raciocínio, encontramos a necessidade que o homem ibérico tinha em domesticar o cavalo, pois aqui era um local onde a pastorícia, em vastas regiões, tinha (e inopinadamente nos dias de hoje volta a ter) predominância sobre a agricultura.



Cavalo em moeda de ouro cartaginesa (séc. IV a.C.) - Museu da C. de Alter

Hoje temos a certeza, o que é relativamente recente, que, na última glaciação (WURM), a Península foi um dos locais onde o cavalo subsistiu, pelos achados arqueológicos de restos de equinos em dezenas de sítios, na Península Ibérica, com datação que se reporta ao período que vai do último glaciário (WURM) à data apontada para a domesticação. (*)

Estão, assim, comprovadamente, reunidas, na Península Ibérica, todas as condições:

havia o homem, o cavalo e, muito importante, a necessidade do seu uso, para que se desse aqui a domesticação.

No longo processo de domesticação, é possível distinguir duas fases. Numa primeira, o grupo ou grupos inicialmente domesticados, ou melhor, **amansados**, constituem o grupo fundador que, por circunstancialismos vários, se torna numa população fechada, ou seja, não tem introdução de reprodutores a ele estranhos, concretamente o original selvagem. Enquanto fracção do todo, o grupo fundador encerra em si só parte da variabilidade

genética da espécie original. Esta circunstância, a que se convencionou chamar o **efeito fundador**, é uma das causas determinantes da diferenciação que então se inicia, a **especiação**, e que tipifica a segunda fase.

Aos imperativos da **selecção natural**, os únicos que se verificavam até então, acrescentem, nesta segunda fase, sobre o grupo fundador, os da selecção artificial, que são os que mais vão fazer sentir os seus efeitos.

Estes efeitos são potenciados na sua eficácia pelo maneiio, ou seja, as práticas de alimentação, reprodução e utilização, a que a espécie em processo de domesticação passa a estar sujeita, ao ser-lhe facultado abrigo da intempérie e dos predadores, alimentação regular e em abundância e reprodução dirigida. São as necessidades do homem e/ou os seus caprichos que vão impor os ditames da evolução subsequente, concretizando a diferenciação com os seus ancestrais selvagens. Quando essa diferença é efectiva, e só então, é que se pode falar de uma nova espécie, a espécie doméstica, consubstanciando um processo que se prolonga por muitas e muitas gerações, no caso do cavalo, a passagem do *Equus ferus* ao *Equus caballus*.



Cavaleiro em moeda de bronze ibérica (séc. I a.C.) - M. C. Alter

Nada garante que essa ocorrência, e consequente evolução, tenha acontecido num único sítio do planeta e daí irradiado. Ela é tão prosaica que pode ter acontecido em vários locais em simultâneo, ou pode ter acontecido e desaparecido e voltado a acontecer mais tarde, no mesmo local, ou a muitos quilómetros de distância.

Que relação existirá entre os referidos achados arqueológicos de restos de equinos aqui na Península e o cavalo ibérico de hoje?

Será que o nosso Lusitano tem aí os seus avós?

Se assim fosse, toda a história, no que ao cavalo diz respeito, teria de ser reescrita.

As modernas tecnologias permitem concluir sobre essa relação com segurança, assim

seja possível extrair DNA desses ossos. Com esse intuito, trabalha uma equipa da Faculdade de Ciências de Lisboa, liderada pela Prof. Doutora Maria do Mar Oom.

A grande inovação que se seguiu aos avanços metodológicos na análise do DNA moderno, foi a sua aplicação ao DNA ancestral, que sobrevive em pequenas quantidades no seio das colecções arqueológicas, embora de difícil extracção.

Segundo estudos anteriores, recorrendo à análise de haplótipos de DNA mitocondrial (mtDNA), verificou-se que a divergência na espécie *Equus caballus* terá ocorrido



Cavalo em moeda de bronze ibérica de Balsa (séc. I a.C.) - Museu da Coudelaria de Alter

muito antes da sua domesticação. A população equina, do Pliocénio Médio ao Recente, sem dúvida estruturada regionalmente, terá acumulado uma variação considerável ao nível do mtDNA, sugerindo-se que indivíduos desta população tenham originado os ancestrais das raças domésticas actuais. É de esperar que haja uma continuidade genética entre as formas extintas e as actuais.

O projecto de investigação tem como objectivos a

determinação das relações filogenéticas entre as formas extintas e actuais de *Equus caballus* existentes na Península Ibérica e no Mundo, bem como determinar tempos de divergência para as raças ibéricas actuais com recurso à análise de DNA ancestral e moderno e à aplicação do relógio molecular. Entretanto, um outro trabalho de investigação, desenvolvido por uma equipa do Centro de Biotecnologia da Universidade dos Açores, chefiada pelo Prof. Doutor Artur da Câmara Machado, cujos resultados, já foram publicados, em revista científica de referência, a *Animal Genetics*, por via indirecta, permite concluir que assim será.

Este trabalho também, baseado no DNA mitocondrial, que convirá aqui recordar, tem a particularidade de ser a cópia fiel do DNA da mãe. Assim, o DNA tipificado numa

égua de hoje só não é o mesmo da primeira égua (a Eva da espécie humana), porque entretanto houve mutações. Estas mutações acontecem com intervalos de muitos milhares de anos, o que permite presumir que esse mtDNA é o mesmo à época anterior à domesticação.

De todo o actual efectivo da raça Lusitana, foram encontrados 27 mtDNAs dife-



Mosaico dos Cavalos – Conímbriga

rentes, pelo que se conclui que a actual raça Lusitana é descendente de 27 linhas femininas, à data da domesticação.

Da pesquisa efectuada no GENE BANK, onde estão depositadas as tipificações levadas a cabo por investigadores de todo o mundo, constata-se que esses mtDNAs são partilhados por muitas outras raças, que descendem

das daqui, ou as actuais Lusitanas descendem dessas.

O tempo e a investigação se encarregará de clarificar essa movimentação .

Existe, contudo, um grupo de sete mtDNAs dos 27 da raça Lusitana para os quais não foram encontrados correspondentes, sendo, no estado actual do conhecimento, únicos. Se assim for, ter-se-á de concluir tratar-se de mtDNA de linhas femininas que nunca daqui saíram e, mais importante, nem vieram de outro lado, sendo, portanto, directamente descendentes da população aqui residente à data da domesticação.

Esta suposição, e só disso se trata, é corroborada pela interpretação de como os outros haplótipos se ramificam, a que é dada grande relevância no trabalho em causa.

Penso que esta argumentação, só por si, se não é suficiente para contrariar a corrente de opinião que diz que o cavalo domesticado foi trazido por povos invasores e deles descende o nosso cavalo, é, pelo menos, perturbadora e dá uma vontade imensa de persistir na busca da verdade.



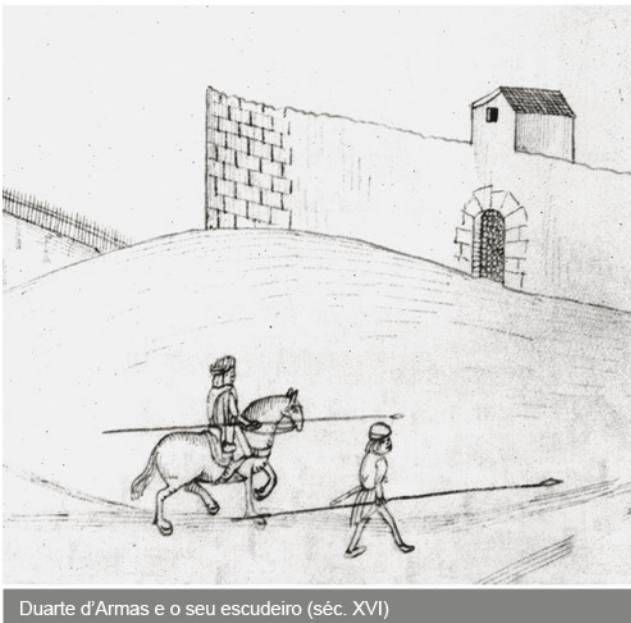
Cavaleiros Medievais – gravura do Museu da Coudelaria de Alter

A individualidade do nosso cavalo, tem origem na **selecção dirigida** por muitos e muitos séculos, ou a verdadeira causa está para além dos milénios e recua ao tempo da domesticação?

A pergunta ganha total pertinência .

Julgo fácil de entender quanto será gratificante se se vier a confirmar que o nosso cavalo é descendente de uma população aqui residente, leia-se espaço ibérico, à data da domesticação.

Além dos considerandos atrás expostos, que apoiam a plausibilidade da domesticação ter acontecido, ou também ter acontecido, na Península Ibérica, porque não também procurar vestígios desse facto através da investigação arqueológica, num local como o espaço da Coudelaria, onde, desde sempre, tudo é propiciador da criação do cavalo e é, de modo exuberante, evidenciado que nele a ocupação humana é bem anterior ao período em causa, ocupação essa continuada e ininterrupta até aos nossos dias?



Duarte d'Armas e o seu escudeiro (séc. XVI)

Assim, como foi possível demonstrar, à evidência, que o megalitismo não foi importado do Oriente e é daqui originário, (para o que muito contribuem os trabalhos do Prof. Doutor Jorge de Oliveira), talvez seja possível vir a demonstrar, com a mesma força probatória, que o nosso cavalo também não veio daí, mas é

resultado de um processo aqui iniciado e continuado a partir de uma população do *Equus ferus* aqui residente.



Cavaleiro – gravura de Albert Durer - Museu da Coudelaria de Alter

Foi com tudo isto em mente que desafiei o Prof. Jorge de Oliveira e a sua equipa, no âmbito do protocolo estabelecido com a Universidade de Évora, a iniciarem um processo de investigação sobre os monumentos megalíticos existentes do espaço murado da Coudelaria d'Alter e que, em primeira mão, foram inventariados pela Dr.^a Clara Oliveira, sua colaboradora.

O aumento do interesse de visita do espaço da Coudelaria pela musealização dos possíveis achados e a sensibilização da comunidade científica, sobretudo a portuguesa, para a questão da domesticação do cavalo, eram dois objectivos só por si justificativos da iniciativa. Os resultados vieram a dar-lhe

plena satisfação.

Ao serem identificados testemunhos materiais das primeiras comunidades de pastores e agricultores, remontando ao IV e V milénios antes de Cristo, em cujo contexto se encontrou um dente de cavalo, deixa-nos uma enorme alegria, que resulta da confirmação de estarmos no caminho que, de modo mais consistente, nos permita admitir a confirmação como possível, pela arqueologia, de que a domesticação se fez, ou também se fez, aqui na nossa terra.

24 de Ago. 2006

João Costa Ferreira

(Director da Coudelaria de Alter)

AGRADECIMENTOS

A realização deste estudo só foi possível graças à dedicação, ao empenho e à paixão com que o Sr. Dr. João Costa Ferreira dirige a Coudelaria de Alter. Homem de ciência e de cultura que, como poucos, se dedica, de alma e coração, à *res publica* (coisa pública). Tantas vezes, contra ventos e tempestades, soube transformar a Coudelaria no espaço de excelência que hoje é. Sentindo, como só ele sente e sabe transmitir, a magia e a carga histórica daquele lugar, cedo adivinhou que ali, sob o solo, um longo passado se guardava. E tinha razão, a nós coube o privilégio de levantar um pouco do véu, muito ficando ainda por desvendar. Ao médico-veterinário e arqueólogo amador, Dr. João Costa Ferreira, os nossos agradecimentos.

Um estudo arqueológico de três anos de campo e em trabalho contínuo só é possível quando as equipas de investigação aí se sentem bem. E, nos quase cem estudantes de Arqueologia que passaram pela Coudelaria, a saudade já se sente. Não foi só a excitação da descoberta, a magia do

local ou o privilégio de privar com os magníficos cavalos de Alter, foram e são as pessoas que aí trabalham e que nos souberam acolher no seio da grande família que é a Coudelaria de Alter. A todos os técnicos e funcionários da Coudelaria manifestamos a nossa gratidão.

Investigar na Coudelaria de Alter e não aprender a montar seria um crime. Teve o Sr. Tenente Henriques a capacidade e o engenho de evitar que esse delito se perpetrasse, recebendo no Clube Equestre, de que é concessionário, todos os jovens arqueólogos que quiseram dar os primeiros passos na arte de em toda a sela bem cavalgar. Para ele, os nossos agradecimentos. Agradecimentos que temos que estender, igualmente, ao Sr. Dr. João José Casquilho Ribeiro, que nos ensinou a História recente da Coudelaria e à Sr.^a Dr.^a Maria José Carvalho, que, pacientemente, nos explicava as diferenças entre um metacarpo e um metatarso, enquanto aguardava que mais uma égua parisse. Mas os nossos agradecimentos terão que se estender

a tantas e tantas pessoas que nos ajudaram, como o Sr. Manuel “Borlinhas”, o Sr. Mihai Nichita e o Sr. João Mendes que com a sua serena mestria erguiam os esteios de antas com o balde da rectro, ao Sr. José Beirão, homem dos sete instrumentos e que inventou uma torre para a Igreja de S. Bartolomeu e a tantos outros funcionários da Coudelaria, como os Srs. Arlindo Vilhena, Francisco Carvalho, Francisco Félix, Francisco Ventura, João Correia, Joaquim José Garcia, Eng. Joaquim Calado ou o Alexandre, que nos ajudaram a descobrir o subsolo da Coudelaria, o nosso obrigado. Uma palavra de gratidão queremos dirigir, também, aos funcionários da Secretaria, da Messe, do Restaurante e da Cantina da Coudelaria, que sempre, simpaticamente, nos acolheram. À Sr.^a D.^a Maria José Pais e à Sr.^a Dr.^a Sandra Veiga de Araújo, os nossos agradecimentos pela forma como tantas vezes nos ajudaram a ultrapassar as eternas burocracias. Ao Sr. Padre Paulo Dias, à Banda Filarmónica, aos Bombeiros, Câmara Municipal e à comunidade

de Alter do Chão, que nos ajudaram a recuperar uma tradição perdida, mas não esquecida, a Romaria de S. Bartolomeu, manifestamos a nossa gratidão.

Ao Sr. Jaime Estorninho, Governador Civil do Distrito de Portalegre, ao Sr. Ceia da Silva, enquanto Presidente da Região de Turismo e à Sr.^a Dr.^a Maria Leal Monteiro, reconhecidamente lhes agradecemos todo o apoio concedido.

Mais que justa devemos uma palavra de apreço pela dedicação dos técnicos da Universidade de Évora, que nos ajudaram a ultrapassar as angústias com a gestão financeira deste projecto, à Sr.^a Dr.^a Cesaltina Frade, Sr.^a Dr.^a Valentina Castro, à D.^a Maria José Dias e à D.^a Fernanda Seabra, o nosso obrigado. Ao Professor Doutor Afonso de Almeida, então Vice-Reitor da Universidade de Évora, com quem aprendemos a preparar projectos e a ultrapassar barreiras burocráticas, o nosso obrigado. Queremos, também, aqui deixar um agradecimento especial aos nossos colegas e amigos, André Carneiro, Catarina Tente,

Cristina Cerdeira, David Duque, Fernando Real, João Carlos Caninas, José d' Encarnação, Juan Javier Navascues, Leonor Rocha, Manuel Calado, Marciano da Silva, Mariana Dinis, Marta Alexandre, Néelson Almeida, Paula Morgado, Primitiva Bueno, Rodrigo Balbin, Teresa Matos Fernandes e Victor Gonçalves, pelos ensinamentos, colaboração e apoio que nos dispensaram ao longo deste estudo.

Ao Sr. Manuel Graxinha, mestre-canteiro, especialista na recuperação de megálitos, que mais uma vez conseguiu fazer o impossível, o nosso obrigado.

Aos quase cem estudantes, de diversos graus de ensino, de escolas básicas e secundárias de Portalegre, Évora e Lisboa e das universidades de Évora, Lisboa, Coimbra e Porto, que, ao ajudarem a revolver a terra, escreveram capítulos da História, o nosso obrigado.

À nossa jovem equipa de Arqueólogos e Técnicos de Arqueologia, que connosco, durante três anos, prospectaram, escavaram e pensaram estruturas, materiais

e estratigrafias da Coudelaria, Clara Oliveira, Conceição Roque, Cristina Costa, Gerardo Gonçalves, Joana Vivas, João Parreira, Mafalda Capela, Mauro Constantino, Miguel Correia, Paulo Domingues e Sara Ramos, expressamos os nossos reconhecidos agradecimentos. Ao meu Amigo João José Bica que com a sua arte e dedicação soube transformar um relatrório técnico num livro, o meu obrigado. Ao meu Amigo Luís Silva que pacientemente acompanhou as morosas revisões, estendo os meus agradecimentos.

À minha Mãe, que, mais uma vez, pacientemente, nos ajudou a distribuir as vírgulas pelo texto, o nosso obrigado. Para terminar e com a certeza de que a muitos mais devemos a nossa gratidão pela colaboração prestada neste projecto, queremos aqui registar o apoio e ensinamentos que o nosso saudoso colega e amigo José Carlos Caetano sempre nos quis dispensar nas visitas semanais que fazia à Coudelaria.







1. INTRODUÇÃO

A

Coudelaria de Alter, fundada por vontade de D. João V, em 1748, junto à actualmente extinta freguesia de S. Bartolomeu do Reguengo, a escasos três mil metros de Alter do Chão, configura um caso quase único na paisagem alentejana. Os oitocentos e cinquenta hectares de terra, destinados, maioritariamente, para pastagens de cavalos e éguas, encontram-se totalmente murados e, por isso, de acesso muito reservado.

Se somarmos a este controlo de acesso a quase inexistência de práticas agrícolas intensivas, tão comuns em todo o Alentejo durante grande parte do século XX, que esventraram até à rocha os solos, com a consequente destruição de inúmeros vestígios arqueológicos, então entender-se-á melhor a existência e estado de conservação de tão abundante património arqueológico na área da Coudelaria. Contudo, e, provavelmente, porque o acesso às terras da Coudelaria foi, desde sempre, muito controlado, não se conhecia qualquer referência bibliográfica a testemunhos arqueológicos aí existentes.

Nos finais da década de noventa, durante uma visita às ruínas da cidade romana de Ammaia, fomos contactados pelo actual Director da Coudelaria, Dr. João Costa Ferreira, que nos questionou sobre o eventual potencial arqueológico da instituição que dirige. Desse contacto projectou-se uma campanha de prospecções arqueológicas de campo, que veio a ser desenvolvida por Clara Oliveira, com a colaboração de Elisabete Pereira. Paralelamente,

procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica intensa que nada forneceu. Nem nas múltiplas publicações de Farinha Isidoro, decorrentes dos trabalhos de campo desenvolvidos nos

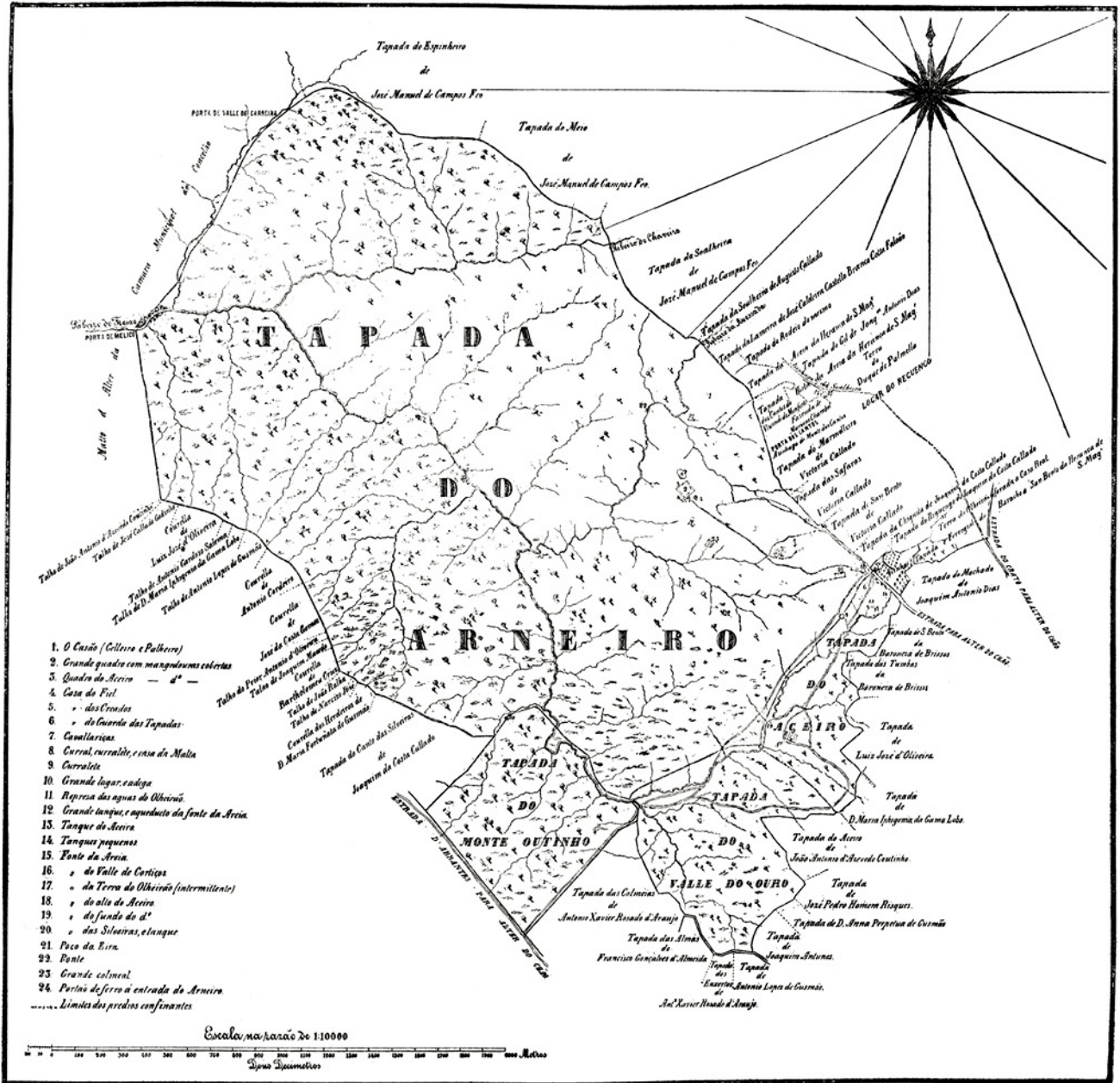


Coudelaria de Alter - Monumento ao Fundador D. João V

concelhos do Crato e Alter do Chão, nem no *corpus* de Georg e Vera Leisner, que também percorreram o concelho de Alter, nem nos volumes sobre a rede viária romana editados por Mário Saa, nem em trabalhos mais antigos de investigadores como Leite de Vasconcelos, que por estas paragens deambularam, nenhuma informação de interesse arqueológico foi possível registar para a área que era matéria de estudo. Esgotada a bibliografia arqueológica, dirigimos a pesquisa para a secção de manuscritos da Biblioteca Pública de Évora, na esperança de encontrar alguma referência na correspondência de Frei Manuel do Cenáculo. Também nesses maços nada se identificou. Contudo, num maço de documentos vários, provavelmente reunidos por Cunha Rivara,

identificou-se um manuscrito, não datado, nem assinado, intitulado *Antiguidades de Alter do Chão* (B.P.E. Cód. CIX/1-16, n.º 67), cuja transcrição se apresenta em anexo. Pela caligra-

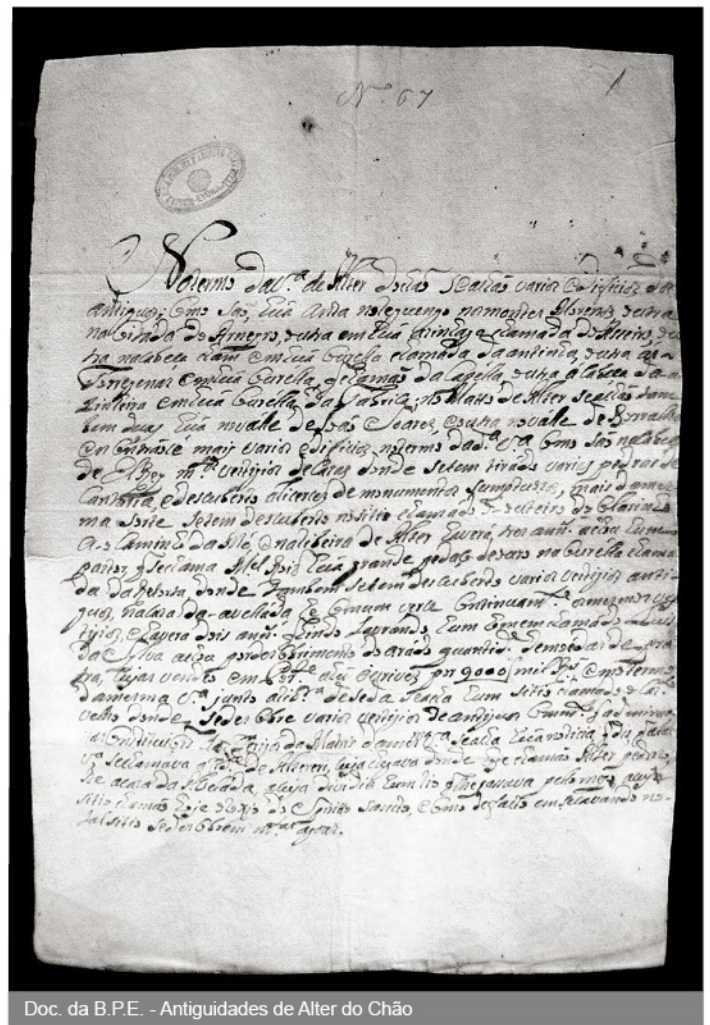
fia, cor da tinta e tipo de papel, parece tratar-se de um documento de meados dos finais do



PLANTA DA COUTADA DO ARNEIRO E TAPADAS ANEXAS
 Levantada em 1858 pelo Tenente-coronel de engenharia J. A. de Abreu

século XVII ou inícios do século XVIII, que relata a existência de um conjunto assinalável de testemunhos arqueológicos, dando especial atenção às antas. Neste manuscrito, para

além de outros monumentos megalíticos, refere-se a existência de uma “anta no Reguengo” e outra na “Coutada do Arneiro”. Estes topónimos situam-se na área da actual coudelaria e, de facto, tal como as prospecções de campo vieram a confirmar, alguns dos dólmenes identificados poderão ser os que se encontram referidos no manuscrito da Biblioteca Pública de Évora. Para além da pesquisa em documentação manuscrita, procuraram-se outras fontes de informação, com especial destaque para as vulgarmente denominadas *Memórias Paroquiais*. Nesta documentação foi possível reconhecer ter existido, na actual área da



Doc. da B.P.E. - Antiquidades de Alter do Chão

30

coudelaria, uma ermida de invocação de S. Bento e a Igreja Paroquial de S. Bartolomeu do Reguengo. Concluída a recolha bibliográfica, os trabalhos de prospecção vieram a revelar uma densidade surpreendente de testemunhos arqueológicos, dos quais se destacam sete antas, vários núcleos de *habitat* pré-históricos, conjuntos de afloramentos graníticos, com arte rupestre esquemática, diversas sepulturas escavadas na rocha e as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu.

Perante esta surpreendente riqueza arqueológica, entendeu a Direcção da Coudelaria convidar a Universidade de Évora a apresentar um projecto de estudo, valorização e divulga-

ção deste interessante complexo arqueológico. Projectou-se, assim, numa primeira fase, um conjunto de acções destinadas a avaliar o potencial arqueológico identificado durante as prospecções e, numa fase subsequente, o estudo pormenorizado de jazidas que se viessem a seleccionar. As intervenções previstas destinavam-se, igualmente, a estabelecer um percurso visitável e de fácil interpretação ao vasto conjunto de turistas que anualmente visitam a Coudelaria de Alter. Com base no levantamento arqueológico, foi possível isolar duas áreas de interesse e grande potencial arqueológico: o Núcleo do Vale de Carreiras e o Complexo do Reguengo. O primeiro, situado na zona ocidental da Coudelaria, é constituído, maioritariamente, por vestígios pré-históricos onde ocorrem várias sepulturas megalíticas e diversos contextos de *habitat*, provavelmente contemporâneos dos construtores dos dólmenes. O segundo núcleo, que denominámos por Complexo Arqueológico do Reguengo, situa-se na zona oriental, junto à entrada da Coudelaria e prolonga-se até às imediações da zona edificada. Os diversos testemunhos arqueológicos até agora identificados neste complexo



Vista Geral da Coudelaria tirada do Monte de S. Miguel

abarcam um longo período de tempo, que se estende desde, pelo menos, o Neolítico antigo até ao século XIX. Destacam-se, pela sua singularidade e abundância, os diversos *locus* de



habitat neolíticos, o “santuário” com arte rupestre, os dois dólmenes, a alongada necrópole alto-medieval e as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu. A presença romana e islâmica está também atestada, embora com vestígios residuais. Os testemunhos romanos reduzem-se a pequenos fragmentos de cerâmica que ocorrem em zonas de revolvimento, nas imediações da Igreja de S. Bartolomeu, e ao pequeno espaço de habitação identificado no interior da grande fossa de violação registada no interior da câmara da Anta da Soalheira. A presença islâmica apenas é atestada pela recolha, em terras de superfície, no *habitat* pré-histórico da

Toca da Raposa, de uma moeda de prata cunhada ao tempo de Abederramão II. Fora destes dois núcleos, na margem oposta da ribeira que circunda o Vale de Carreiras, situa-se a Anta da Várzea Grande, junto da qual se identificou, igualmente, mais uma sepultura escavada

na rocha. Estes dois testemunhos poderão configurar, se novas prospecções vierem a ser desenvolvidas, outro núcleo arqueológico, eventualmente correlacionável com os vestígios situados para lá



Ermida de S. Miguel

do muro da Coudelaria, onde se incluem as antas da Torrejana e as estruturas romanas do Monte da Porra, também conhecido por Casa da Aveleda. A modelação do terreno, marcado pela grande várzea da Coudelaria, parece isolar este provável conjunto arqueológico do núcleo do Vale de Carreiras, conferindo-lhe, do ponto de vista geomorfológico, unidades próprias. Efectuado o diagnóstico do potencial arqueológico de superfície da Coudelaria de Alter, elaborou-se um primeiro plano de trabalhos de investigação e valorização do seu património. Em convergência com o plano de desenvolvimento interno da Coudelaria, projectou-se o início dos trabalhos para o Complexo Arqueológico do Reguengo. Perspectivaram-se,

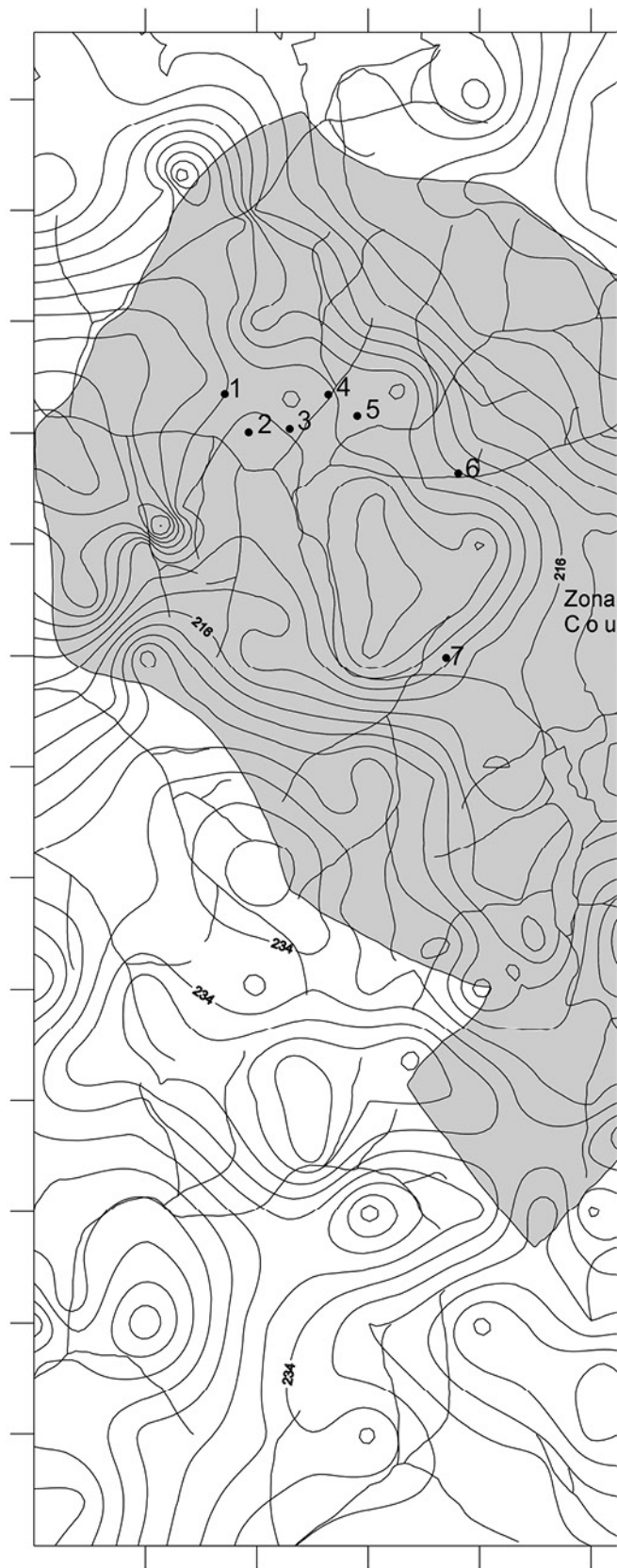
COUDELARIA DE ALTER

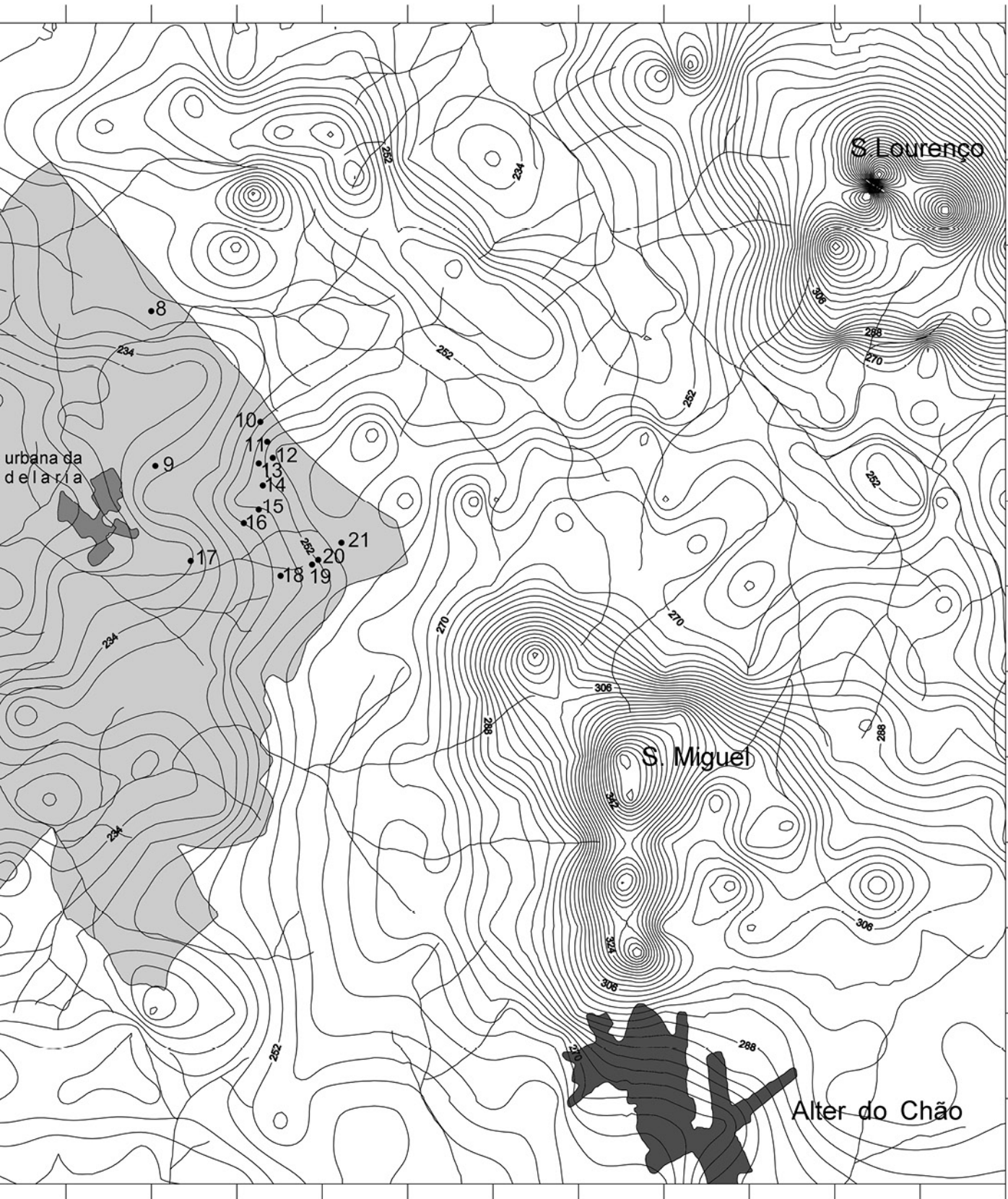
JAZIDAS ARQUEOLÓGICAS

Legenda

- 1-Anta do Vale de Carreiras IV
- 2-Anta do Vale de Carreiras III
- 3-Habitat Neolítico
- 4-Anta do Vale de Carreiras II
- 5-Anta do Vale de Carreiras I
- 6-Choça
- 7-Anta da Varzea Grande
- 8-Habitat Alto-Medieval/Moderno da Fonte da Areia
- 9-Anta da Soalheira
- 10-Igreja de S. Bartolomeo
- 11-Habitat Neolítico do Reguengo
- 12-Santuário Pré-Histórico
- 13-Anta da Horta
- 14-Habitat Calcolítico
- 15-Sepultura V
- 16-Loci da Porta do Tempo
- 17-Sepultura VI
- 18-Sepultura IV
- 19-Sepultura II
- 20-Sepultura III
- 21-Sepultura I

0 1 Km





logo de início, duas fases de trabalhos. A primeira destinava-se, sobretudo, a avaliar o potencial arqueológico dos sítios definidos como zonas de *habitat* pré-históricos, à limpeza dos suportes e levantamento da arte rupestre, à desobstrução, escavação e reabilitação da Anta da Soalheira e da Anta da Horta, à limpeza e estudo da necrópole alto-medieval e à interpretação e valorização das ruínas da Igreja de S. Bartolomeu. Decorrente dos resultados dessa primeira campanha, realizada em 2003, providenciara-se uma segunda campanha destinada a aprofundar conhecimentos conducentes a uma melhor interpretação da história antiga da área hoje ocupada pela Coudelaria de Alter. A segunda campanha veio a decorrer entre Abril de 2005 e Março de 2006. Durante esta campanha, realizámos trabalhos na Anta da Várzea Grande, em dois *locus* do *Habitat* pré-histórico da Porta do Tempo, *Locus 2* e *Locus* da Toca da Raposa e no *Habitat* pré-histórico do Reguengo, assim como, em colaboração com a equipa que estuda a ocupação paleolítica do Norte Alentejano, dirigida por Nélson Almeida, se procedem a prospecções sistemáticas e pequenas sondagens destinadas a avaliar e caracterizar os potenciais testemunhos paleolíticos existentes nos terrenos da Coudelaria.

Os apoios para o desenvolvimento da primeira campanha foram obtidos através de uma candidatura apresentada pela Coudelaria de Alter ao POC - Programa Operacional da Cultura, e para o desenvolvimento da segunda, através de outra candidatura apresentada à AINA (Acção Integrada do Norte Alentejano), que possibilitaram que equipas de arqueologia da Universidade de Évora, no âmbito das cadeiras de Prática Arqueológica, Métodos e Técnicas de Arqueologia e Seminário de Arqueologia das Licenciaturas de História – Variante de Arqueologia e Variante de Património Cultural aqui pudessem ser leccionadas.

Apresenta-se agora uma síntese dos resultados obtidos em cada um dos sítios arqueológicos intervencionados na área da Coudelaria de Alter.







2. INTERVENÇÕES

2.1. *HABITAT* PRÉ-HISTÓRICO DO REGUENGO

2.1.1. O CONTEXTO

O *Habitat* Pré-histórico do Reguengo situa-se no extremo este da Coude-laria, em terrenos que outrora faziam parte da zona periférica da aldeia do Reguengo e que foram incorporados na área da Coude-laria, nos finais da década de 40, do século vinte. Grandes formações graníticas, de entre as quais se destaca a Pedra da Águia, com mais de quatro metros de altura, ponto mais alto de toda a propriedade, marcam a paisagem envolvente. Foi no entorno da Pedra da Águia que Clara Oliveira, durante os trabalhos de prospecção, identificou cerâmicas pré-históricas e restos de talhe em sílex, o que a conduziu à sua classificação

como espaço de *habitat*. Estas formações graníticas estendem-se no sentido Norte-Sul por cerca de cem metros e no sentido Este-Oeste em cerca de 25 metros. Nestes afloramentos podemos isolar dois núcleos. O mais a Norte, onde emerge a Pedra da Águia, foi classificado por Clara Oliveira como *habitat* do Reguengo e o que se localiza no extremo Sul por “Santuário do Reguengo”. A identificação de diversos painéis com covinhas gravadas sobre as superfícies dos afloramentos da zona do “Santuário” e a diminuta ocorrência de materiais de superfície estiveram na origem desta diferenciação funcional do espaço. Acresce a estas evidências o reconhecimento na zona do “Santuário”, da denominação popular de “oliveiras do feitiço” atribuída a um conjunto de velhas oliveiras que envolvem um recinto parcialmente natural formado por afloramentos onde ocorre a maior concentração de covinhas. Na memória local ainda se fala de uma maldição que recairia sobre quem descansasse à sombra das “oliveiras do feitiço”. Esta maldição consubstanciar-se-ia em ataques de loucura e visões infernais. É exactamente neste sítio que se situa o afloramento com maior carga simbólica decorativa e, paradoxalmente, o mesmo que apresenta maior sinal de destruição intencional. Contudo, este recanto é o mais aprazível para o repouso e do qual se desfruta a melhor vista sobre o poente e onde o pôr-do-sol assume maior beleza, sendo, igualmente, nessa direcção, a escassos cinquenta metros que se situa a Anta da Horta. Provavelmente, por ser um dos locais mais apetecíveis para o descanso, sobretudo nas tardes mais quentes dos abrasadores

verões, ter-se-á criado esta historieta, por forma a evitar sextas demasiado prolongadas durante as fainas agrícolas. Recorde-se que, cerca de cem metros para Norte, se situam as ruínas da Igreja de S. Bartolomeu, santo invocado para a cura das doenças do foro psíquico. Parece, assim, existir toda uma forte carga espiritual relacionada com este espaço que remonta, pelo menos, ao Neolítico mais antigo e que, de forma ininterrupta, se prolongou até aos nossos dias. A actualidade desta carga simbólica está ainda de tal forma bem presente que um dos nossos informantes se recusou a aproximar-se do local e nos desaconselhou que procedêssemos à sua escavação, lembrando-nos que nem as éguas da Coudelaria comem a erva que aí cresce. Na verdade, o recanto envolto pelas denominadas “oliveiras do feitiço” permite o desenvolvimento de um coberto contínuo de grandes urtigas, que provocará a sua rejeição por parte das éguas. Tentando esquecer a história da demência e visões infernais, mantivemos o propósito de aí proceder a uma escavação e ao registo dos painéis gravados, que mais à frente descreveremos, e à abertura de várias sondagens no entorno da Pedra da Águia, definido, à partida, como espaço de *habitat*. Embora todo o conjunto possa apresentar uma leitura contínua, optámos por manter a separação funcional proposta por Clara Oliveira e que, de alguma forma, os trabalhos de escavação parecem confirmar. Mantivemos, assim, a denominação de *habitat* do Reguengo ao espaço envolvente da Pedra da Águia e de Santuário ao conjunto de afloramentos decorados com arte rupestre que se situa mais a Sul.

2.1.2. SONDAGENS NO HABITAT DO REGUENGO

Os trabalhos desenvolvidos no *Habitat* do Reguengo decorreram em três fases. Durante a primeira, o IPA apenas nos autorizou a proceder à limpeza do coberto vegetal e à cartografia dos afloramentos. Para a realização do levantamento, utilizou-se a rede altimétrica própria da Coudelaria. Estes trabalhos decorreram nos finais de 2001. A segunda campanha, já com nova direcção no IPA e novos técnicos na Extensão do Crato, possibilitou-nos, então, dar início aos trabalhos de escavação. A segunda fase decorreu entre Julho e Setembro de 2003. Decorrente dessa campanha, cujos resultados não foram suficientemente esclarecedores, realizámos uma terceira campanha, que decorreu entre Julho e Outubro de 2005. Ao longo destas três campanhas, abriram-se sete sondagens. Quatro na face norte dos afloramentos e as restantes três na face sul.

O *habitat* pré-histórico do Reguengo possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS num ponto central dos afloramentos: UTM: X - 614157; Y - 4342784; Geográficas: 007° 40' 39.1'' W, 039° 13' 34.3'' N.

Em torno do grande afloramento, localmente denominado por “Pedra da Águia”, o de maiores dimen-



Vista geral da Pedra da Águia



Início das decapagens



Escavação do empedrado



Empedrado da sondagem 2



Sondagem 3



Desenho dos fornos



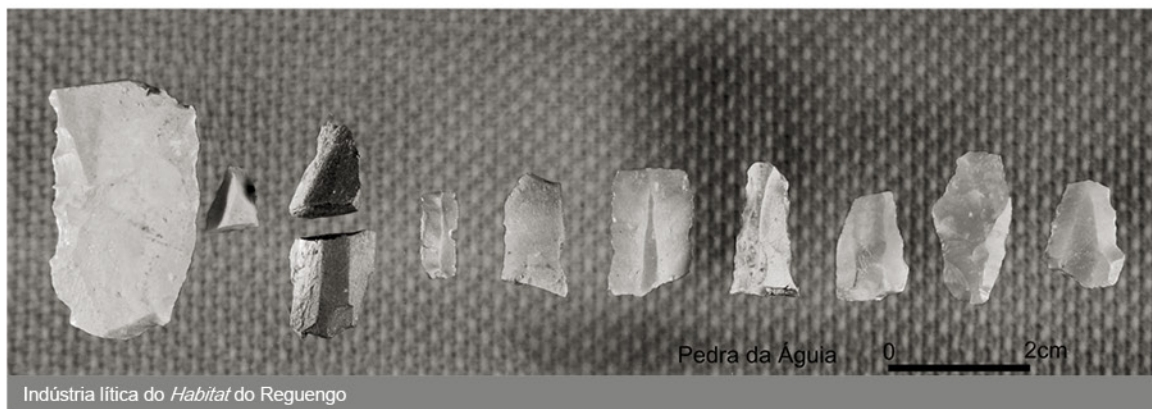
Empedrado em O / P 9 e 10



Empedrado e fornos em O / P 9 e 10



Fornos de P 10



sões e sobretudo o mais alto de toda a Coudelaria, outros afloramentos definem pequenos abrigos propícios ao estabelecimento de acampamentos. O recanto mais aprazível situa-se na face norte da Pedra da Águia. A superfície do terreno apresentava-se muito regularizada, ocorrendo pedras de pequeno e médio calibre, algumas com vestígios de argamassa. Por entre alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica muito rolados, registavam-se, também, fragmentos de tijoleira e de faiança azul e branca. Quando procedíamos à montagem da rede de quadrículas, fomos informados por um antigo funcionário da Coudelaria de que naquele local teria existido um pequeno casebre, destruído na década de quarenta, durante o alargamento das terras da Coudelaria e que faria parte da desaparecida aldeia do Reguengo. Ainda que esta informação pudesse pôr em causa os resultados esperados, mantivemos o nosso propósito e marcámos, para escavação, dois quadrados de 2 X 2 metros imediatamente encostados à face norte da “Pedra da Águia” (sondagens 1 e 4). Outros dois quadrados de 2 X 2 metros (sondagens 5 e 6) foram marcados em recantos distintos, cerca de oito metros para poente, mas igualmente na face norte dos afloramentos de maiores dimensões. A sondagem n.º 2 realizou-se no interior de um espaço bem abrigado, protegido a Norte pela Pedra da Águia e a Sul e Este por outros afloramentos. Esta sondagem, porque muito condicionada pela irregularidade dos contornos dos afloramentos, não permitiu a definição de quadrículas completas. A sondagem n.º 3, também de 2 X 2 metros, foi marcada numa suave pendente na zona SW do *habitat*, entre dois afloramentos que

parecem definir um dos acessos ao espaço principal. A sondagem n.º 7, a última a ser aberta e a que melhores resultados forneceu, foi marcada na face sul de dois grandes afloramentos que envolvem a sondagem n.º 2.

2.1.2.1. Sondagens 1 e 4

Nestas sondagens, os níveis de terra que se sucedem até à rocha-base parecem indicar uma utilização contínua deste espaço, ao longo do tempo. As primeiras camadas de terra, muito compactadas, apresentavam materiais datáveis da época Medieval até à Contemporânea, sendo sobretudo comum a presença de materiais de construção (tijolos, telhas, argamassas, cal e arames). Apareceram, também, nestes primeiros níveis, onde ocorreram várias bolsas com terras mais soltas, cerâmicas de cozinha de uso comum, vidros e faianças. Misturados com estes materiais mais recentes, ocorreram alguns materiais líticos pré-históricos, como restos de talhe em sílex e um fragmento de ponta de seta em quartzo.

Sob este nível de revolvimento, registou-se um outro, com terras mais compactas, onde ocorrem fragmentos de tijoleiras e *tegullae* e um pequeno fragmento de *sigillata* hispânica. Embora este nível apresente uma grande uniformidade artefactual, não se registou qualquer estrutura. Sob o nível com materiais romanos, identificou-se um último nível de terras mais claras e fortemente compactadas onde ocorreram pequenos fragmentos, muito rolados, de cerâmica pré-histórica. Este nível assentava directamente na rocha de base.

2.1.2.2. Sondagem 2

A sondagem n.º2 localiza-se num alongado nicho escondido por entre grandes afloramentos, onde múltiplas raízes trespassavam a área de escavação. Trata-se de um espaço alongado mas relativamente estreito. Do lado este existe, hoje em dia, uma oliveira de grande porte que tapa o acesso ao nicho. No próprio espaço existem pequenos recantos, os quais denominámos como sondagens 2 a), b) e c). A sondagem 2 a) localiza-se entre o grande penedo, no lado norte do nicho, o grande bloco de pedra, que define o lado este do nicho, e a pedra com uma covinha, depositada no meio do mesmo. A sondagem 2 b) encontra-se num pequeno recanto entre o grande penedo, no lado norte do nicho, e o grande bloco granítico, que define o lado oeste do mesmo. A sondagem 2 c) é constituída por uma fresta, de cerca de 40 cm de largura, entre os dois afloramentos no lado sul do nicho (*vide* plano da sondagem 2).

46

Durante os trabalhos de escavação, deparámo-nos com camadas sucessivas de terra com grande quantidade de pedra de pequeno e médio calibre. Estas camadas persistiram quase até à rocha. O depósito de pequenas pedras não apresentava qualquer disposição estruturada. Por entre as pedras e terras, identificaram-se materiais arqueológicos das mais variadas épocas: desde latas de sardinha e um chocalho, a faianças, a cerâmicas vidradas e a cerâmicas e líticos pré-históricos. Na verdade, quase até à rocha, o nível de revolvimento de terras comprovava a permanente ocupação daquele espaço, até aos nossos dias. Apenas nas camadas imediatamente acima da rocha e nos

pequenos recantos dentro do abrigo encontrámos níveis pré-históricos, possivelmente, sem violações. Este único nível de revolvimento tem uma potência média de 0,85 m.

Nas sondagens 2 a) e 2 b), à cota de 131,69 m, surgiu um nível de terra mais clara e solta, tipo saibro, que não se verificou no resto do nicho. Este nível de terra mais clara apresentou, exclusivamente, materiais datáveis pré-históricos, atribuíveis a momentos antigos do Neolítico. A potência média deste nível é de 0,35 m. Na sondagem 2 a), à cota de 131,43 m, apareceu um fragmento de cerâmica com decoração incisa, atribuível ao Neolítico antigo, ou médio.

Na sondagem 2 b), entre as cotas 131,69 e 131,39 m, registaram-se três fragmentos de lâmina, em sílex, um geométrico, em quartzo, um seixo (ovinho) e vários fragmentos de cerâmica neolítica, entre os quais três fragmentos de bordo.

Na sondagem 2 c), na fresta entre os dois afloramentos, ocorreram, também, materiais pré-históricos, depois de um primeiro nível com materiais recentes. Recolhemos desta sondagem um movente partido, dois fragmentos de lâmina em sílex, uma lamela em sílex, um núcleo em quartzo e um seixo rolado (ovinho).

2.1.2.3. Sondagem 3

Nesta sondagem, constituída por um quadrado incompleto de dois metros, apareceram, sobretudo, materiais muito recentes, da Idade Moderna e Contemporânea. Apresentava níveis de revolvimento, com muitas faianças, vidros, cerâmicas vidradas

e tijolo. Teria sido, talvez, um local de depósito de entulho. Nesta sondagem, os materiais pré-históricos identificados resumem-se apenas a quatro restos de talhe em sílex, um núcleo de quartzo, dois seixos rolados (ovinhos) e um bordo de cerâmica neolítico. Esta sondagem encontra-se numa cota mais baixa do que as 1 e 2, tendo sido, possivelmente, um local de escorrência.

2.1.2.4. Sondagem 5

Esta sondagem foi realizada numa pequena plataforma rodeada por afloramentos pouco elevados. A regularização do terreno indiciava grande potência de solo, o que nos levou a iniciar esta escavação. É constituída por um único quadrado de dois metros de lado, cuja designação na quadrícula geral corresponde ao H16. A proximidade dos afloramentos viria, no entanto, a condicionar negativamente a possibilidade de alcançar mais resultados, uma vez que atingimos a rocha a apenas 30 cm de profundidade. Os escassos materiais que aí foram identificados reportam-se a cronologias muito recentes, formados por fragmentos de cerâmica vidrada, fragmentos de tijolo e telha e argamassas. Contudo, por entre as terras soltas recolheram-se restos de talhe e uma pequena lamela, todos em sílex.

2.1.2.5. Sondagem 6

Por forma a definir a amplitude de ocupação do sítio, marcou-se outra sondagem no limite oeste das formações rochosas. Esta sexta sondagem de 2 X 2

metros de lado localiza-se entre afloramentos, em suave declive, num possível local de acesso natural ao espaço central. O nível geológico foi identificado a 40 cm de profundidade. Os resultados foram muito semelhantes aos das sondagens 3 e 5, anteriormente descritas: restos de materiais de construção e fragmentos de cerâmica, moderna e contemporânea, tudo em revolvimento. No meio da miscelânea de fragmentos cerâmicos, foi ainda encontrado um percutor esférico, em quartzo leitoso, e um resto de talhe, em sílex. No decorrer dos trabalhos de escavação, foi possível constatar um notório aumento da percentagem de cerâmica pré-histórica, à medida que se avançava em profundidade, embora tenha ficado excluída a possibilidade de existência de um nível conservado, facto comprovado pela recolha de materiais recentes junto ao nível geológico, como, por exemplo, um fragmento de ferradura. Notória foi, também, a acumulação de materiais no sentido da pendente, provocada, muito provavelmente, pelo escorrimento das águas da chuva.

2.1.2.6. Sondagem 7

Nas sondagens anteriores havíamos optado por escavar apenas na área a Norte dos principais afloramentos. Esta opção foi tomada com base na abundância de materiais recolhidos à superfície, mas também devido ao aspecto “acolhedor” do local. No entanto, ao tornarem-se evidentes as dificuldades de recolha de informação sobre a ocupação pré-histórica na face norte do sítio, optámos por abrir uma nova sondagem (sondagem 7), a Sul dos grandes afloramentos. Esta zona, para além

de, também, apresentar materiais à superfície, oferecia a vantagem de se encontrar protegida do vento norte. Após os trabalhos de limpeza da vegetação, durante os quais foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica pré-histórica, foram marcados dois quadrados de dois metros de lado, correspondentemente O e P 9, encostados aos dois grandes afloramentos que limitaram a Sul a sondagem 2. Iniciados os trabalhos de escavação propriamente dita, deparámos com um primeiro nível bastante semelhante às camadas superiores das sondagens do lado norte composto por terra extremamente compactada, muito difícil de escavar, com constante presença de detritos de construção e mistura de materiais cerâmicos de várias épocas, sem qualquer ordem estratigráfica. Mais uma vez, há que referir que, nesta primeira camada, muito revolvida, não deixam de estar presentes numerosos fragmentos de cerâmica sem marcas de roda, assim como restos de talhe e fragmentos de lamelas. Nomeadamente, foram recuperados, no nível 1 de O e P 9, seis restos de talhe e um núcleo em sílex, uma lâmina e uma lamela, ambas em sílex e no que se reporta aos líticos polidos, um talão de um pequeno machado em rocha anfibólica.

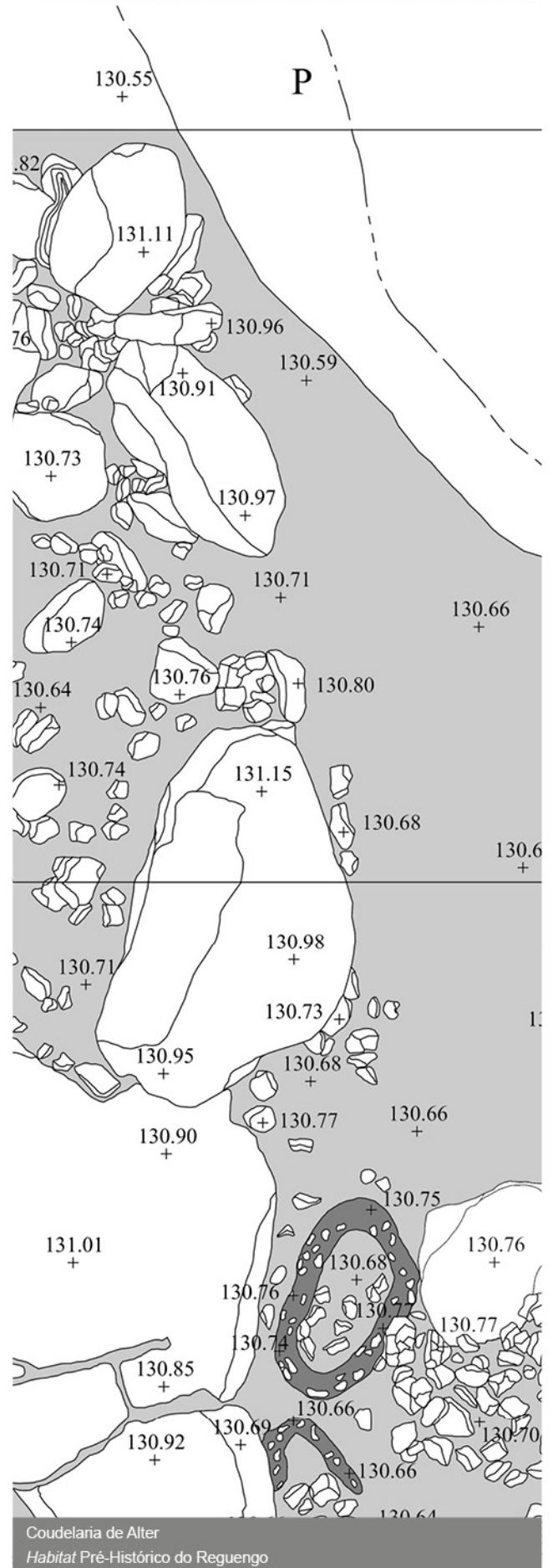
Cerca de 60 cm de profundidade, deparámos com uma súbita mudança na coloração da terra, que passou a apresentar-se castanha muito clara, praticamente branca junto aos afloramentos. Apresenta um aspecto arenoso e um elevado grau de compactação, que muito dificultou o avanço dos trabalhos. Neste nível, constatou-se o desaparecimento, quer dos detritos de construção, quer dos materiais de outras épocas. O espólio recuperado é, na sua maioria, composto por cerâmica pré-histórica lisa, estando, no entanto, pre-

sentes, também, cerca de uma dezena de fragmentos com decoração impressa e incisa. No que se reporta a materiais líticos, foram recuperados seis restos de talhe, três núcleos e um fragmento de lâmina, todos em sílex e ainda um percutor, em quartzito.

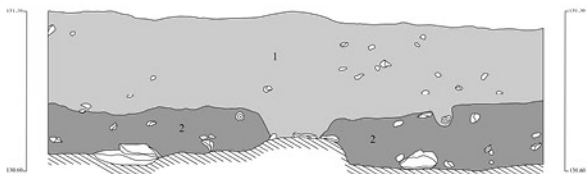
Foi nesta sondagem que se viria a identificar a principal descoberta do sítio da Pedra da Águia. Foi identificado um empedrado, bastante irregular, composto, maioritariamente, por blocos de rocha granítica escura, de pequena e média dimensão. Este empedrado apresenta-se delimitado a nascente por três grandes blocos também em granito, cuja disposição sugere que tenham feito parte de uma estrutura de *habitat*. A sua forma, aproximadamente triangular, acompanha, de forma quase perfeita, o perímetro dos dois grandes afloramentos adjacentes. Bordeja esta estrutura, delimitando os afloramentos, um vazio, com cerca de vinte centímetros de largura média, destinado a conduzir as águas que escorressem pelas faces dos batólitos. Há que referir que a totalidade das cerâmicas decoradas provém da área imediatamente acima do empedrado. Considerando que a estrutura identificada em O e P 10 aparentava desenvolver-se na direcção do corte sul, tomámos a decisão de alargar a sondagem. Devido à proximidade de um zambujo, optámos por marcar apenas meio quadrado no prolongamento de O 10 e um quadrado de dois metros de lado na continuação de P 10. As terras retiradas nos primeiros 60 cm apresentavam características idênticas às dos dois quadrados anteriormente descritos. Mais uma vez, no meio da amálgama de materiais de várias épocas, em revolvimento, foram encontrados vários restos de talhe, em sílex e mesmo um fragmento cerâmico decorado

com mamilo perfurado. Escavado o primeiro nível, entrámos no nível 2, que manteve as características anteriormente descritas. Como havíamos previsto, foi encontrado o prolongamento do empedrado junto ao corte noroeste de O 9, embora este só se desenvolva uns escassos 30 cm para Sul. A restante área do quadrado apresenta-se praticamente desprovida de pedras, à excepção de um grande bloco granítico, afloramento natural, identificado na continuação do alinhamento formado pelas três grandes pedras pertencentes à estrutura do empedrado, referidas anteriormente. Foi junto à face este deste novo afloramento que identificámos duas pequenas “estruturas” de forma ovóide, com um diâmetro máximo que não supera os 20 cm. Apresentam paredes de altura muito reduzida, cerca de 10 cm, formadas por terra mais compactada intercalada por um grande número de pequenos nódulos de argila cozida. A sua textura mostra ter sido alvo de temperaturas elevadas, que congregou os nódulos argilosos com a restante terra, igualmente, argilosa. No seu interior, o fundo estava coberto por uma camada de pequenos termoclastos, conservados *in situ*. Este mesmo tipo de pedras foi também encontrado junto ao limite este das referidas estruturas.

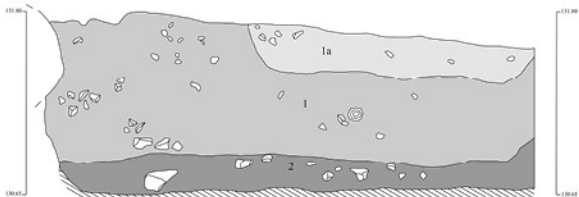
No que aos materiais diz respeito, o último nível dos dois novos quadrados produziu, mais uma vez, exclusivamente, espólio integrável em fases antigas do Neolítico. Factor que, aliado à presença de estruturas, parece apontar para a existência de um nível conservado no local. Para além dos frequentes fragmentos cerâmicos, foram recuperados restos de talhe, três núcleos, uma lâmina e dois furadores, todos eles em sílex, e ainda dois moventes de granito.



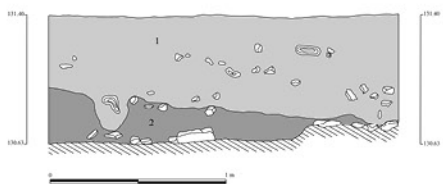
Coudearia de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 7
 Quadros 0 e P9
 Corte Estratigráfico Sul



Sondagem 7
 Quadros P9 e 10
 Corte Estratigráfico Este



Sondagem 7
 Quadro 09
 Corte Estratigráfico Oeste



COUDELARIA DE ALTER - SANTUÁRIO

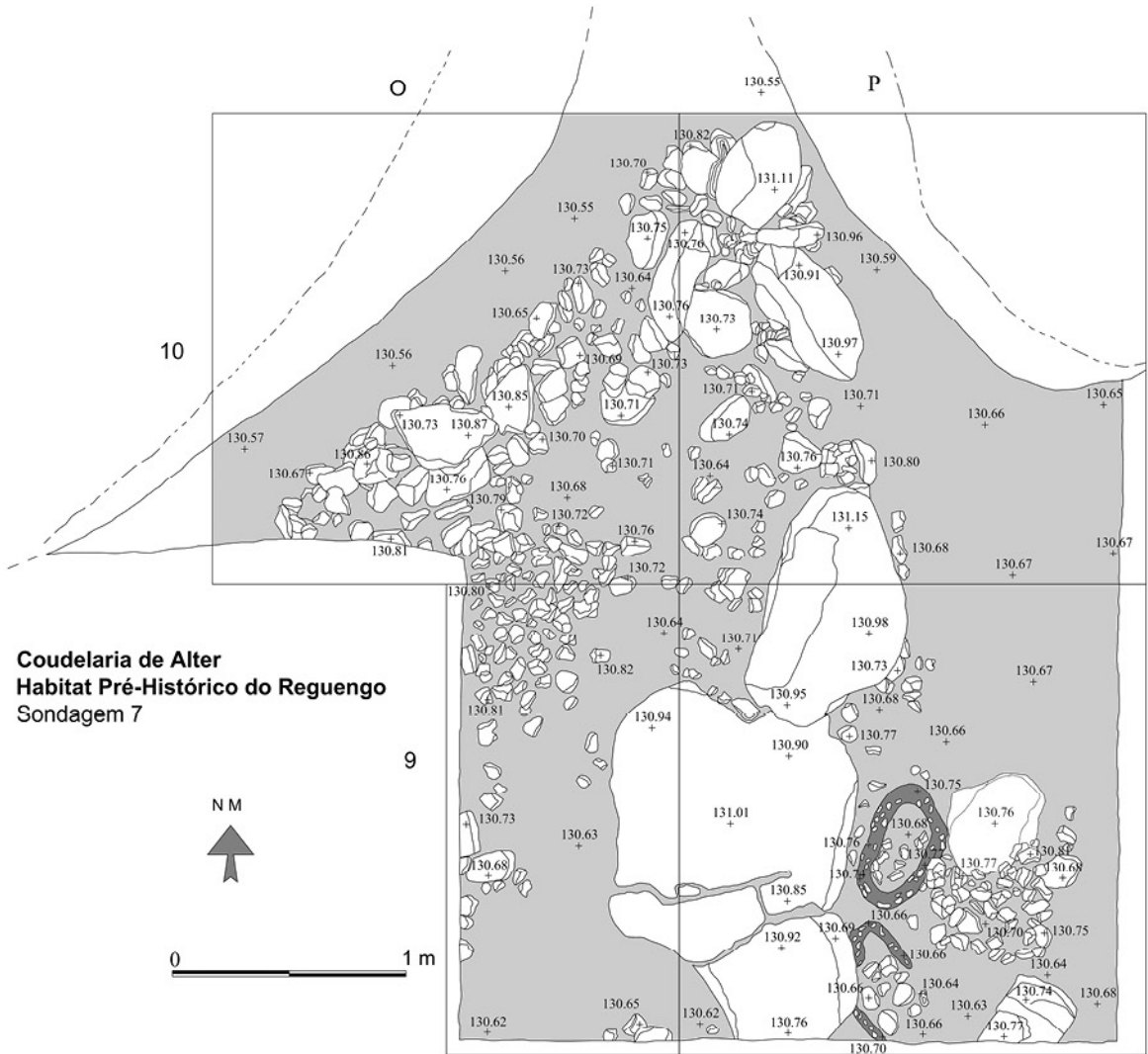
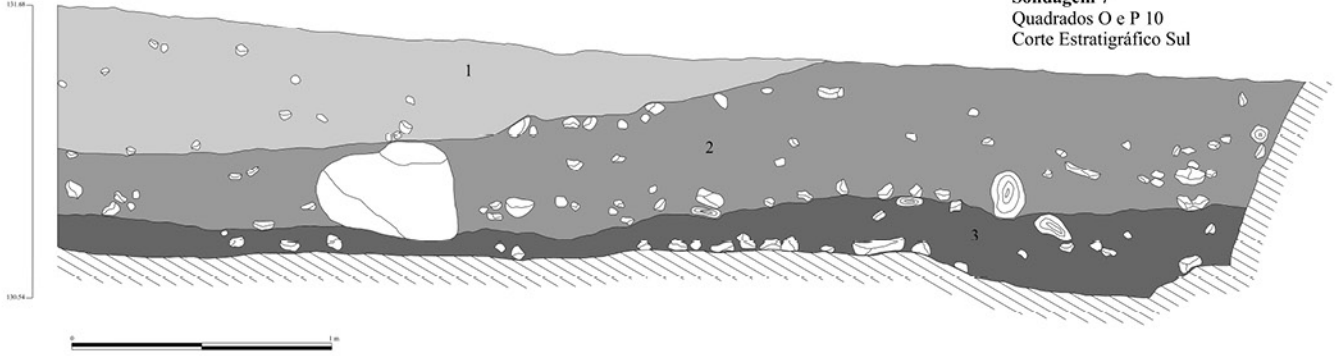
Localização dos painéis com arte rupestre e área escavada



● numeração dos painéis

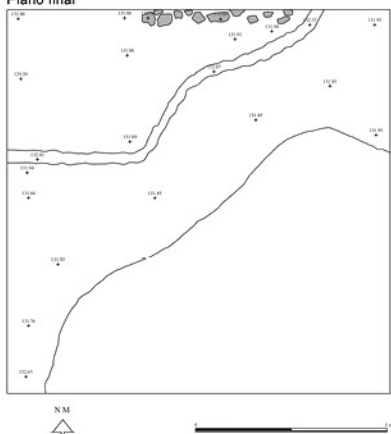


Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 7
Quadrados O e P 10
Corte Estratigráfico Sul

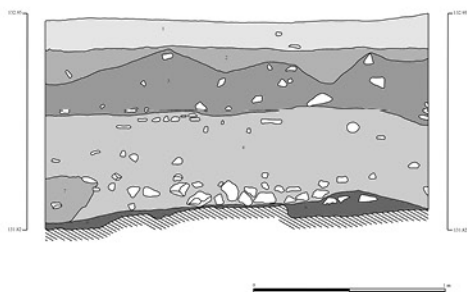


Coudelaria de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 7

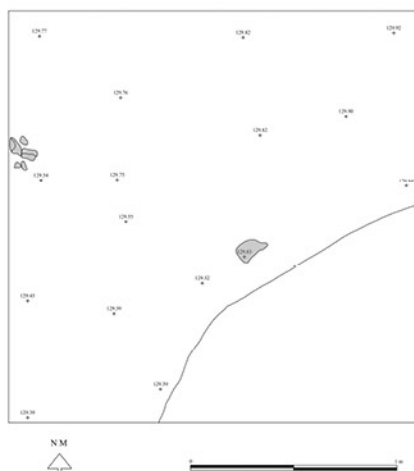
COUDELARIA DE ALTER
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 1 - quadrado N 14
Plano final



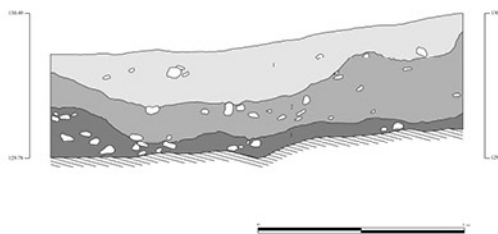
Sondagem 1 - Quadrado N 14
Corte Norte



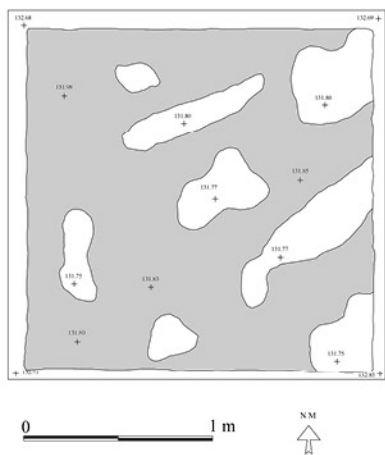
Coudeleira de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 3
Plano Final



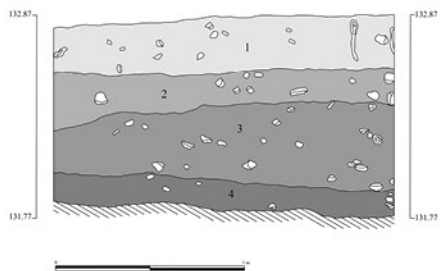
Coudeleira de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 3
Corte Estratigráfico Norte



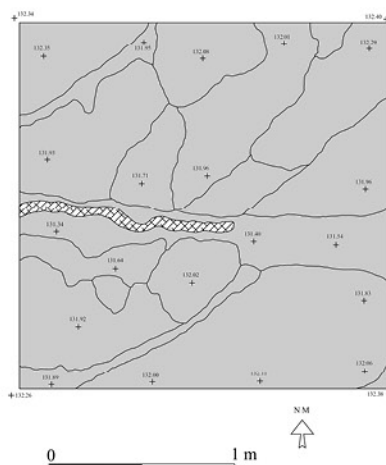
Habitat do Reguengo
Sondagem 4



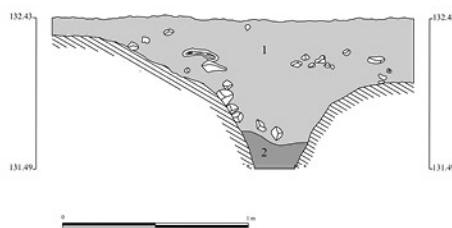
Sondagem 4
Quadrado N 15 - Corte ESTE



Habitat do Reguengo
Sondagem 5



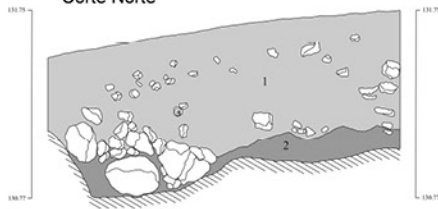
SONDAGEM 5 Quadrado H16
Corte ESTE



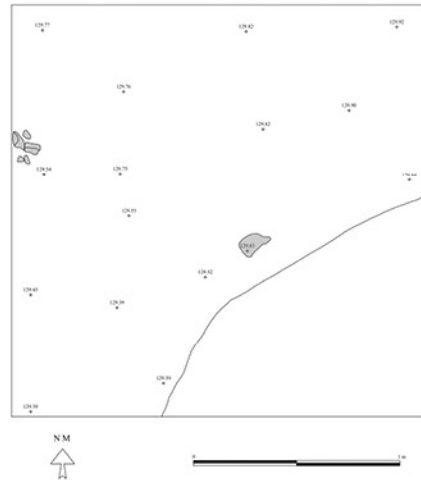
**HABITAT DO REGUENGO
SONDAGEM 6**



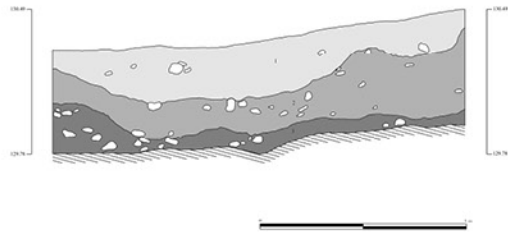
**SONDAGEM 6 - H13
Corte Norte**



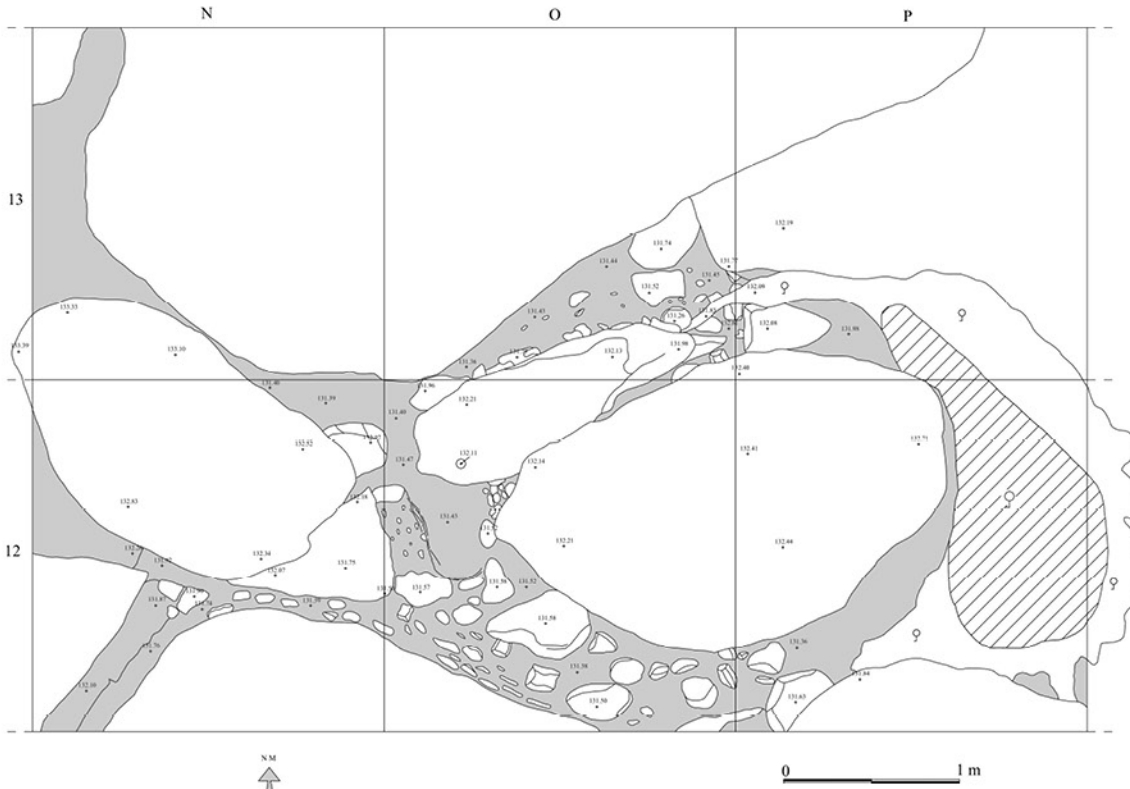
**Coudearia de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 3
Plano Final**



**Coudearia de Alter
Habitat Pré-Histórico do Reguengo
Sondagem 3
Corte Estratigráfico Norte**



**COUDELARIA DE ALTER
HABITAT DO REGUENGO
SONDAGEM 2**

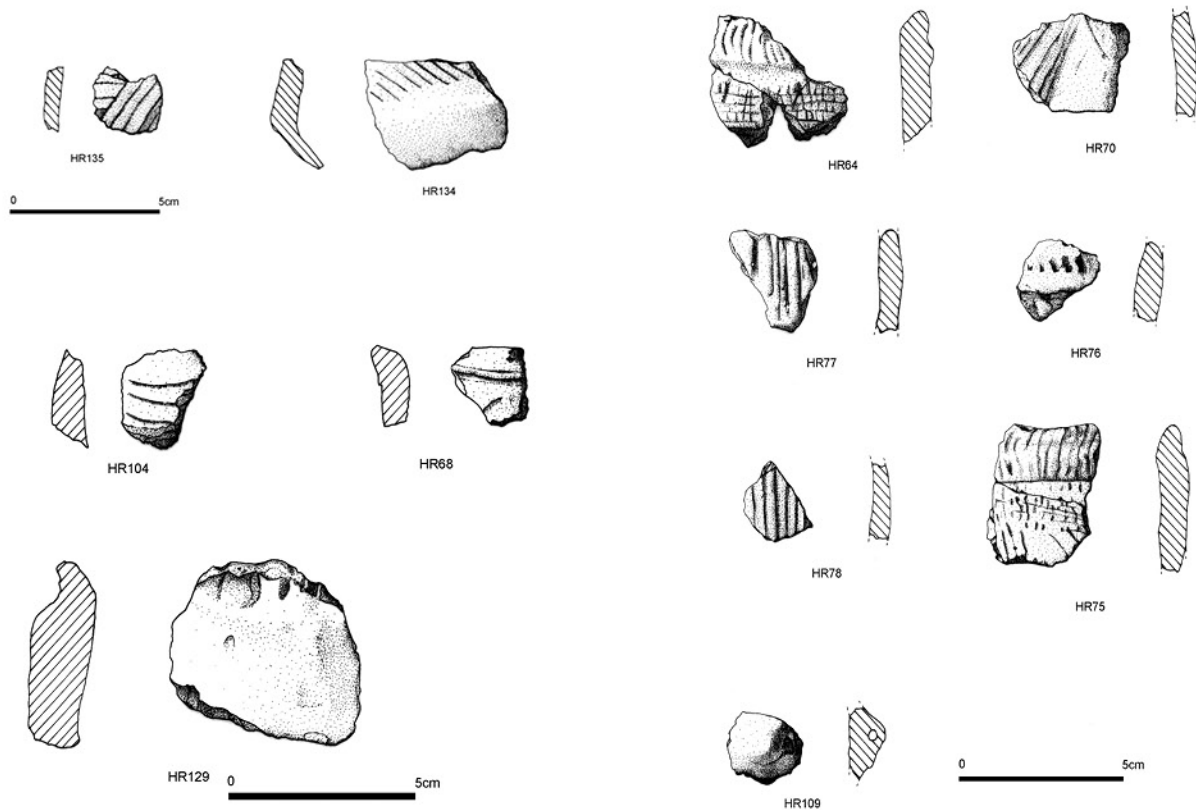


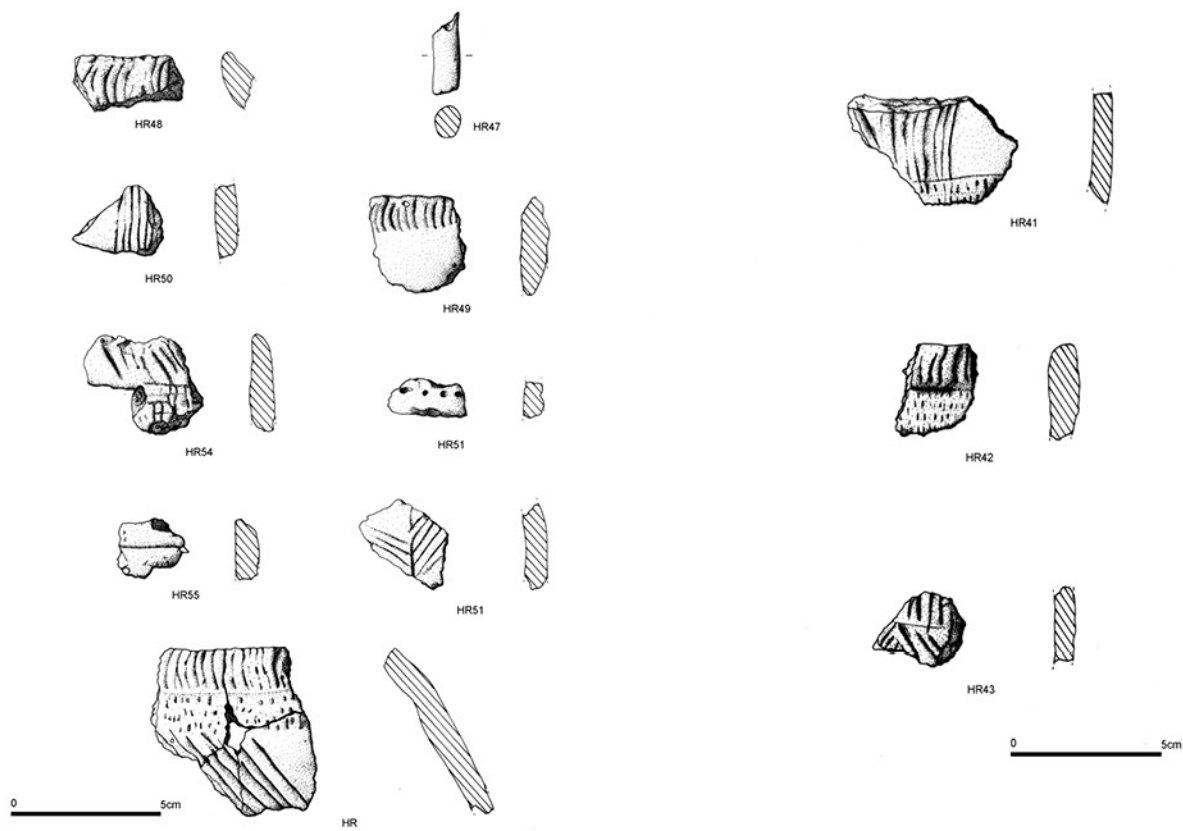
Coudelaria de Alter

Habitat do Reguengo

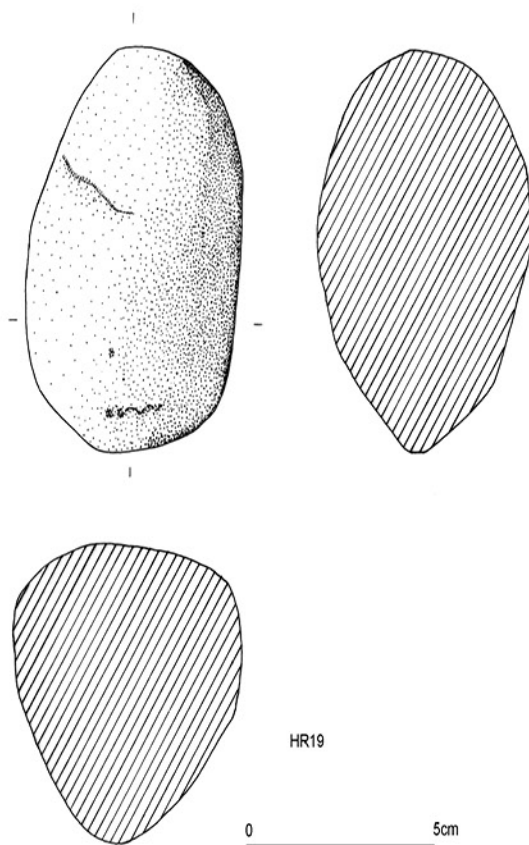
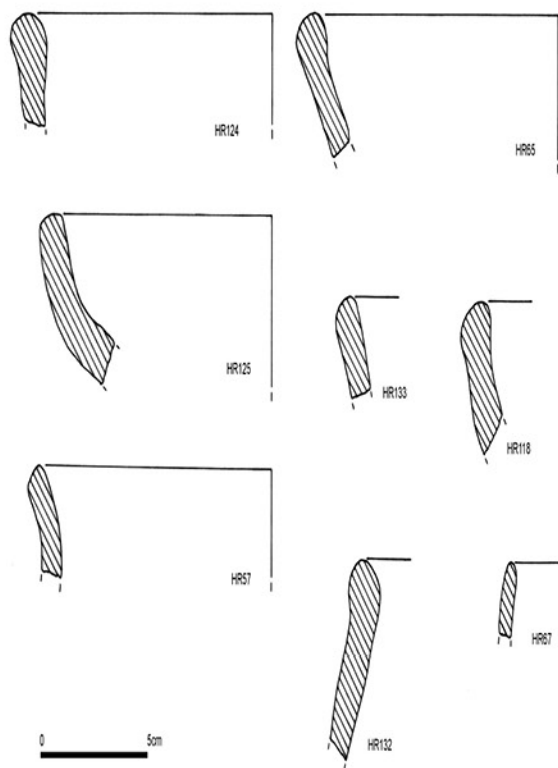
Sondagens abertas

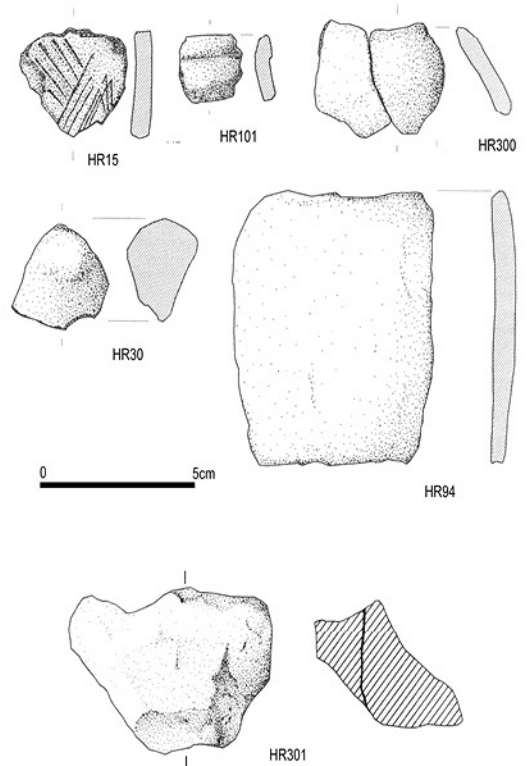
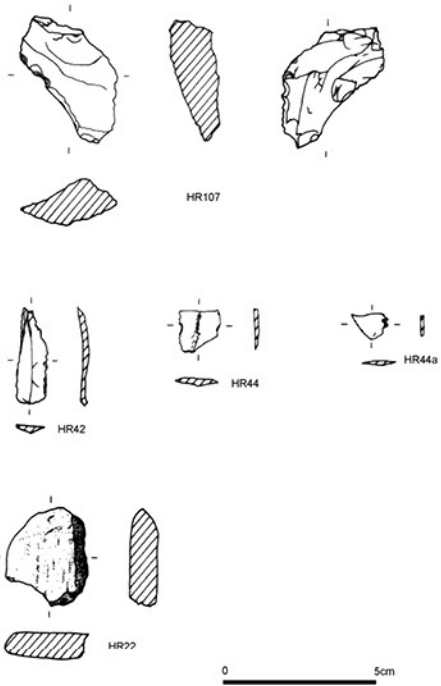
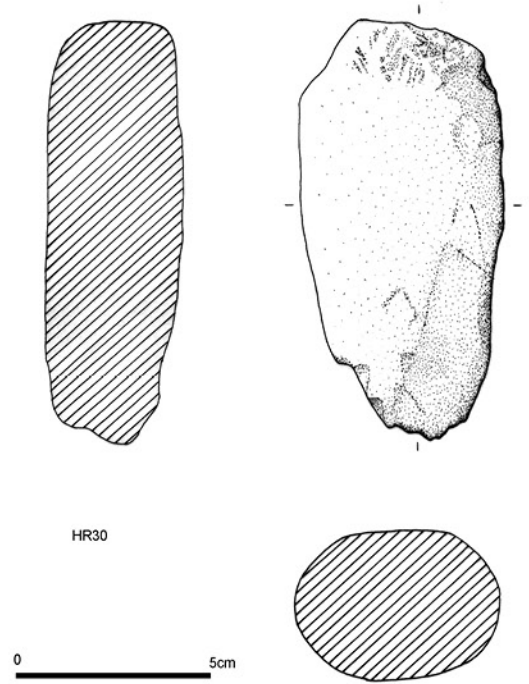
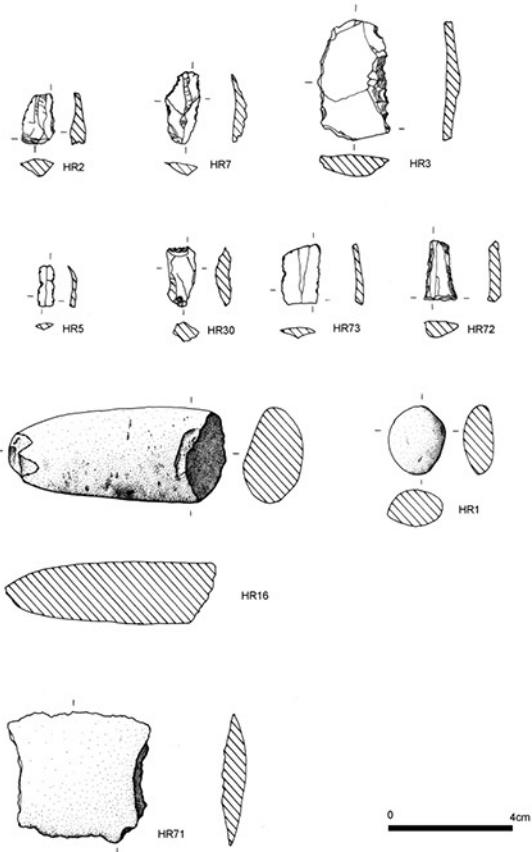




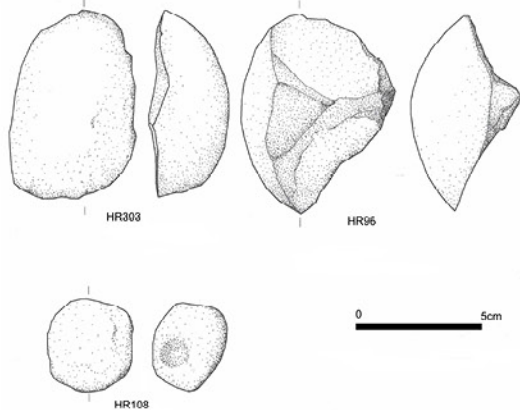
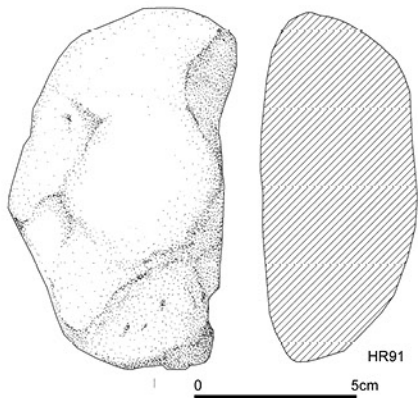
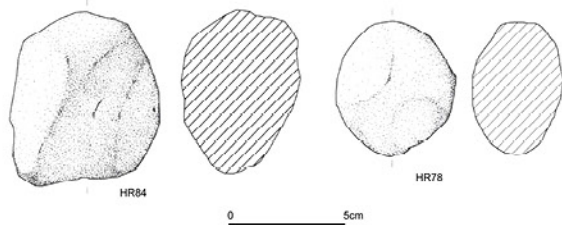
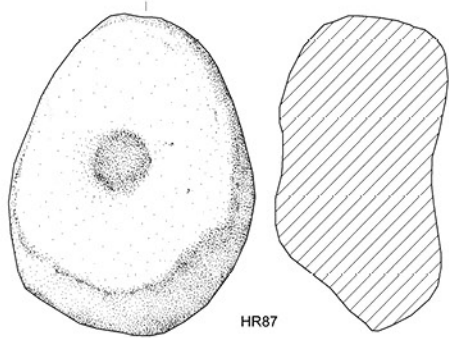
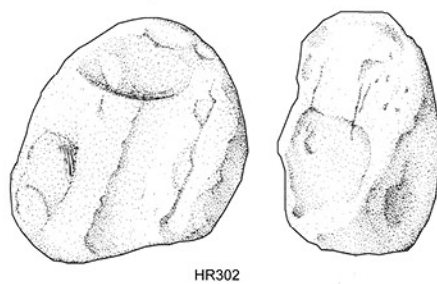
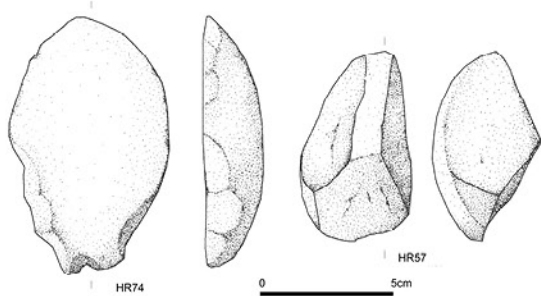
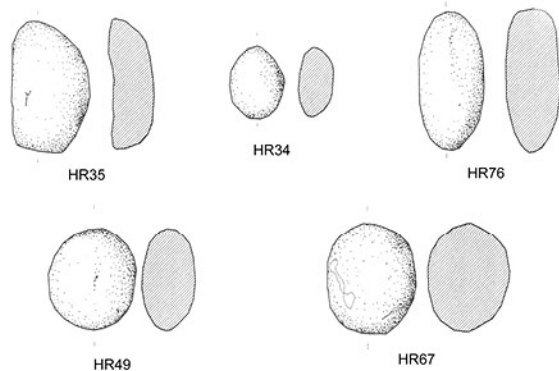
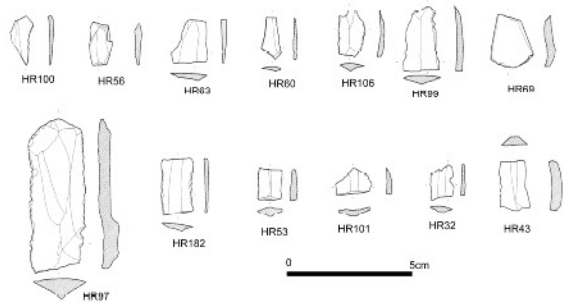


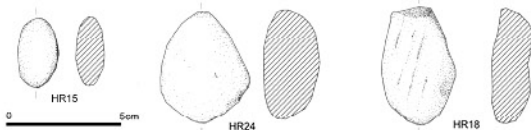
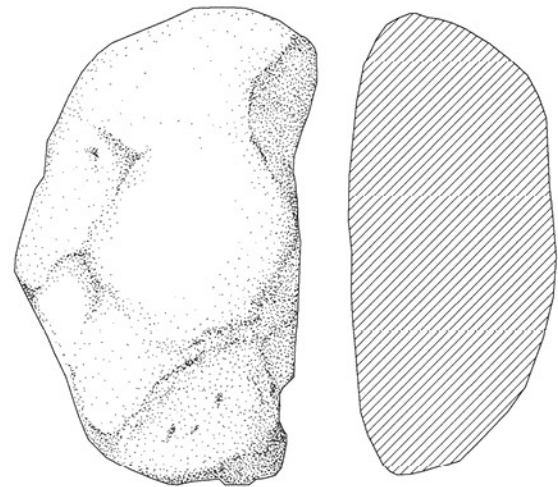
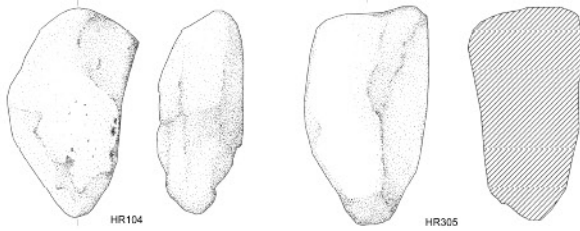
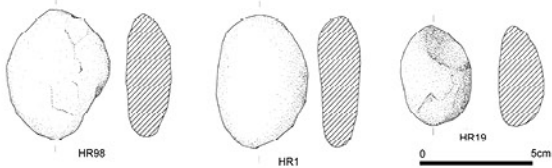
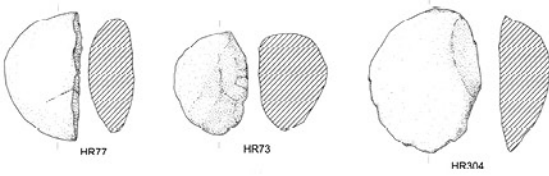
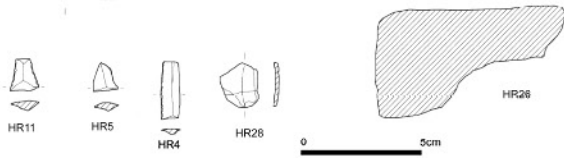
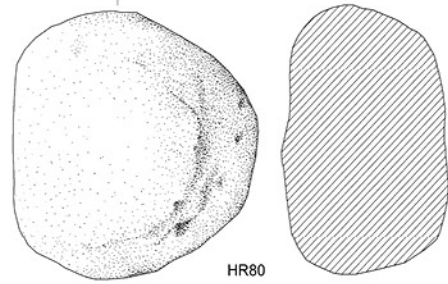
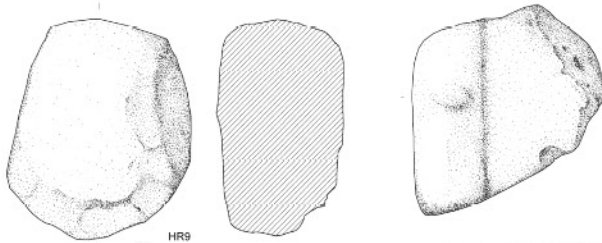
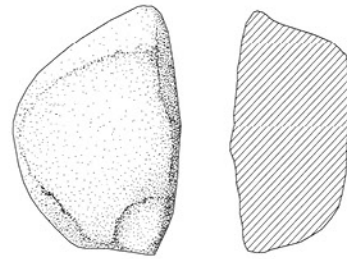
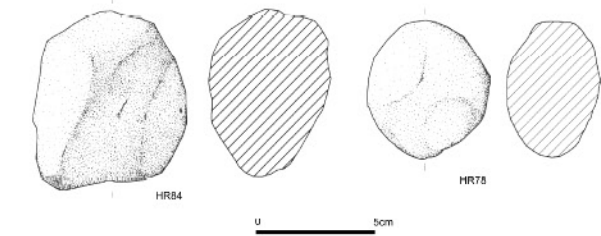
56





MATERIAIS DO HABITAT DO REGUENGO





MATERIAIS DO HABITAT DO REGUENGO



"Oliveiras do Feitiço" – visita das éguas

2.2. SANTUÁRIO PRÉ-HISTÓRICO DO REGUENGO

Os trabalhos que se efectuaram no local denominado por Santuário tinham como objectivo determinar a existência de testemunhos materiais soterrados que nos possibilitassem uma interpretação mais conclusiva. Aqui decorreram trabalhos em duas fases. A primeira, em Novembro de 2001, permitiu a extracção mecânica dos musgos que cobriam os afloramentos e a fotografia nocturna, com luz rasante, das manifestações artísticas gravadas sobre os batólitos. A segunda campanha, realizada entre Julho e Setembro de 2003, destinou-se à abertura de sondagens no interior do espaço denominado por “oliveiras do feitiço”. O “Santuário Pré-Histórico do Reguengo” é constituído por 22 afloramentos e blocos graníticos, que definem na zona central um pequeno recinto. Nalguns deles foram identificadas marcas de antropização: negativos de talhe, covinhas, filiformes e gravuras com representações astrais. Dos 22 afloramentos, apresentam gravações, maioritariamente covinhas, as seguintes rochas: 1, 5, 6, 7, 7a), 10, 11, 17, 18, 19, 21 e 22. A rocha n.º20 é a que apresenta maior carga simbólica, na qual se destaca uma representação solar raiada e representações lunares.

Um ponto central do recinto das “oliveiras do feitiço” possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 614181; Y - 4342713; Geográficas: 007°40'38.1''W; 039°13'32.0''N.



2.2.1. LEVANTAMENTO DAS ROCHAS DECORADAS DO SANTUÁRIO

Depois de se proceder ao levantamento fotográfico do sítio antes do início dos trabalhos, deu-se seguimento à limpeza do coberto vegetal em toda a área dos afloramentos. O denso revestimento de líquenes e musgos que revestiam a maioria dos blocos graníticos obrigou à sua prévia limpeza manual. Com espátulas de madeira e escovas de pêlo plástico removeu-se a camada superficial vegetal que cobria os afloramentos. Foi atribuída uma marcação numérica a todos os blocos graníticos, ainda que alguns não apresentem trabalho humano. À medida que se continuaram os trabalhos de limpeza, esta medida revelou-se necessária, pois foram-se detectando novas covinhas e sobretudo filiformes, antes não perceptíveis.

Terminada a limpeza, procedeu-se ao levantamento gráfico de todas as rochas. Para melhor leitura dos motivos gravados, procedeu-se à fotografia integral, com luz rasante, de todos os afloramentos.

Das vinte e duas rochas que compõem este espaço, pelo menos doze apresentam representações gráficas. Maioritariamente, as manifestações artísticas são constituídas por covinhas. Estas parecem ter sido produzidas por dois processos. Consta-se que nas formações graníticas desta zona ocorrem com muita frequência nódulos intrusivos, maioritariamente de forma esférica. Com a sua extracção natural, ou artificial, subsistem no afloramento os negativos, que, por si só, poderão ser confundidos com as comuns covinhas pré-históricas. Estamos seguros de que algumas das covinhas aqui presentes tiveram origem neste processo. Contudo, observando minuciosamente cada

uma delas, constata-se que o seu interior foi regularizado e nalguns casos aprofundado. Com auxílio de uma lupa de 40 aumentos, foi possível reconhecer os sulcos concêntricos da abrasão intencionalmente aplicada. Se algumas das covinhas resultaram, originalmente, da extracção de nódulos, outras há que foram intencionalmente abertas por mão humana. Na rocha n.º1, parece reconhecer-se a existência dos dois tipos acima descritos, o mesmo ocorrendo na rocha 22. Nesta, a covinha existente na face superior poderá ter tido uma origem artificial, enquanto que a identificada na face virada a Este resultará da regularização do negativo de um nódulo anteriormente extraído. As covinhas tanto ocorrem nas superfícies horizontais como nas verticais. Na rocha n.º17, para além de possuir covinhas de diversos diâmetros e distintas profundidades, parece reconhecer-se a presença de, pelo menos, uma linha vertical. A granulação de grande dimensão e a fraca compactação do granito destes afloramentos, associadas à forte erosão que apresentam, torna muito difícil a sua correcta leitura. Esta dificuldade foi ainda mais sentida durante a leitura da rocha n.º 20. Esta rocha, ao contrário de todas as outras, não se trata de um afloramento. Ela foi arrancada, transportada e colocada na vertical, no extremo norte no interior do recinto das “oliveiras do feitiço”. A superfície aplanada e que apresenta um painel profundamente decorado expõe-se a Sul, tendo a parte superior ligeiramente descaída para Norte. Esta rocha, igualmente de granito de grão muito grosso, apresenta claros sinais de múltiplas fracturas intencionais e sinais de outras tentativas de corte não consumadas. Na superfície decorada, do lado esquerdo, são bem visíveis sete entalhes sequenciais para

fractura, felizmente não conseguida. No actual limite esquerdo, reconhecem-se, ainda, os meios negativos de uma outra antiga extracção que lhe terá separado uma porção, a todo o comprimento. O motivo figurativo principal desta rocha encontra-se na zona central, da metade superior. Um grande nódulo, ligeiramente aplanado, de forma circular, de cor mais clara, com um diâmetro de cerca de 18 cm, foi intencionalmente avivado no seu contorno. Na zona central, foi gravado um outro círculo, com cerca de 6 cm de diâmetro, no centro do qual é observável um pequeno abatimento claramente artificial. Com luz rasante, é possível ainda observar que do contorno do nódulo nascem vários raios, configurando, nitidamente, uma representação solar. Sem querermos entrar em ambiente de especulação, não gostaríamos de deixar de aqui registar a percepção que nos foi dada, ao observarmos com luz rasante este disco solar. Os dois círculos concêntricos e sobretudo o pequeno abatimento central parecem representar um olho, transfigurado num sol. Um pouco mais abaixo, em relevo, ainda que muito desgastadas, são visíveis o que parece serem duas representações lunares. A que se representa imediatamente sob o disco solar parece ter as extremidades viradas para baixo, enquanto que, na outra, as extremidades estão viradas para cima. Vestígios de outros motivos decorativos, como prováveis serpentiformes, ocorrem por toda a superfície, sendo, contudo, hoje já muito difícil de compreender. Desconhecemos que outros elementos gráficos comportariam a rocha n.º20, na porção que lhe foi extraída e que eventualmente nos ajudariam a compreender melhor a mensagem gráfica que comporta.

Esta rocha, pela sua carga decorativa, por se tratar

da única que aí foi colocada intencionalmente, pela sua posição e orientação e sobretudo pelos múltiplos sinais de acções destrutivas que sofreu ao longo dos tempos, deverá ter desempenhado um papel significativo no ambiente mágico-religioso deste santuário. Para se tentar recolher mais elementos que nos possibilitassem compreender melhor este espaço e posicioná-lo crono-culturalmente, optámos por abrir uma sondagem na área central das “oliveiras do feitiço”.

2.2.2. SONDAGEM NO SANTUÁRIO DAS “OLIVEIRAS DO FEITIÇO”

As cotas utilizadas nesta escavação foram estabelecidas com base na rede interna de cotas da Coudelaria de Alter e foram transportadas a partir do lancil da porta das Casas Altas, com a cota de 102,25 metros. Iniciámos os trabalhos com uma limpeza do coberto vegetal em toda a área. De seguida, procedemos à marcação de uma rede de quadrículas, organizadas a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, nos sentidos Norte-Sul e Este-Oeste, magnéticos. A partir destes eixos estabeleceu-se uma quadrícula de 2 X 2 metros de lado que cobriu toda a área a intervencionar. A rede de quadrículas foi denominada por um sistema alfanumérico. Inicialmente, marcou-se apenas uma quadrícula de 2 x 2m que se denominou J-10. Marcou-se, posteriormente, a quadrícula J-11 e J-12 a), com, respectivamente, 2 m e 1 m para Norte e a quadrícula I-10 b) com 1 m para Oeste da quadrícula J-10.

Na zona intervencionada, diferenciaram-se três principais camadas estratigráficas distintas, a saber: O primeiro nível é constituído por terras soltas e gra-



Vista geral do Santuário



Vista geral das "oliveiras do feitiço"



Limpeza das rochas decoradas



Fotografia com luz rasante



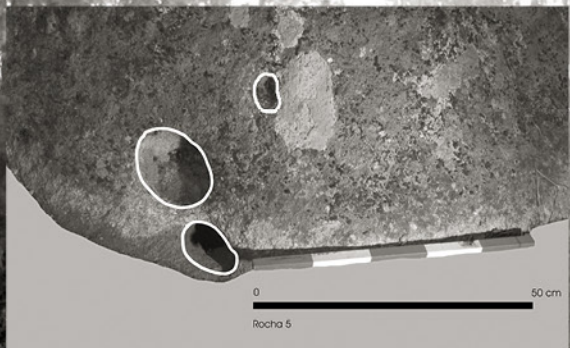
Sondagem nas "oliveiras do feitiço"



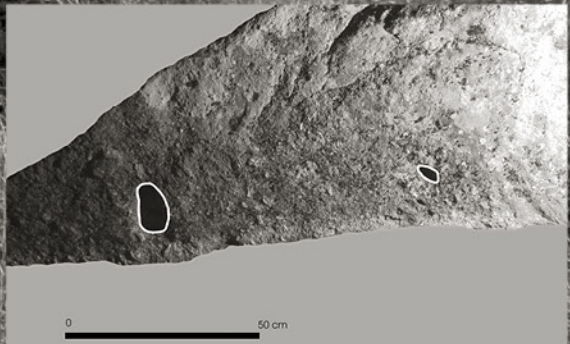
Vista geral da área escavada



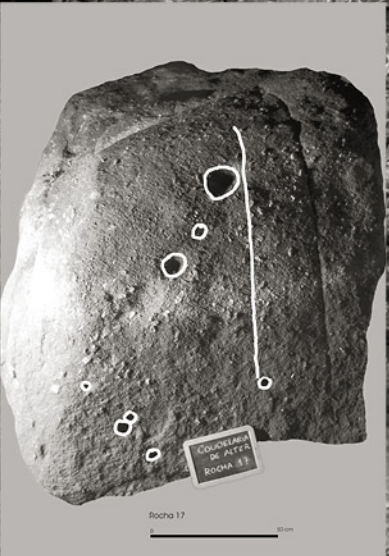
Visita de Primitiva Bueno e Rodrigo Balbin à arte rupestre da Coudelaria



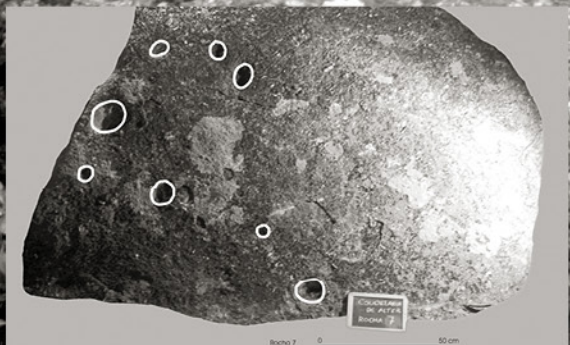
Rocha 5



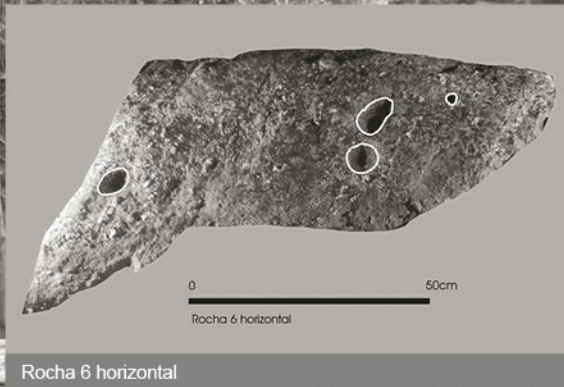
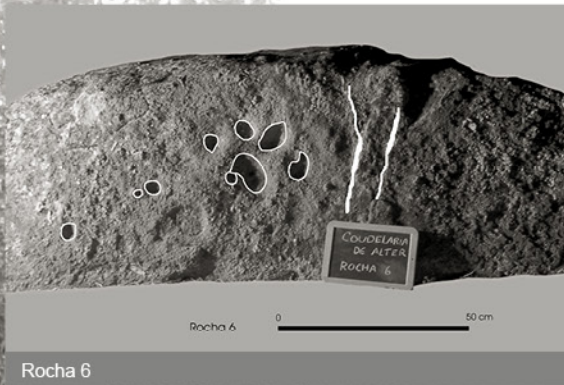
Rocha 6-Base



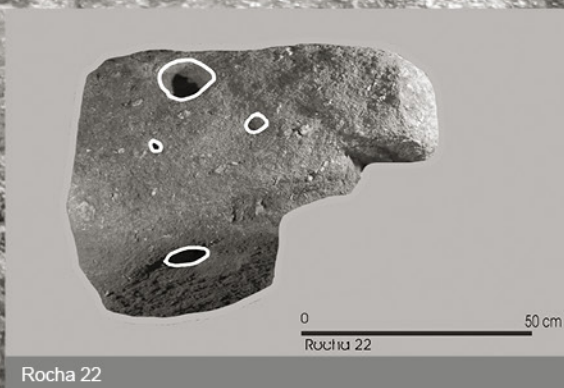
Rocha 17



Rocha 7



Rocha 6 horizontal

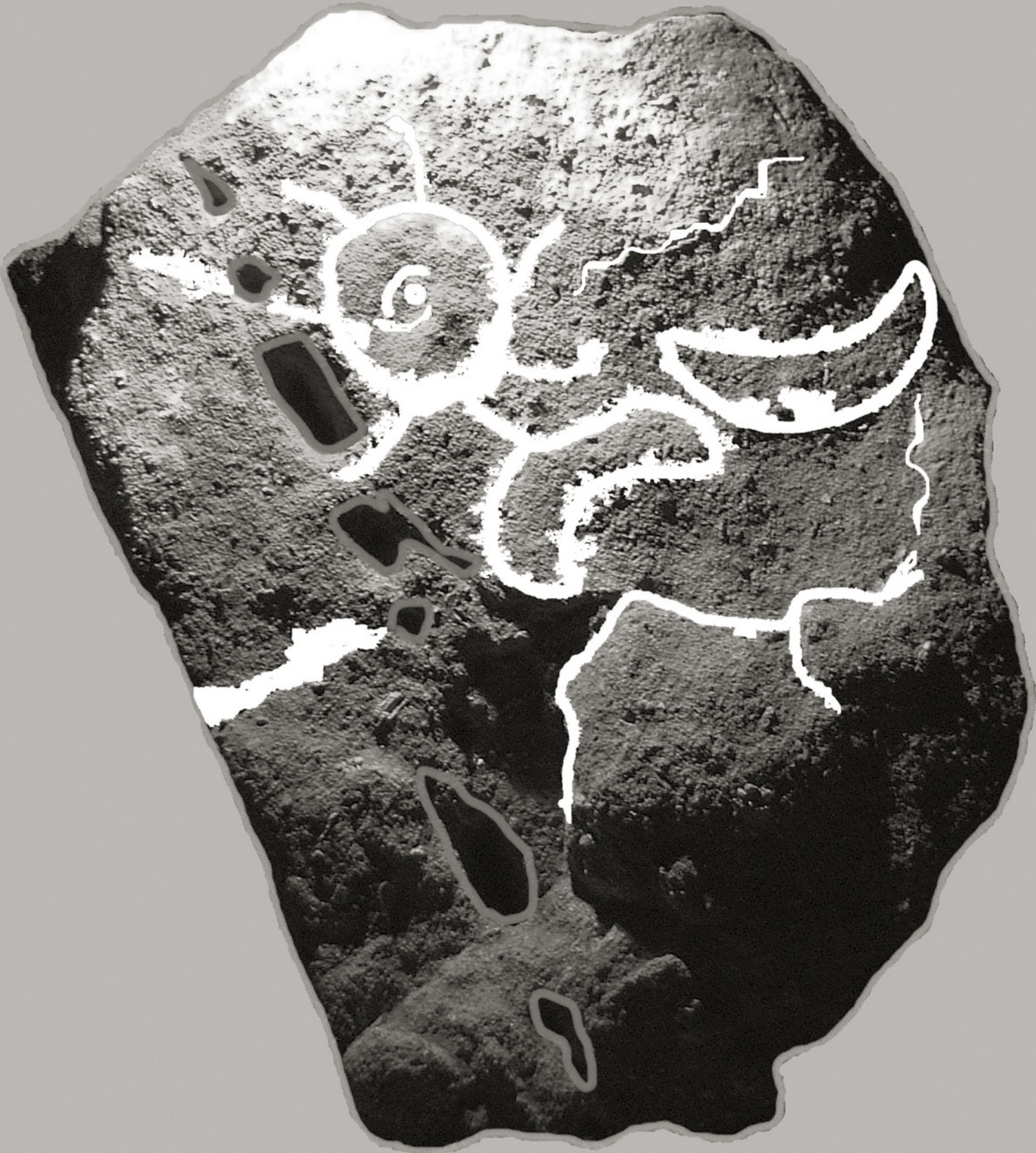


Rocha 22

nuladas, onde se verifica a presença de materiais de épocas distintas, tais como seixos rolados, em quartzito, que podem indicar um contexto pré-histórico, restos de madeiras, pregos, vidros, cerâmicas recentes e plásticos. Quer pela qualidade da terra, quer pelos materiais exumados, consideramos estar na presença de um nível de revolvimentos recente, provavelmente de uma utilização deste espaço para guarida de animais. Esta camada prolongava-se, em média, até 20 cm de profundidade.

O segundo nível, com uma potência média de 30 cm, apresenta terras menos granuladas e ligeiramente mais compactadas. Estaremos ainda em presença de um nível de revolvimentos, onde se nota a existência de algumas, mas raras e muito roladas, cerâmicas pré-históricas, associadas a fragmentos cerâmicos medievais e modernos, igualmente muito fracturados. Existe, ainda, um terceiro nível formado por terras muito compactadas, com presença de um número muito reduzido de fragmentos cerâmicos pré-históricos muito rolados. Não se verifica a existência de outros materiais arqueológicos. Este nível encontra-se imediatamente acima do substrato rochoso, e atingia uma potência máxima de 17 cm.

Na zona intervencionada, apareceram alguns blocos graníticos de dimensão pequena e média não estruturados. A escavação efectuada provou-nos a existência de materiais pré-históricos, eventualmente neolíticos, compostos por fragmentos de cerâmica lisa, dois restos de talhe em sílex e alguns seixos rolados, tipo “ovinhos”. Os trabalhos de escavação evidenciaram um pequeno afloramento, até aí coberto com terra, onde se pode ver mais uma covinha, com claros sinais de trabalho humano.

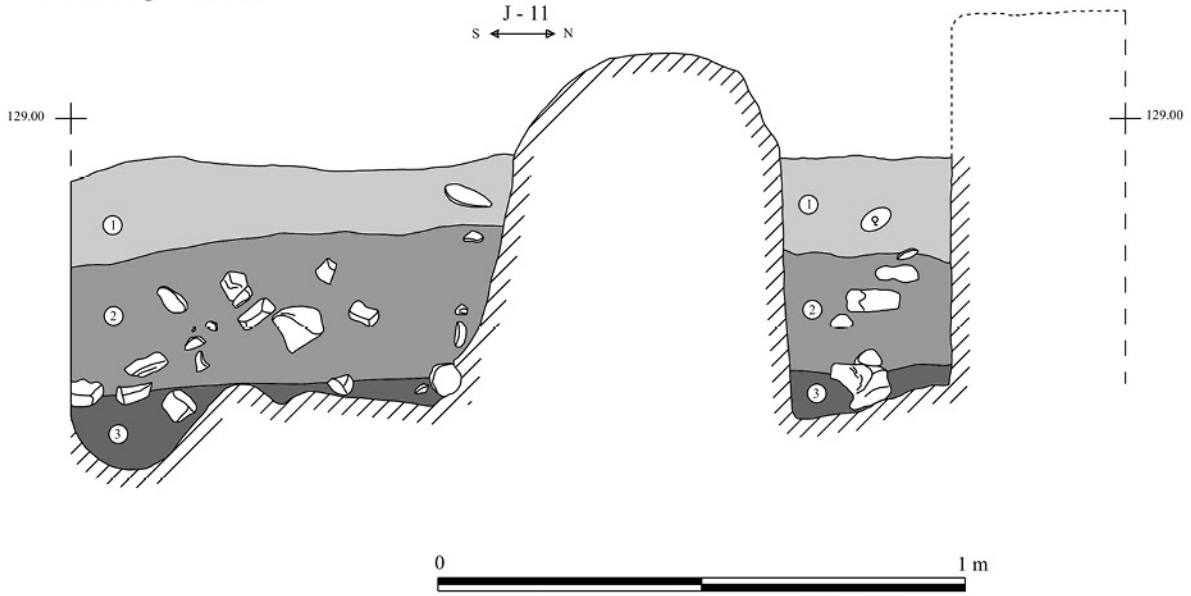


COUDELARIA DE ALTER

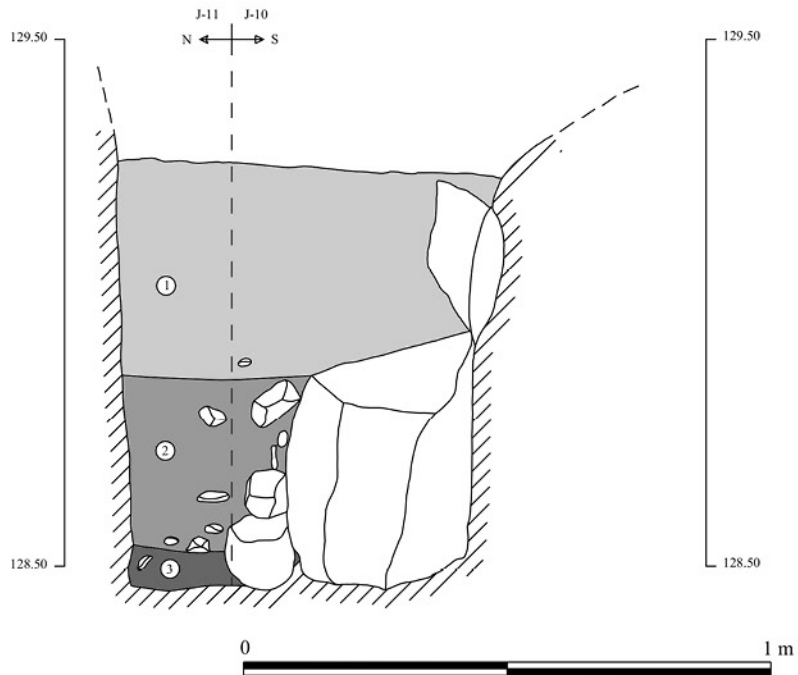
Santuário do Reguengo

Cortes estratigráficos

J - 11
Corte Estratigráfico Oeste

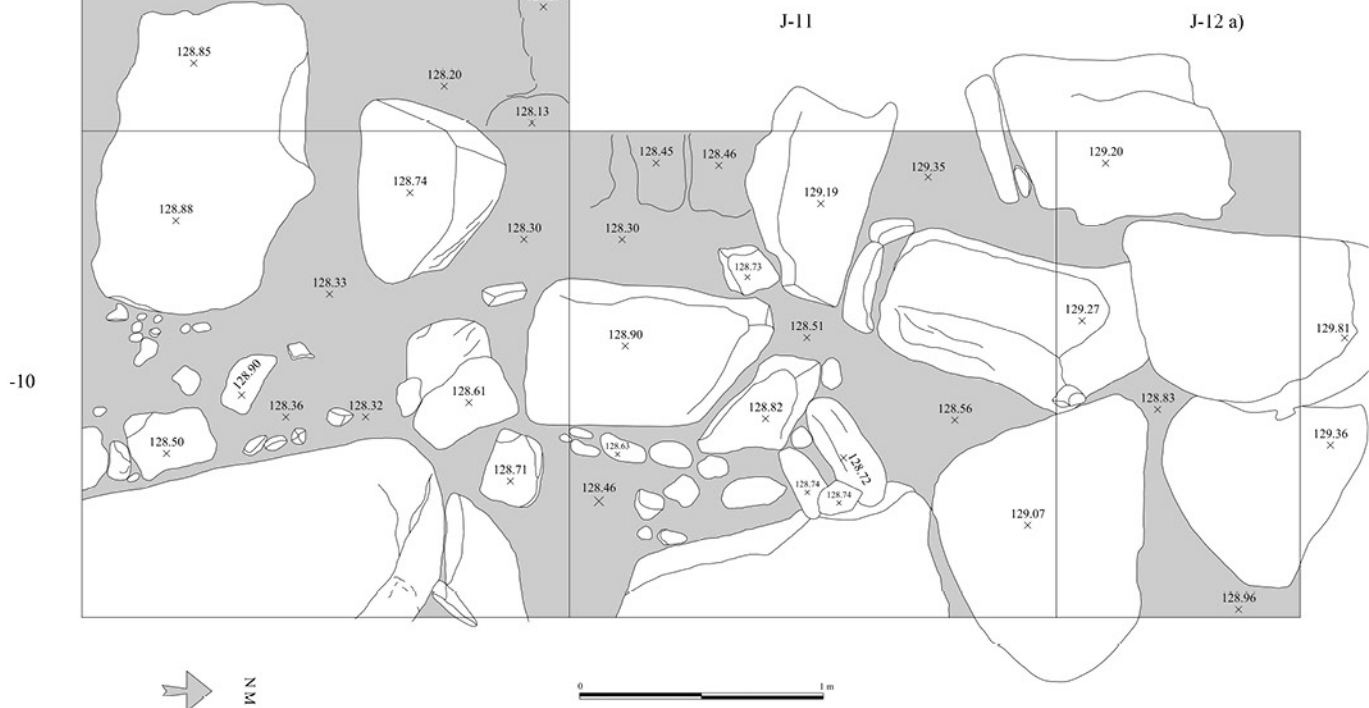


J - 10 e J - 11
Corte Estratigráfico Este

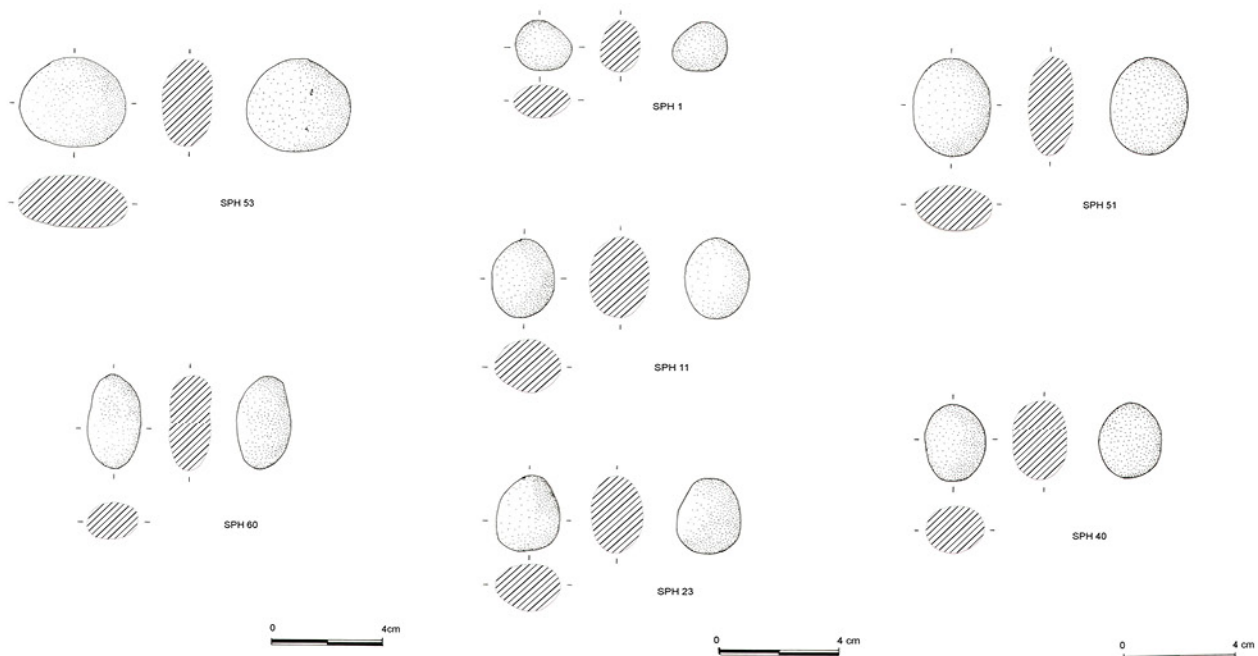


COUDELARIA DE ALTER
SANTUÁRIO DO REGUENGO
ÁREA ESCAVADA

10 b)



70



2.3. *HABITAT* DA PORTA DO TEMPO

2.3.1. *LOCUS 1*

Durante os trabalhos de prospecção, Clara Oliveira registou, junto à Porta do Tempo, com base nas recolhas de superfície, um arqueossítio que classificou, ainda que com muitas dúvidas,



de alto-medieval. Se, de facto, ocorriam, maioritariamente, fragmentos de tijoleira, muito rolados, também se reconheciam outros fragmentos de cerâmica, aparentemente, sem vestígios de roda de oleiro. À direita da vereda que liga a Porta do Tempo à Casa da Horta, um pequeno muro muito arruinado, obtido em pedra seca, define um recanto demarcado a Este por afloramentos, que poderia ter servido de cerca de gado. Foi neste local que Clara Oliveira registou a maior concentração de cerâmica de construção medieval, mas, paralelamente, nas terras de escorrência, recolheu restos de talhe em sílex. Considerando que o maior volume de materiais era medieval e que se encontrava associado a uma provável cerca de gado,

adjacente ao velho muro que separava a área da primitiva Coudelaria das terras da Aldeia do Reguengo, junto à pequena porta que permitia a passagem entre as duas propriedades, levou-a a classificar este sítio como remontando aos inícios do Período Medieval, ainda que, entre parêntesis, colocasse um ponto de interrogação.

Com o objectivo de determinar a sequência de ocupação das terras da Coudelaria, projectámos uma sondagem neste local, com clara intenção de o poder

relacionar com a necrópole formada por sepulturas escavadas na rocha que se situa a escassa distância.

Numa primeira fase e assim consta do primeiro pedido de autorização junto do IPA, considerámo-lo como *habitat*

Alto-Medieval. Projectou-se, desta forma, uma sondagem no interior do curto recinto, limitado a Norte pelo muro de pedra seca, a Sul, Este e Oeste por afloramentos graníticos.

Um ponto central deste recinto possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 614053; Y - 4342429; Geográficas: 007° 40' 43.6'' W; 039° 13' 22.8'' N. Os trabalhos aqui realizados decorreram de 9 de Fevereiro a 11 de Março de 2004.

Por, à partida, desconhecermos, exactamente, a extensão do sítio e possíveis interligações com outras eventuais estruturas, denominámo-lo de *Locus 1* da Porta do Tempo, identificação que mantivemos, mesmo depois de se reconhecer que a sua principal



Vista geral do *Locus* 1 antes da escavação



Início da escavação



Limpeza do muro do *Locus* 1



Vista da escavação



Face interna do muro



Implantação do *Locus* 1



Aspecto da escavação



Área escavada vista de Este

ocupação remontava ao Neolítico Antigo.

As cotas utilizadas na escavação estabeleceram-se de acordo com a rede interna de altimetria da Coudelaria de Alter e foram transportadas a partir do passeio junto à porta das Casas Altas, que possui a cota de 102,25 m.

Procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas de dois metros de lado, organizadas a partir de dois eixos ortogonais orientados nos sentidos Sul-Norte e Oeste-Este, magnéticos. As quadrículas foram denominadas segundo um sistema alfanumérico.

Procedeu-se ao levantamento topográfico de toda a área do “*Locus* 1 da Porta do Tempo”, que se estende até à dita porta.

Iniciaram-se os trabalhos de escavação. Abriam-se os quadrados L 11, L 12, L 13, M 11 e N 13. Limpou-se a parte externa do muro de pedra seca, definindo as pedras do seu aparelho. Ao definir a parte interna do muro, este pareceu apresentar duas fases construtivas: uma primeira fase de construção com pedra de pequeno calibre, assente sobre uma camada de argila, que está imediatamente acima da rocha; e uma segunda fase de construção com pedra de maior calibre, assente sobre as pedras da primeira fase de construção do muro. Esta leitura foi possível nas duas sondagens feitas junto ao muro, nos quadrados L 12 e N 13.

Ao longo dos trabalhos de escavação, logo abaixo do primeiro nível de terras muito soltas com manta morta e materiais recentes, foram-se definindo algumas pedras de médio e pequeno calibre que não revelaram qualquer consolidação ou disposição estruturada. Poderiam pertencer a um nível de derrube do muro. No nível abaixo dessas pedras, existia uma camada de terra, mais compacta, com ocorrência de

pequenas pedras soltas e materiais cerâmicos e líticos associados ao Neolítico Antigo / Médio (fragmentos de lamela em sílex, uma ponta de seta em quartzo, um “microcrescente” em sílex branco, fragmentos de machado de pedra polida, vários fragmentos de cerâmica, um deles com decoração incisa). Imediatamente abaixo desse nível de terra, identificou-se uma camada de argila compactada, já sem ocorrência de materiais. Este nível assenta, directamente, sobre a rocha.

Nos quadrados L 11 e M 11, a sucessão de níveis é idêntica à anteriormente descrita. Contudo, na camada de terra compacta com ocorrência de materiais do Neolítico, assente na camada de argila compactada, definiu-se um conjunto de pedras de pequeno e médio calibre que parecem constituir uma estrutura semi-circular, cuja funcionalidade não foi possível determinar. Das terras retiradas do interior dessas pedras estruturadas, recolheram-se fragmentos de cerâmica neolítica muito rolada e um percutor em quartzito.

No quadrado N 13, definiu-se a continuação do muro delimitador. Na parte interna deste muro, os níveis distribuem-se do mesmo modo que nos outros quadrados: um primeiro nível de terra solta com manta morta e materiais recentes, um segundo nível com pedras soltas, provavelmente derrubes do muro, um terceiro nível constituído por uma terra mais compacta com ocorrência de materiais cerâmicos e líticos, datáveis do Neolítico Antigo / Médio, e um último nível, geológico, constituído por uma camada de argila compactada assente sobre a rocha.

Concluiu-se, então, que se trata de um abrigo com vestígios de ocupação atribuível ao Neolítico Antigo / Médio e que terá sido posteriormente “ocupado”, já

em período histórico. O muro que delimita a plataforma foi obtido em pedra seca de médio calibre e será atribuível à primeira fase de ocupação do local. Numa segunda fase, que neste momento não podemos determinar com precisão, terá sido reforçado com pedras de maior calibre. A segunda estruturação do muro poderá corresponder à delimitação da vereda que lhe passa junto, configurando o espaço uma pequena cerca para gado.

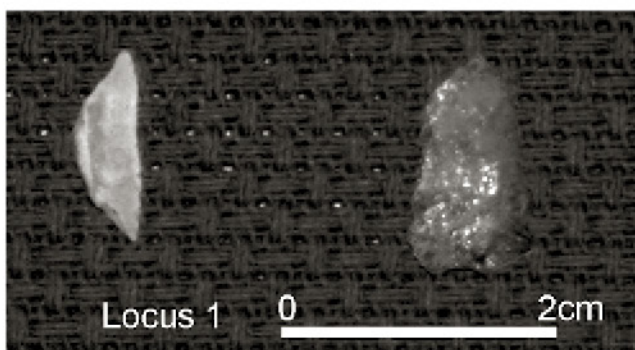


Área escavada vista de Norte Locus 1

74



Indústria lítica do Locus 1



Geométrico e ponta de seta do Locus 1

2.3.2. LOCUS DA TOCA DA RAPOSA

Quando, em 2005, retomámos os trabalhos na Coude-laria tornava-se fundamental confirmar as evidências arqueológicas reconhecidas no Locus 1 e determinar, com maior precisão, a sua área de dispersão. Depois de reconhecimento cuidadoso por entre os afloramentos que se situam a Norte da sondagem anteriormente efectuada, verificámos que, praticamente, sob a manta morta, desde o muro da Porta do Tempo até à linha de água que corre a Norte, identificavam-se fragmentos de cerâmica neolítica e restos de talhe em sílex. Assim, por todos os recantos e abrigos que se formam entre os abundantes afloramentos sobranceiros à linha de água, ocupando, em suave colina, uma área que ultrapassa os 25 000 metros quadrados, registavam-se testemunhos materiais atribuíveis ao Neolítico. Este extenso povoado define-se em três plataformas suaves, bem reconhecíveis, sobretudo na face oeste, enquanto que, na face norte, sobranceira à linha de água, a pendente é mais abrupta. Nesta face, observam-se diversas lapas, bem protegidas, com vestígios de ocupação e pequenos muretes em pedra seca, construídos em data indeterminada, que parecem funcionar como estabilizadores de terras.

Perante uma tão grande área de dispersão de materiais haveria que optar por um dos recantos, que nos garantisse uma potência de solo suficientemente espessa e não afectada por eventuais trabalhos agrícolas. Na plataforma intermédia, exposta a poente, num recanto bem protegido por grandes afloramentos, identificou-se uma toca de raposa que se metia sob um grande bloco de granito. No volumoso monte de terras retiradas pela raposa eram visíveis diversos



Limpeza do coberto vegetal - Toca da Raposa



Topografia - Toca da Raposa



Início da escavação - Toca da Raposa



Vista geral da escavação - Toca da Raposa



Limpeza da placa térmica - Toca da Raposa



Identificação de um machado - Toca da Raposa



Limpeza do canal de escoamento de águas - Toca da Raposa



Aspecto da escavação do *habitat* - Toca da Raposa



Canal depois de limpo



Vista da área central do *habitat* da Toca da Raposa



Vista da área central do *habitat* da Toca da Raposa



Placa térmica do *habitat* da Toca da Raposa



Vista geral do *habitat* da Toca da Raposa



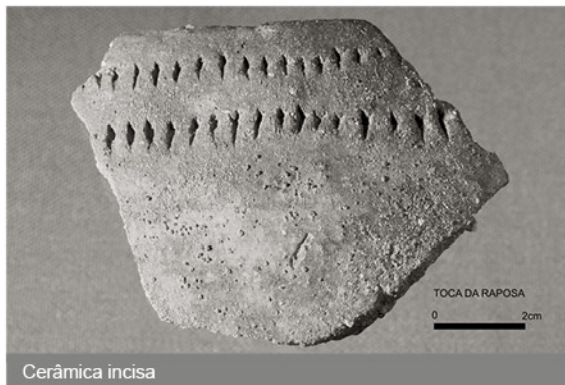
Cerâmica com decoração impressa e incisa



Cerâmica com decoração "cardial"



Moeda de prata de Abderramão II



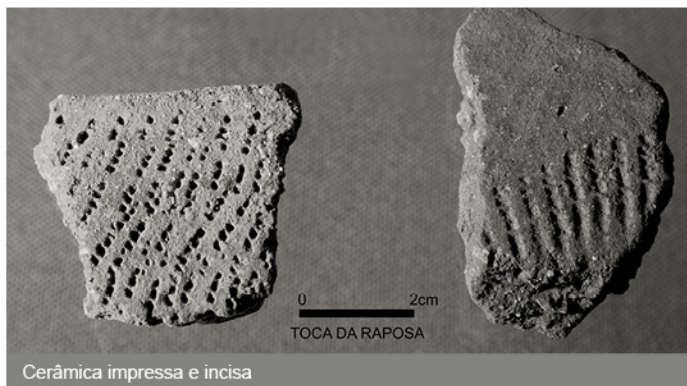
Cerâmica incisa



Cerâmica com mamilo e impressa



Cerâmica perfurada



Cerâmica impressa e incisa



Cerâmica impressa e incisa



Cerâmica impressa



Pormenor de decoração "cardial"



Cerâmica com aplicações plásticas

fragmentos de cerâmica, alguns decorados, restos de talhe em sílex e um percutor esferóide de quartzo. Garantida que estava a potência de solo e abundantes materiais, optámos por escavar, integralmente, este abrigo, que denominámos por *Locus* da Toca da Raposa. Os trabalhos de escavação decorreram entre 5 de Setembro e 9 de Dezembro de 2005.

Um ponto central do *Locus* da Toca da Raposa possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 29613897; Y - 4342273; Geográficas: 007° 40' 50" W; 039° 13' 20,1" N.

Para a cotagem geral do sítio escavado, estabeleceu-se, como ponto de cota 100,00 metros, o topo de um afloramento situado em local central e assinalado na planta geral.

Os trabalhos iniciaram-se com a limpeza do coberto vegetal, a que se seguiu a marcação de duas sondagens, A e B, organizadas a partir de dois eixos ortogonais orientados, respectivamente, nos sentidos Norte-Sul e Oeste-Este, magnéticos.

Os trabalhos de escavação desenvolveram-se em duas frentes. A sondagem A, situada na zona central do *Locus*, consubstanciou-se inicialmente nos quadrados N-10 e O-10, e a sondagem B, num nicho entre afloramentos, a Sueste dos grandes blocos graníticos, constituída pelos quadrados R-12 e S-12.

Na zona mais central, sondagem A, reconheceu-se até ao solão um depósito uniforme de terras muito soltas

e abundantes raízes, onde ocorreram, de forma muito desconexa, fragmentos de cerâmica, lamelas, núcleos, maioritariamente em sílex e percutores de quartzo e granito. As cerâmicas identificadas, lisas e decoradas,



apontam para ambientes balizáveis entre o Neolítico antigo e inícios do Calcolítico. O espessamento de alguns bordos e as formas levemente abertas, conotáveis com os inícios do Calcolítico, contrastam com as cerâmicas de superfícies decoradas e algumas profusamente decoradas, atribuíveis ao Neolítico mais antigo.

A sondagem B localizou-se num nicho entre grandes afloramentos. Trata-se de um pequeno espaço, protegido a Sul por imponentes blocos graníticos. Este espaço, também formado por terras muito soltas, é igualmente caracterizado pela fraca potência do solo e ainda pela abundância de raízes. Neste local, foram marcados dois quadrados, R-12 e parte de S-12. Logo nas primeiras camadas de terra, por entre cerâmicas pré-históricas, identificou-se uma moeda árabe, de

prata, de Abderramão II.

Atendendo ao potencial arqueológico do sítio, alargou-se a rede de quadrículas a todo o espaço limitado pelos afloramentos, unindo-se as duas sondagens previamente demarcadas.

Iniciaram-se os trabalhos em P 10, revelando a presença de um nível constituído por aglomerados pétreos, não estruturados, à cota de 99,44 m. Em O 10, continuou-se a baixar, denotando-se a existência de materiais, maioritariamente formados por fragmentos de cerâmica neolítica lisa e decorada (99,38 m). À mesma cota, em O 11, recolheu-se um fragmento de taça levemente carenada atribuível ao final do Neolítico, ou inícios do Calcolítico, um movente e fragmentos de quartzito.

À medida que se ia avançando nos trabalhos de escavação de O 11 a M 9, surgiu uma estrutura que acompanhava o limite interno dos afloramentos. Esta estrutura, ainda muito bem conservada, destinava-se a conduzir as águas pluviais que escorriam dos afloramentos. Esta estrutura aproveita a inclinação natural do terreno, conduzindo as águas para o exterior do espaço de *habitat*. É formada por blocos finos de granito colocados em V e justapostos.

Em O 10, à cota de 99,18 m, identificou-se, *in situ*, a parte inferior de um recipiente cerâmico, fracturado, de grandes dimensões, de paredes lisas, que, pelo tipo de pasta, poderá ser atribuível a um momento dos finais do Neolítico. Com a abertura e realização de sucessivas decapagens em P 11, surgiu um nível de depósito de pedras de pequeno calibre depositas por arraste e encostadas ao afloramento, sobre as quais ocorriam fragmentos de cerâmica, concretamente, um fragmento de colher (99,64 m) e um fragmento de bor-

do decorado (99,64 m), de características que remetem para o Neolítico antigo.

Os trabalhos continuaram nesta zona e, após a desmontagem do nível pétreo, revelou-se a existência de uma concentração de cerâmica neolítica, com e sem decoração. Estes materiais, sem conexão, estendiam-se por toda a área em escavação. No quadrado O 9, junto ao corte sul, apareceu um machado de pedra polida, de secção suboval, à cota de 99,22 m. Este machado encontrava-se em associação com restos de talhe e pequenos núcleos esgotados em quartzo hialino. Em P 10, à cota de 99,36 m, identificou-se uma estrutura de barro cozido, conservada *in situ*, correspondendo, provavelmente, a uma base de aquecimento, com uma forma alongada, mas irregular, fragmentada no perímetro, com cerca de 30 cm por 20 cm. Em torno desta base de combustão, eram visíveis termoclastos, embora não fosse possível identificar matéria orgânica carbonizada. Por entre os termoclastos de quartzito, recolheram-se fragmentos de cerâmica com decoração, restos de talhe em sílex e lamelas em sílex e quartzo. Em O 9, depois de rebaixada nova camada de terra, associada a um empedrado muito irregular, identificou-se, à cota de 99,17 m, o que parece ser um buraco de poste, estruturado. Este buraco de poste, associado à caleira atrás descrita, indica-nos estarmos em presença de um espaço que terá possuído uma cobertura, sustentada por poste ou postes de madeira. Estes seriam de espessura reduzida, atendendo ao diâmetro interno do buraco de poste, que não ultrapassava os 15 cm. Tanto em Q-9, Q-10, R-9 e R-10, continuaram a surgir fragmentos de cerâmica pré-histórica (99,46 m/99,37 m), até ao nível geológico.

Nos quadrados M 9 e N 9, apesar da fraca potência de solo, a identificação de cerâmica decorada, associada ainda a restos de talhe e núcleos de quartzo, confirma que em toda a área do *locus* houve continuada ocupação.

Escavada toda a área definida pelos afloramentos, procedeu-se ao registo gráfico e fotográfico das estruturas identificadas, que foram recobertas com terra crivada e isoladas com manta geotextil.

O *Locus* da Toca da Raposa inscreve-se num espaço mais amplo onde ocorrem, à superfície, fragmentos de cerâmica pré-histórica. Este espaço é preenchido por grandes afloramentos graníticos e denso coberto arbóreo que dificulta a leitura geral do contexto. Contudo, no limite sul parece desenhar-se uma muralha natural formada por afloramentos graníticos, aos quais se anexa uma larga plataforma aberta, indiciando elevada potência estratigráfica. No lado oposto, a Norte, a plataforma é limitada por uma linha de água, actualmente de curso sazonal. No espaço interior, os afloramentos definem recantos naturalmente abrigados que foram eleitos pelas comunidades desde o Neolítico mais antigo até aos inícios do Calcolítico. Aqui foram construídos abrigos cobertos, suportados por postes de madeira. Para elevar o espaço de vivência, os primeiros habitantes construíram empedrados irregulares, cobertos por terra e eventualmente por matéria vegetal. Sensivelmente ao centro destes *habitats* existiria uma lareira definida por blocos de pedra, com evidentes sinais de fracturas térmicas, que envolviam uma base de aquecimento feita em argila sobreposta sobre uma fina camada de terra. Para evitar que a água pluvial que escorria dos afloramentos inundasse o *habitat* construíram-se caleiras, em torno dos batólitos,

que conduziam as águas para o exterior. Aqui foram talhados núcleos de sílex e quartzo, dos quais chegaram até nós restos de talhe e núcleos esgotados. Mas este espaço, porque muito acolhedor, foi repetidamente ocupado desde o Neolítico até, pelo menos, ao início do Calcolítico, se atendermos à presença, maioritariamente em cotas mais superficiais, de fragmentos de cerâmica com bordos mais espessados e de formas mais abertas. Esta ocupação parece ter sido menos demorada, atendendo ao número inferior de ocorrências. Nos inícios da Idade Média, sob o domínio Islâmico, provavelmente ao tempo de Abderramão II, uma moeda de prata foi aqui perdida. Esta moeda, identificada no espaço mais protegido deste abrigo, poderá indicar que também este local terá servido de protecção nos inícios da Idade Média. As características do solo e a multiplicidade de ocupações inviabilizaram a identificação de estratigrafias legíveis, o que, de alguma forma, impossibilita uma melhor caracterização da ocupação do espaço. Pelas mesmas características do solo, não se conservaram matérias orgânicas que possibilitem datações absolutas. Foram, contudo, recolhidas terras de níveis mais compactos para eventuais estudos antracológicos e palinológicos. Pelo potencial informativo do espaço escavado, tudo aponta para a ocorrência de situações ocupacionais semelhantes nos recantos mais abrigados desta suave colina. Confirmada a ocupação, durante o Neolítico, das faces sul e oeste, destas formações graníticas, importava avaliar se, na face menos protegida, exposta a Norte, se registava a mesma densidade ocupacional. Assim, elegeu-se um pequeno abrigo, virado a Norte, no início da pendente sobranceira à linha de água. Este abrigo foi denominado de *Locus* 2.

2.3.3. *LOCUS2*

O *Locus 2* possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 4342401; Y - 29613998; Geográficas: 39° 13' 20" N; 007° 40' 48" W.

Os trabalhos decorreram entre 12 de Dezembro de 2005 e 12 de Janeiro de 2006.

O *Locus 2* apresenta uma morfologia idêntica aos demais nichos de *habitat* da Porta do Tempo. Junto a um conjunto de blocos graníticos de grandes dimensões, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos atribuíveis ao Neolítico. Também foram identificados fragmentos de cerâmica atribuíveis a cronologias mais recentes (períodos Medieval e Moderno). Este local situa-se a cerca de 60 m do *Locus 1* da Porta do Tempo, sobranceiro a uma ribeira, numa vertente virada a Norte. Este nicho, situado numa encosta virada a Norte, surpreendentemente, também apresentava, logo à superfície, vestígios de ocupação, facto pouco vulgar em ambientes semelhantes. Por norma, nestes contextos, as faces viradas a Norte raramente apresentam sinais tão evidentes de ocupação, denotando-se muito maior apetência por zonas mais protegidas e expostas ao sol. O local encontrava-se coberto por uma manta morta, devido à proximidade de duas oliveiras e vários arbustos. A conservação do local também foi condicionada pela presença das raízes destas árvores. Devido ao facto de o local apresentar algum declive, esteve sujeito à acção de escorrência das águas pluviais, o que condicionou os depósitos aqui existentes. Foi projectada a abertura de uma sondagem para avaliação do potencial arqueológico do sítio.

Procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas, a partir de dois eixos ortogonais, orientados

no sentido Norte-Sul, Este-Oeste. Estas sondagens foram implantadas junto a um grande afloramento granítico e compreenderam as seguintes quadrículas: I 9, J 9, J 10, K 8, K 9, K 10. Trata-se de um espaço muito restrito, condicionado pela presença de vários afloramentos, encontrando-se as quadrículas todas incompletas.

Foi efectuado o transporte de cotas para este local, a partir do *Locus 1* da Porta do Tempo. Os dois afloramentos graníticos de maiores dimensões, junto dos quais foi estabelecido este espaço de *habitat*, foram referenciados com as letras A e B. Situam-se, respectivamente, a Oeste e a Este, relativamente à rede de quadrículas implantada no local. Esta referência pretende proporcionar uma maior clareza nos registos.

Após a limpeza do coberto vegetal, iniciámos os trabalhos de escavação em J 9, K 8 e K 9. A terra revelou-se muito humosa e solta, de cor castanha escura. Este primeiro nível estratigráfico regista-se, sensivelmente, até à cota 122,75 m. Foram identificados fragmentos de cerâmica atribuíveis ao Neolítico, paralelamente a fragmentos de cerâmica de cronologias mais recentes, medieval e moderna. Não foi escavado o topo nordeste da quadrícula K 9 devido à presença de uma oliveira, que terá perturbado a conservação da estratigrafia do local e por forma a preservar a integridade da árvore. Na quadrícula I 9 verifica-se o mesmo nível de terra humosa, onde pudemos registar a existência de materiais cerâmicos enquadráveis numa ampla cronologia, como sucede nas restantes quadrículas da área sondada.

Numa segunda unidade estratigráfica, formada por terras com a mesma coloração escura, embora um pouco mais compactadas que no nível superior,

ocorre o que designámos por nível detrítico. É constituído por vários blocos líticos com dimensão média e pequena, em quartzo, quartzito e granito, provenientes de cotas superiores e resultantes da escorrência de águas pluviais, devido à forte pendente do local. Este nível verificou-se entre a cota 122,85 m e o solão de base. Encontrámos uma maior concentração destes detritos na zona norte de I 9, na passagem de I 9 para J 9, onde há um estrangulamento entre os afloramentos graníticos (A e B), e em toda a área desta quadrícula. Este facto verifica-se devido à inclinação que o terreno ostenta entre a quadrícula I 9 e as restantes quadrículas que compõem a área intervencionada. Neste mesmo nível, a profusão de materiais de várias épocas também se voltou a comprovar. A perturbação estratigráfica do local, devido sobretudo à forte pendente, impossibilitou uma precisa definição de unidades estratigráficas. Contudo, estatisticamente, a cotas inferiores corresponde um maior número de materiais arqueológicos com tipologias mais recuadas, que poderemos posicionar nos inícios do Neolítico. Em cotas mais superficiais, ocorrem, maioritariamente, materiais que se podem atribuir a momentos dos finais do Neolítico, ou mesmo já dos inícios do Calcolítico. Este facto diz respeito tanto aos materiais cerâmicos como líticos. Formas cerâmicas fechadas e decoradas ocorrem paralelamente a formas abertas, mais evoluídas, o que indicia uma ocupação continuada no tempo, neste local. Foram identificadas cerâmicas decoradas, por técnica incisa, impressa e puncionada e também foram recolhidos alguns fragmentos com decoração plástica, a par de fragmentos de taças lisas. Relativamente aos artefactos líticos, foram encontrados fragmentos de lamelas e lâminas em sílex, grande

número de restos de talhe e núcleos, em quartzo e sílex, percutores, maioritariamente em quartzo e quartzito, elementos de mó fracturados (dormentes e moventes), um pendente de forma sub-rectangular em xisto e uma conta de colar, fracturada, de forma bicónica, em âmbar. Neste contexto de revolvimento, mas na cota mais baixa, identificou-se um fragmento de placa em arenito, que mostra poder tratar-se de um ídolo-placa em fase de acabamento, embora fracturado. Contudo, é necessário salientar o contexto de revolvimento em que todos estes materiais ocorreram, principalmente, devido à presença constante de raízes das várias oliveiras que circundam este espaço e à pendente do local. Ainda neste horizonte estratigráfico foi identificado um aglomerado pétreo formado por pedras de pequeno calibre, que se encontram compactadas. Poderá ser o que resta de um empedrado. Só se verifica numa área muito restrita, junto ao grande afloramento granítico (A), entre as quadrículas J 9 e K 9, maioritariamente em J 9. Encontra-se a uma cota média de 122,65 m. As quadrículas J 10 e K 10 que são ocupadas, na maior parte da sua extensão, por afloramentos graníticos, apresentam potências de solo muito reduzidas. Mesmo assim, ao serem escavadas, apresentaram a mesma estratigrafia identificada nas quadrículas adjacentes. Na quadrícula I 9, face sudeste do bloco granítico em que justificou este *locus de habitat*, registou-se o mesmo contexto arqueológico, embora mais sujeito à escorrência das águas. Aqui, a terra é um pouco mais arenosa, de um castanho mais claro, com presença de cerâmicas manuais muito fracturadas, de cronologia pré-histórica, cerâmicas comuns e de construção de cronologia Medieval/Moderna. À cota média de 123,45 m definiu-se um nível pétreo,

que ocorre sensivelmente até à cota 123,00 m. É constituído essencialmente por grandes blocos graníticos que se prolongam para o corte este. Este aglomerado não constitui uma estrutura, pois a sua disposição não apresenta qualquer conexão e a altimetria é inconstante. Tratar-se-á, provavelmente de derrubes de alguma estrutura que se situaria em cotas superiores, em área não escavada. Optámos por retirar este nível de pedras, já que a terra que se encontrava imediatamente abaixo pertencia à mesma unidade estratigráfica anteriormente descrita. Indiciava, ainda, a presença de materiais arqueológicos semelhantes aos registados anteriormente, o que se veio a verificar. Nesta zona, a ocupação humana parece ter sido mais intensa, justificável, eventualmente, pela maior exposição ao sol. Registou-se um maior número de materiais arqueológicos, principalmente maior representatividade de restos de talhe e núcleos em sílex. No entanto, este nível estratigráfico continua a não constituir uma unidade preservada, pois detectaram-se intrusões de materiais de épocas mais recentes e várias raízes, que contribuíram para o revolvimento encontrado. A terra de contacto com o solão de base foi identificada como um terceiro nível estratigráfico, de cor mais clara, com a presença de alguns blocos arenosos, amarelados, já pertencentes ao solo em desagregação. Apresenta as mesmas características em toda a área intervencionada. Neste nível, ainda foram recolhidos alguns materiais cerâmicos e líticos: um fragmento de parede de recipiente cerâmico com decoração compósita (incisa e puncionada), na quadrícula K 9, e restos de talhe em quartzo.



Interior do Locus 2



Aspecto da escavação

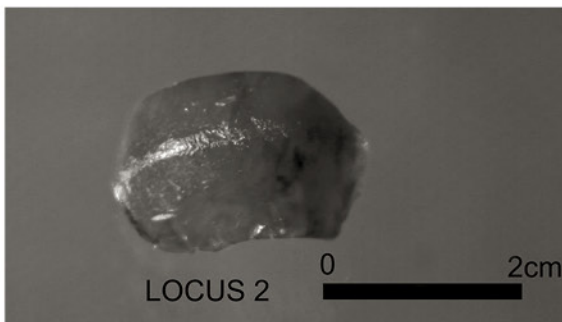




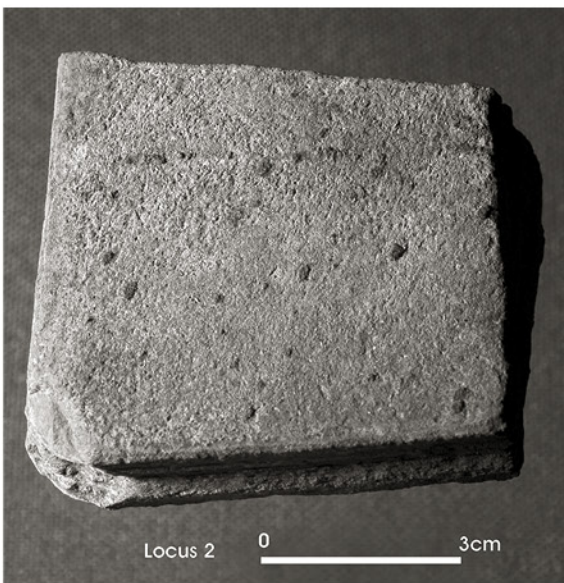
Aspecto da escavação



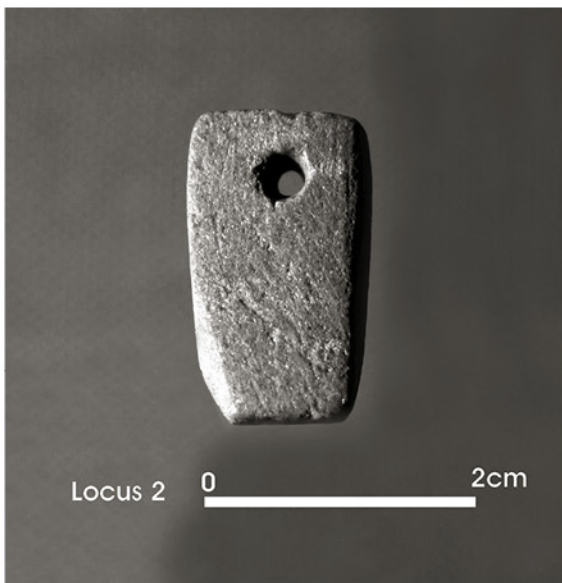
Vista geral da área escavada



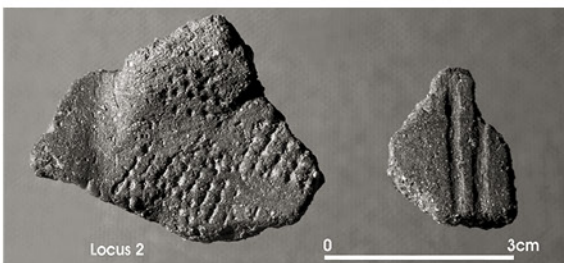
Conta de colar em âmbar



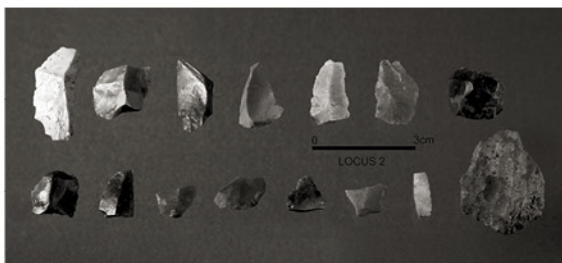
Ídolo-placa inacabado, fracturado



Pendente



Cerâmica decorada



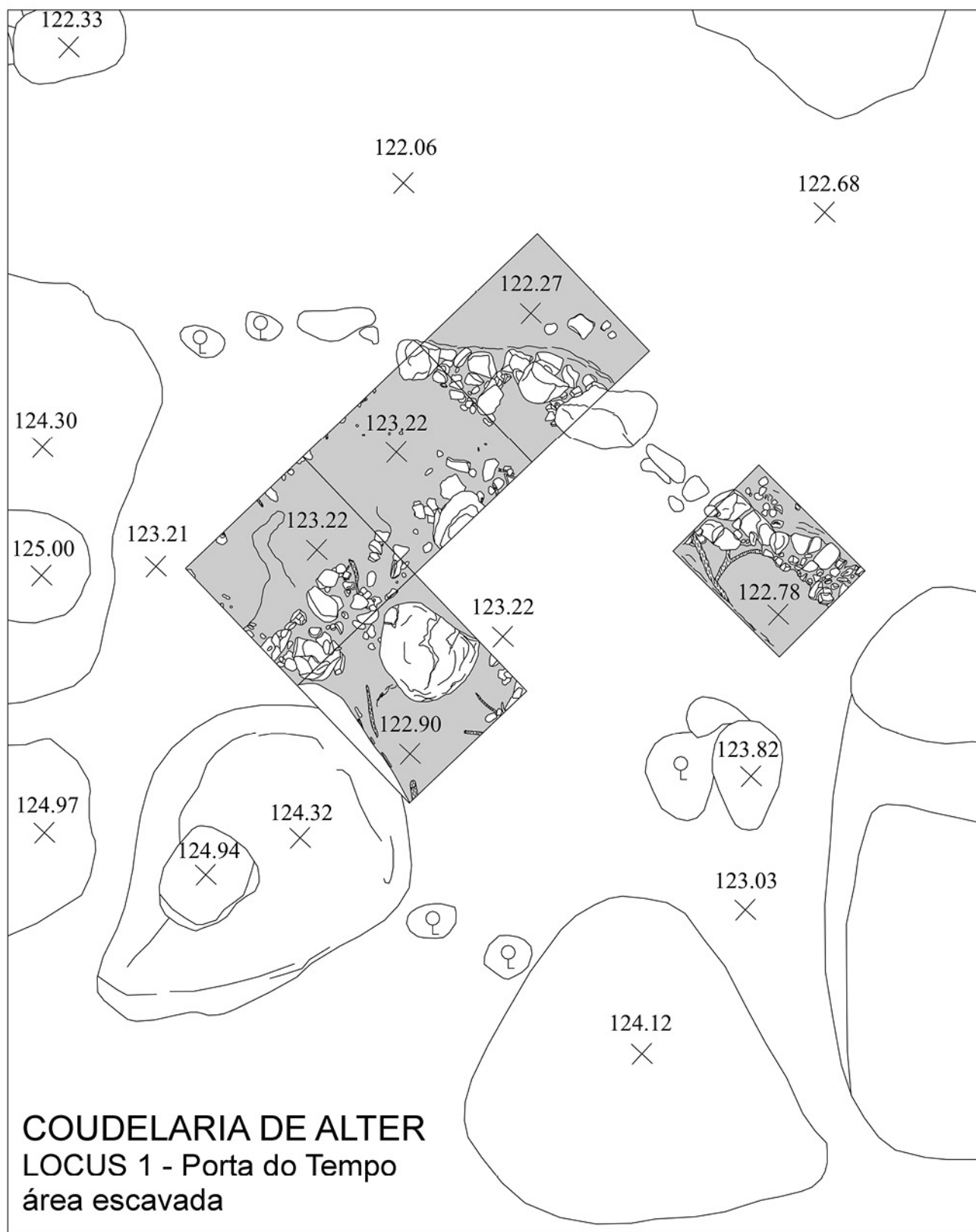
Indústria lítica



0 2cm

LOCUS 2

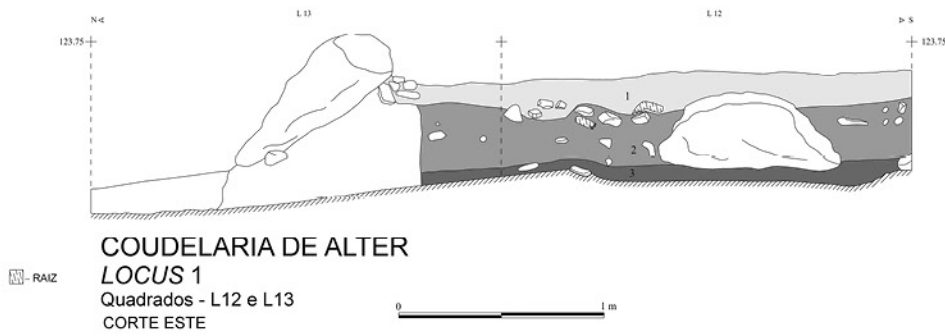
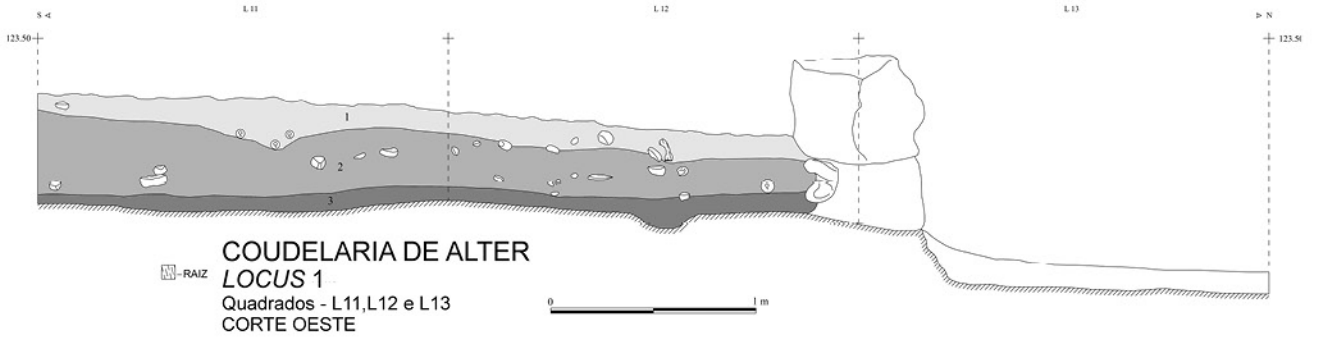
Movente



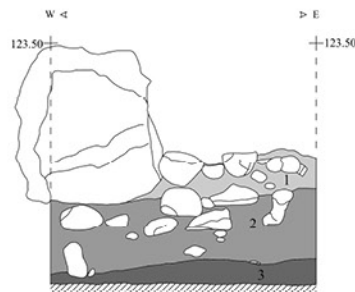
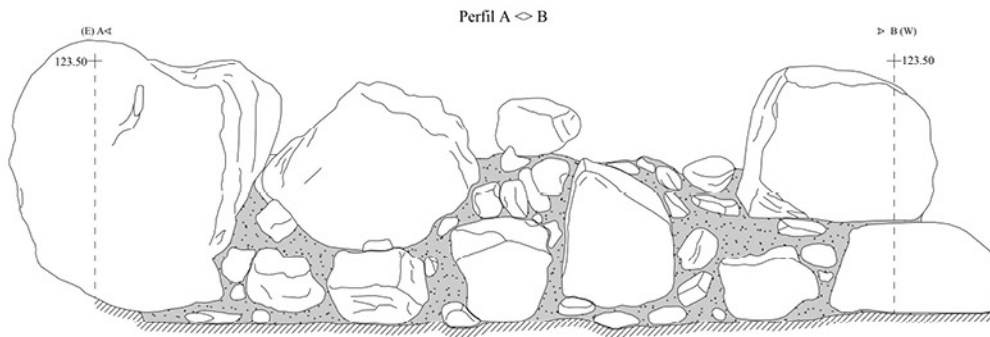
0



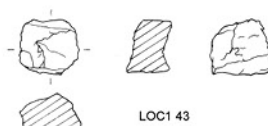
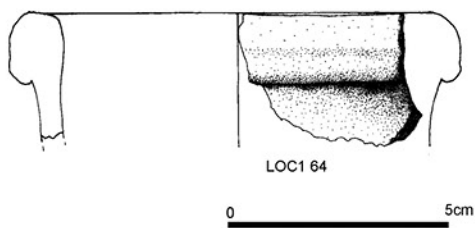
5m



COUDELARIA DE ALTER
 LOCUS 1 - quadrado L13
 perfil externo do muro



COUDELARIA DE ALTER
 LOCUS 1 - quadrado L13
 perfil interno do muro



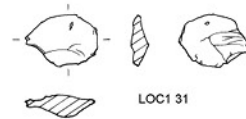
LOC1 43



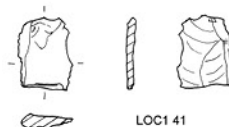
LOC1 13



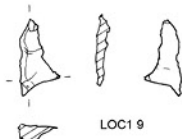
LOC1 25



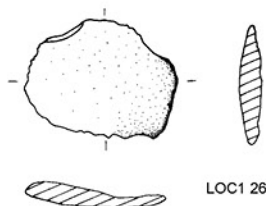
LOC1 31



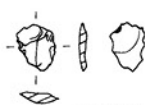
LOC1 41



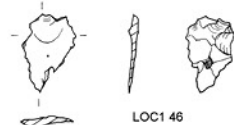
LOC1 9



LOC1 26



LOC1 18



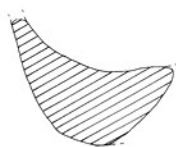
LOC1 46



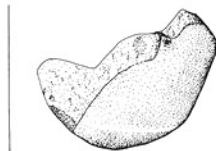
LOC1 23



LOC1 29



LOC1 69



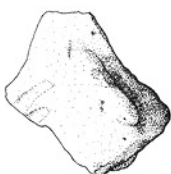
LOC1 55



LOC1 24

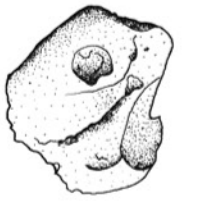


LOC1 70



LOC1 15





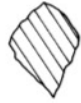
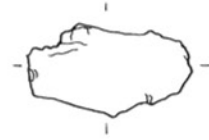
LOC1 60



LOC1 6



LOC1 30



LOC1 150

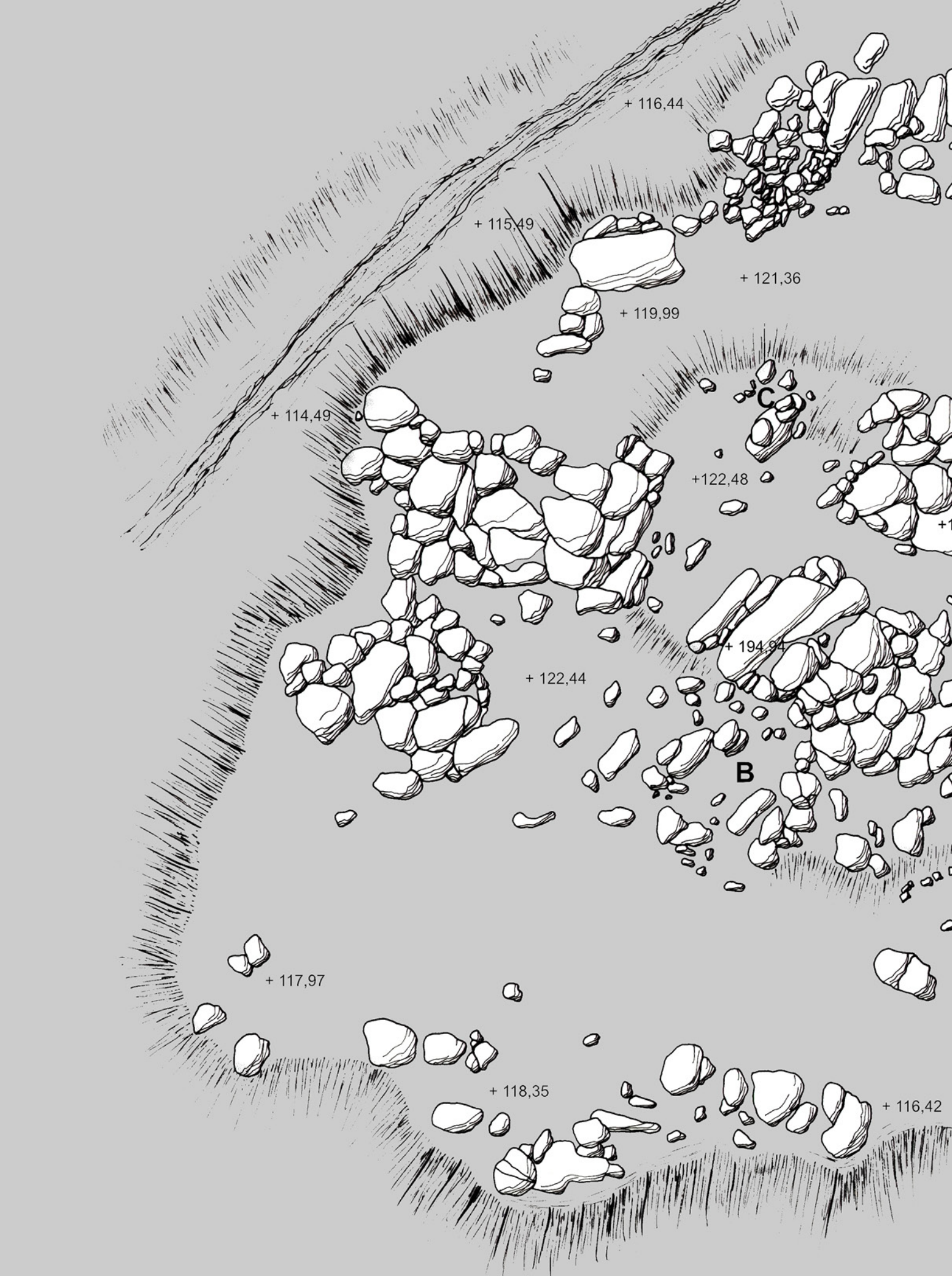


LOC1 28



LOC1 17





+ 116,44

+ 115,49

+ 121,36

+ 119,99

+ 114,49

+122,48

+ 194,94

+ 122,44

B

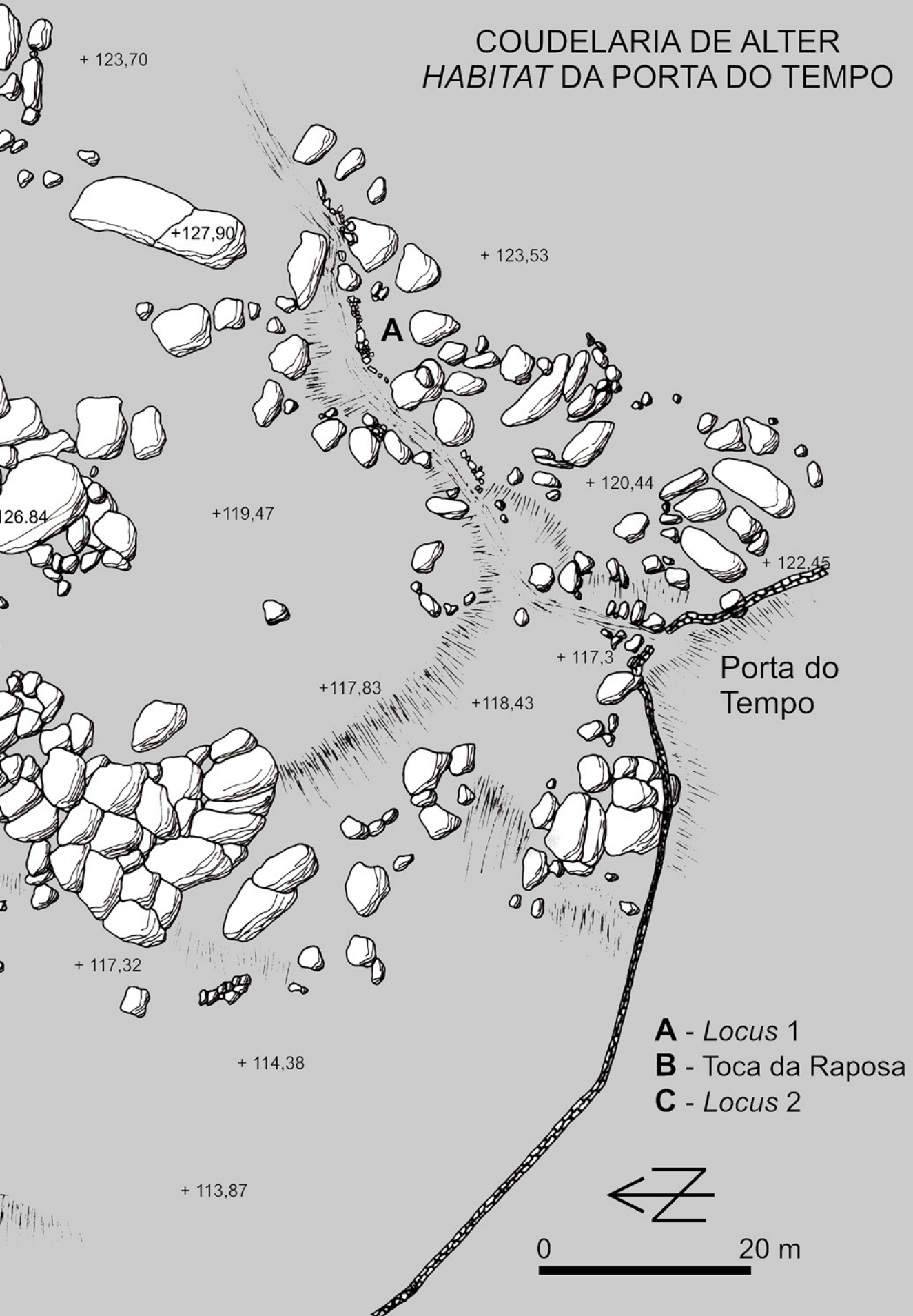
+ 117,97

+ 118,35

+ 116,42

C

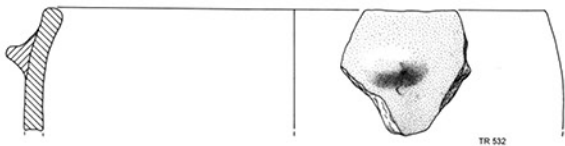
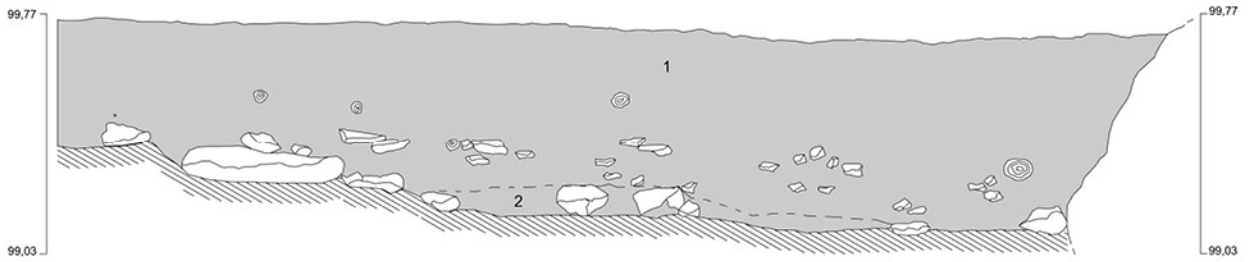
COUDELARIA DE ALTER HABITAT DA PORTA DO TEMPO



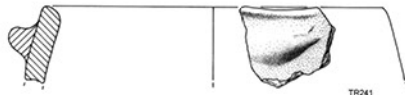


Coudelaria de Alter
Habitat da Porta do Tempo
Locus da Toca da Raposa

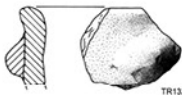
COUDELARIA DE ALTER
TOCA DA RAPOSA
Quadrados O9 e P9
CORTE OESTE



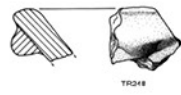
TR 532



TR 241



TR 132



TR 248



TR 140



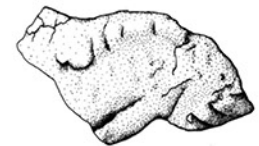
TR 200



TR 413



TR 441



TR 121



TR 309



TR 439



TR 438



TR 175



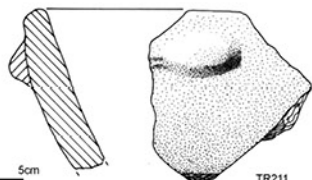
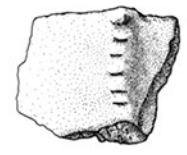
TR 352



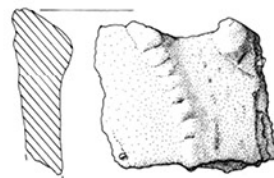
TR 442



TR 438

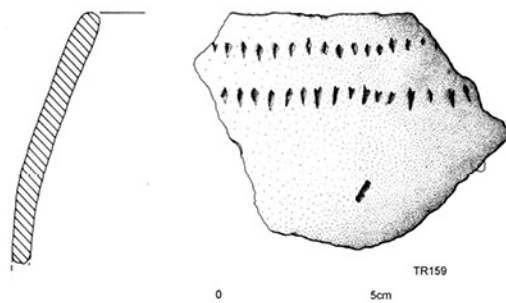
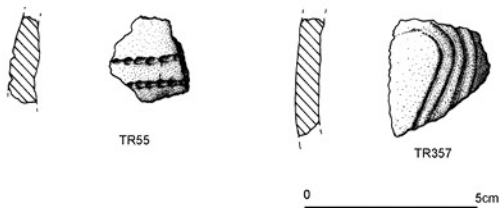
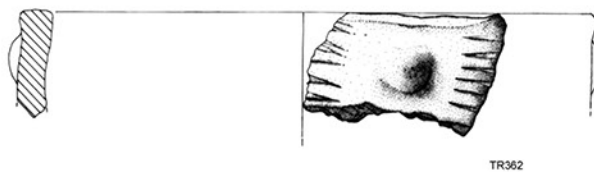
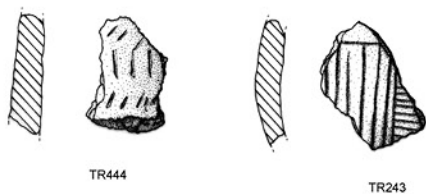
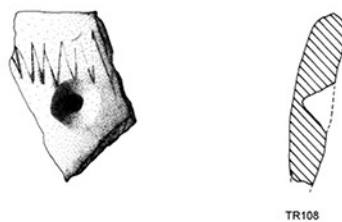
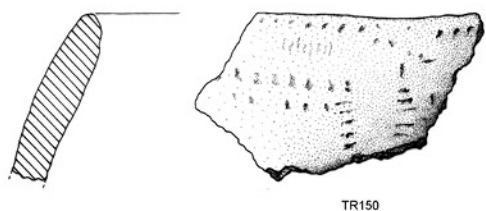
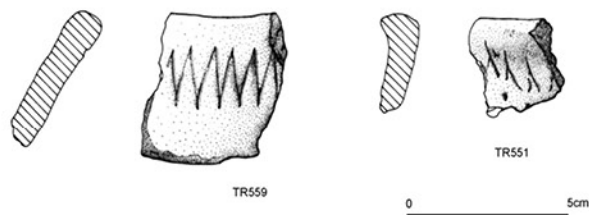
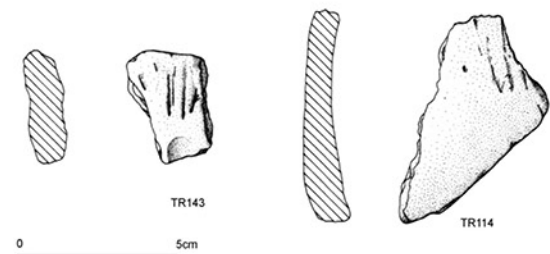
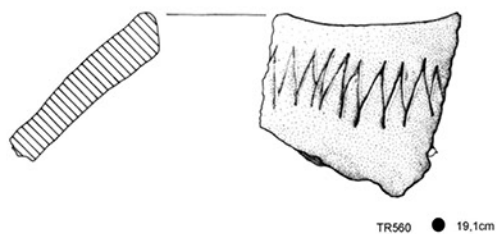
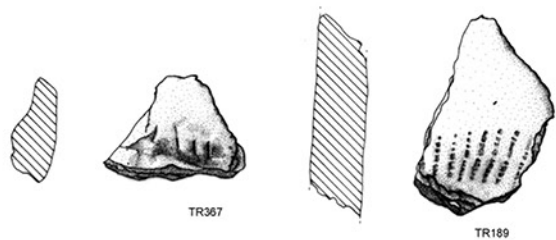
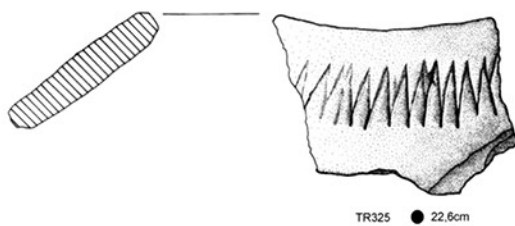
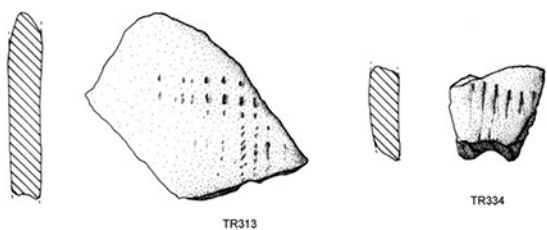


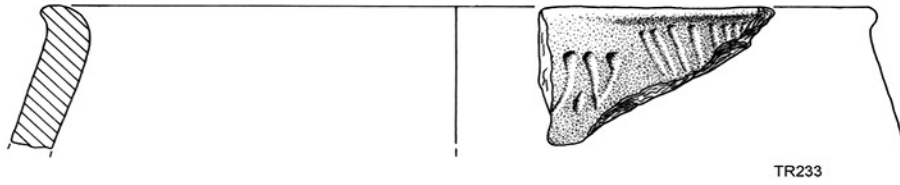
TR 211



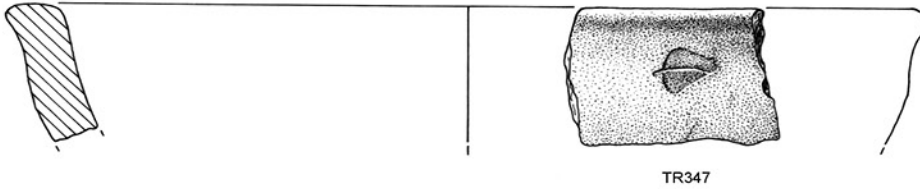
TR 440



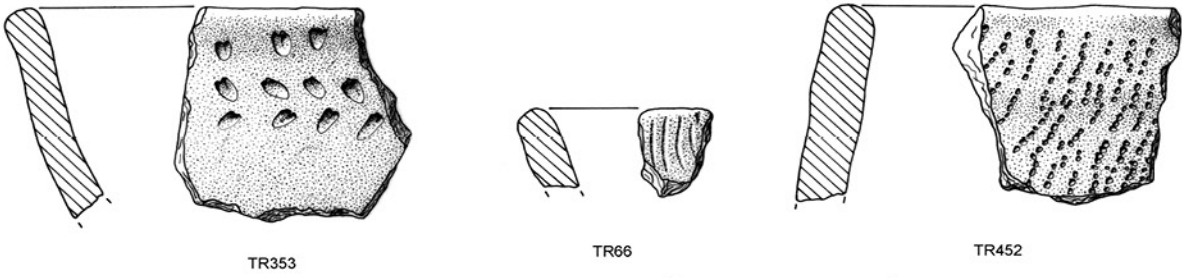




TR233



TR347

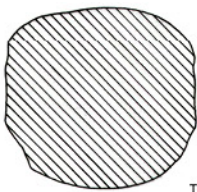
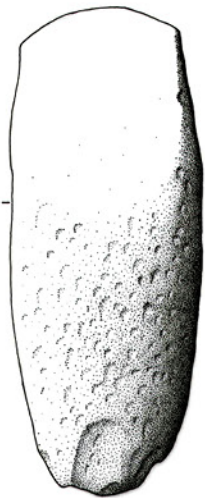


TR353

TR66

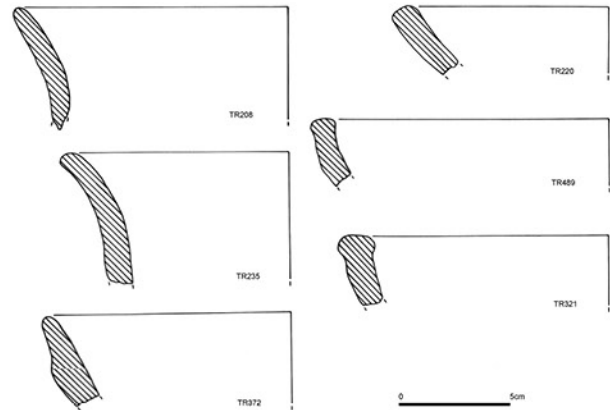
TR452

0 5cm



TR 24

0 5cm



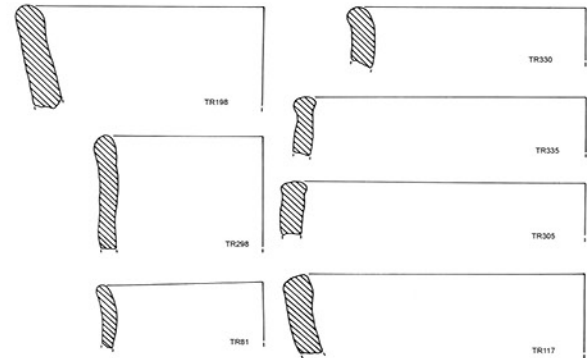
TR208

TR220

TR489

TR321

0 5cm



TR198

TR330

TR335

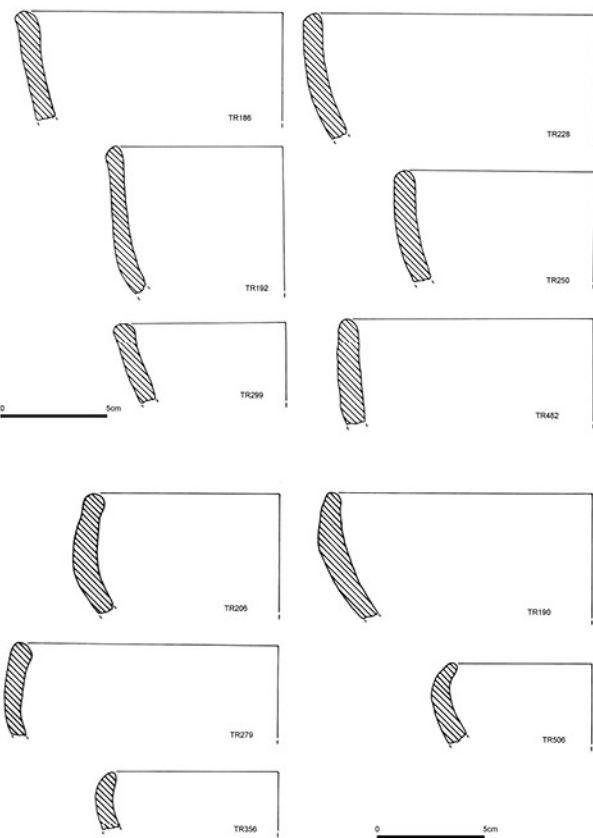
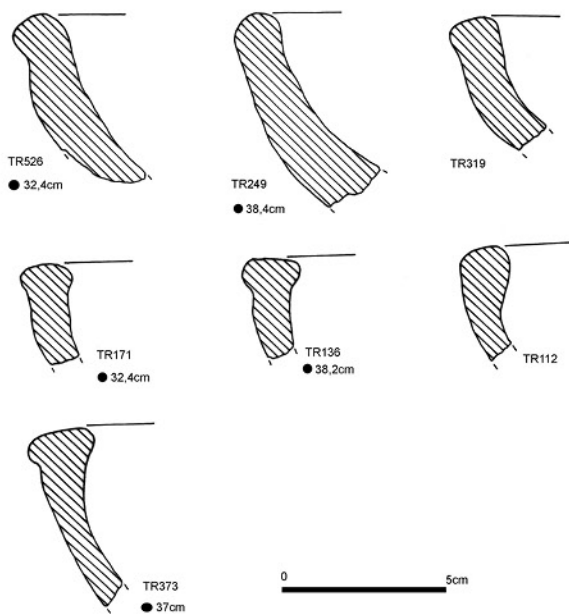
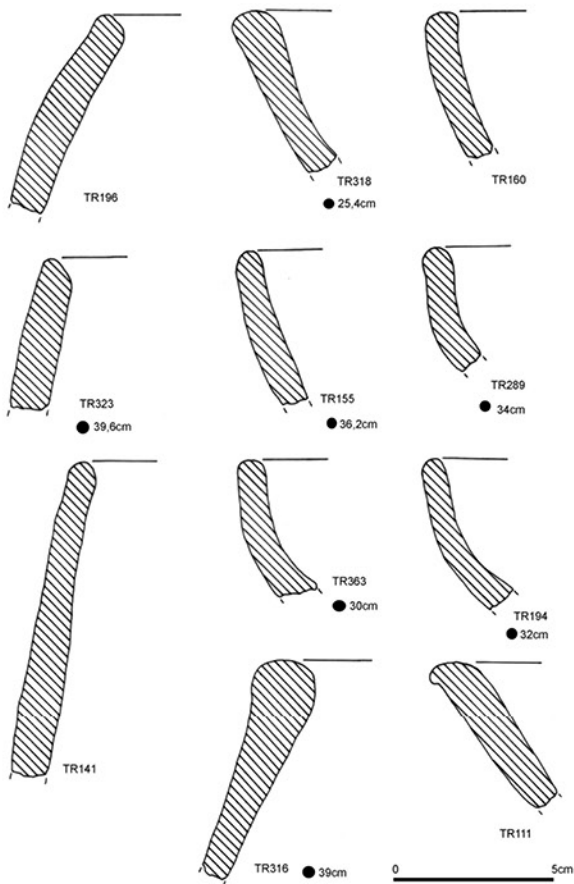
TR305

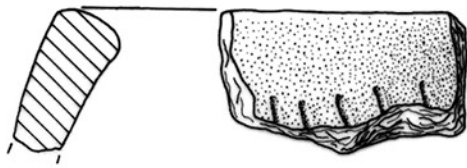
TR298

TR81

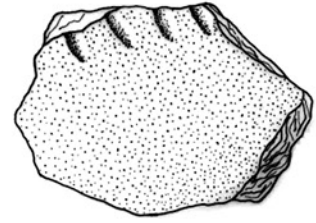
TR117

0 5cm

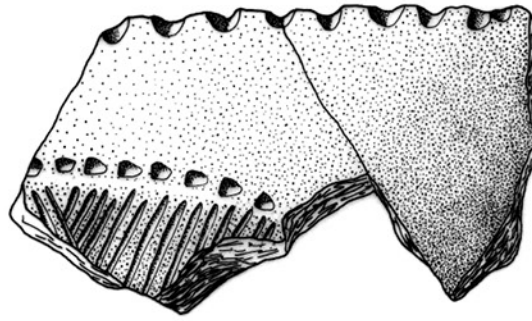




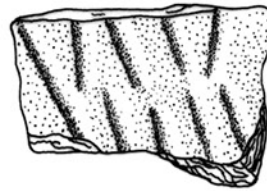
TR176



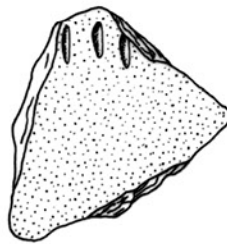
TR230



TR109



TR303

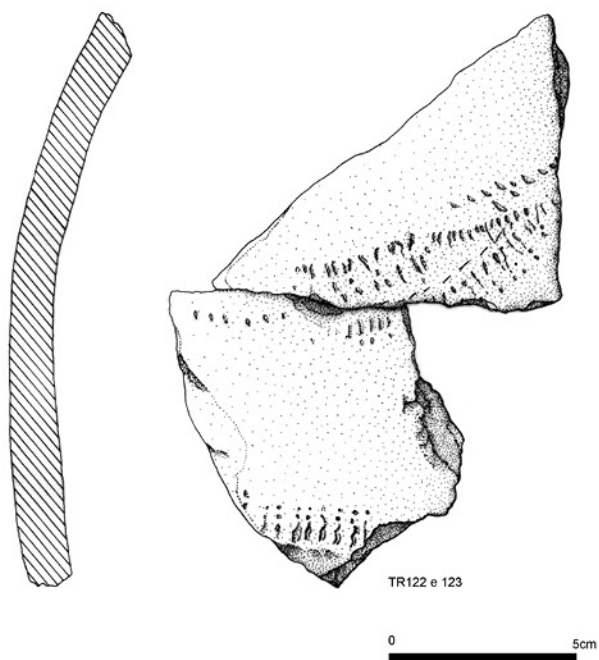


TR151



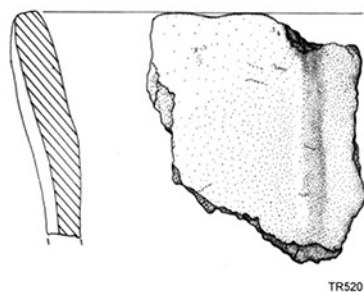
TR324





TR122 e 123

0 5cm

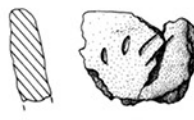


TR520

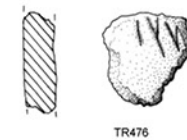


TR210

TR478



TR129



TR476



TR490

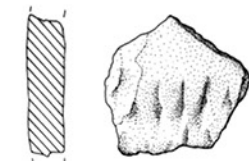
0 5cm



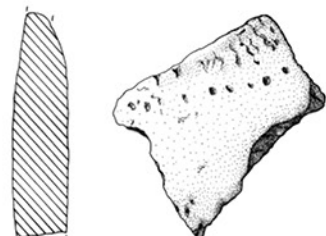
TR396



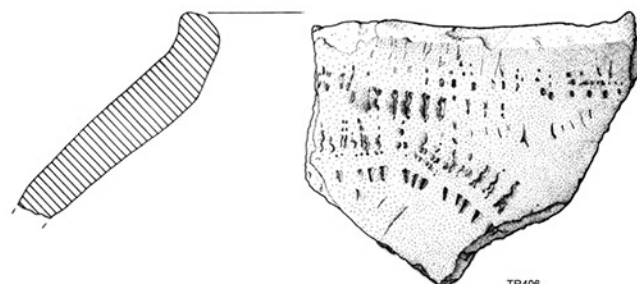
TR383



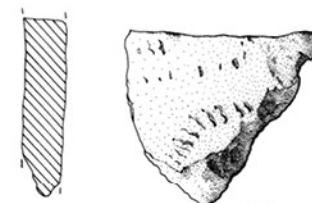
TR564



TR359



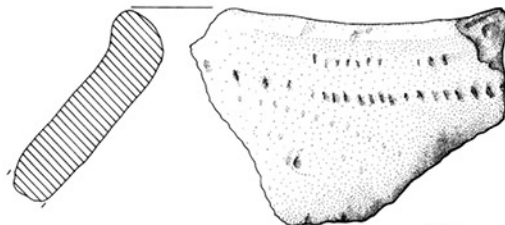
TR406



TR446

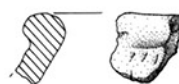


TR336



TR138

0 5cm

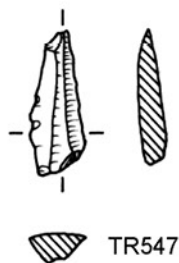
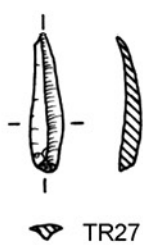
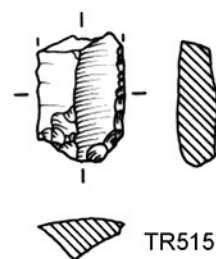
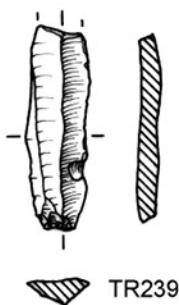
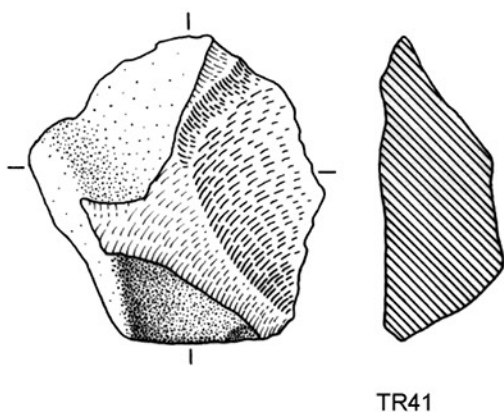
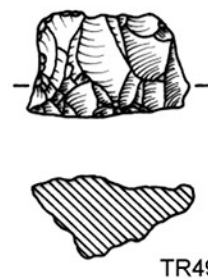
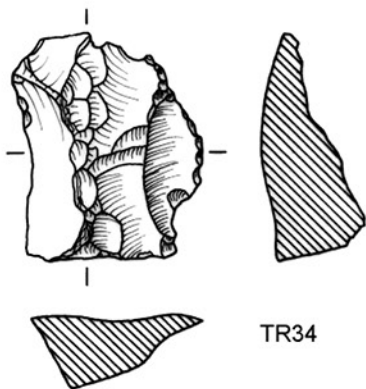


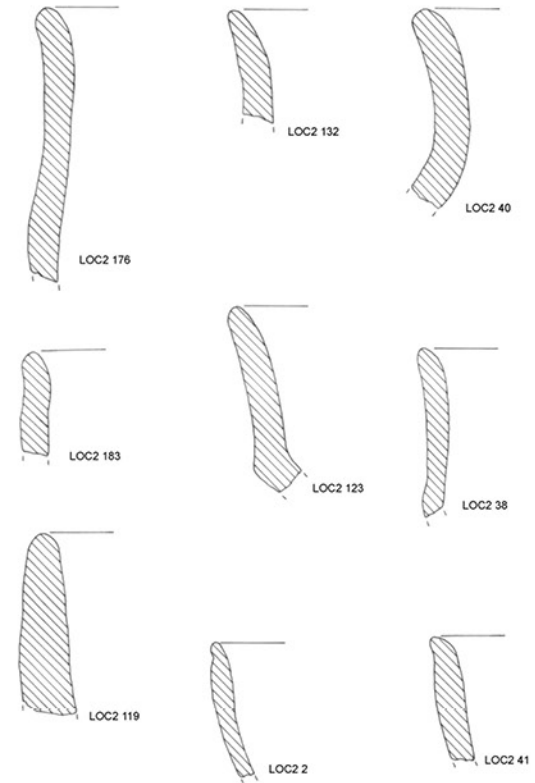
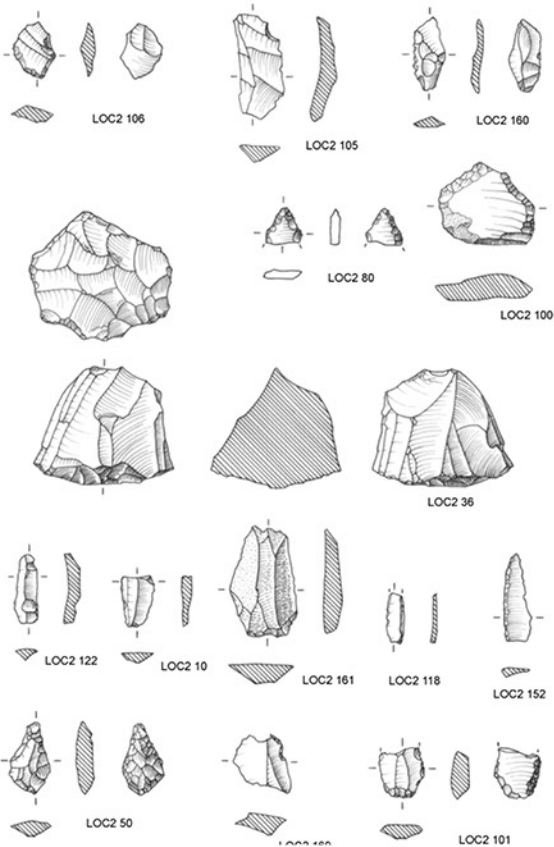
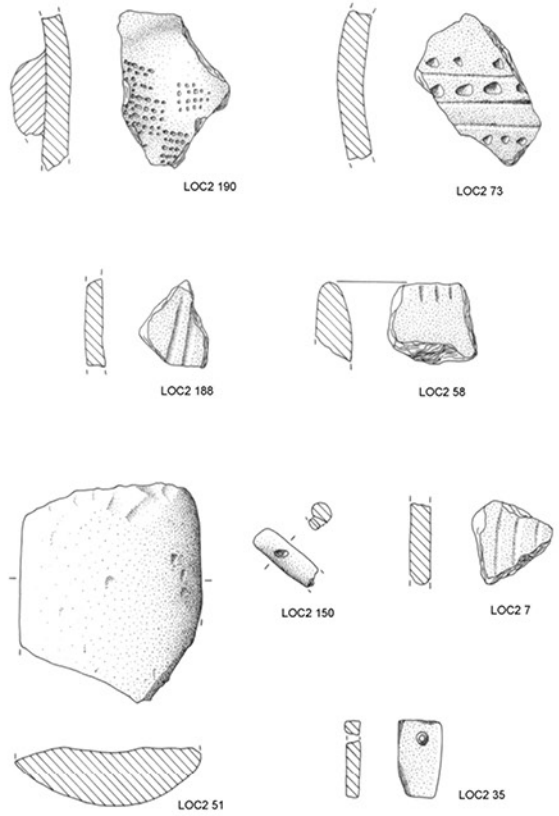
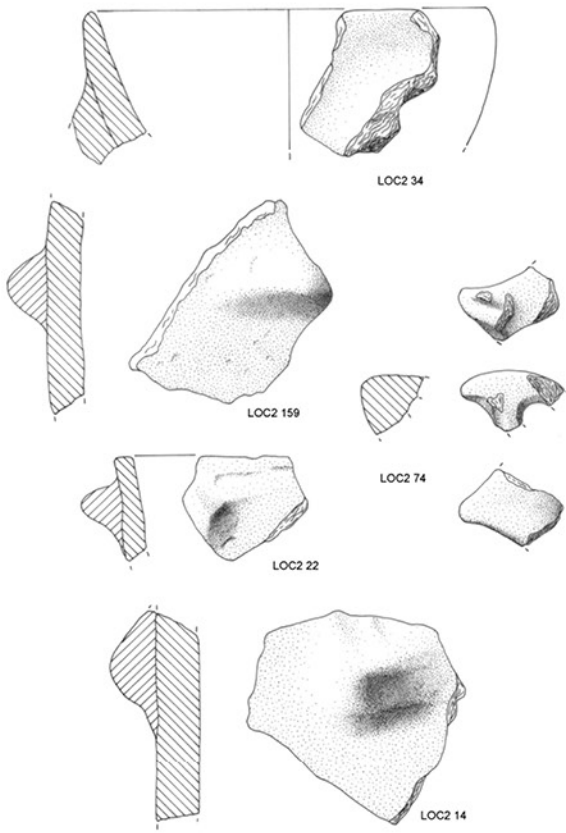
TR271



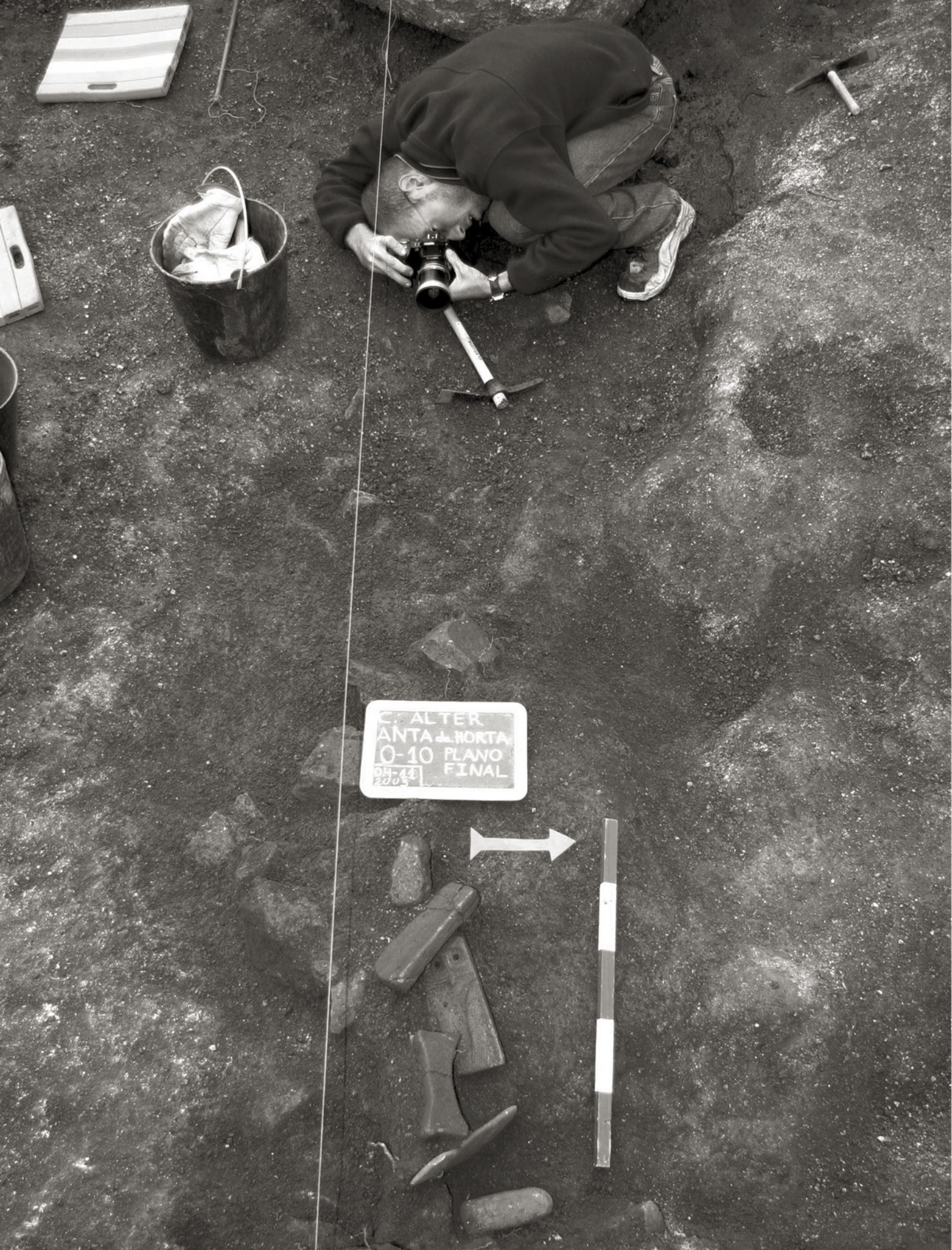
TR106

0 5cm





MATERIAIS DO LOCUS 2



C. ALTER
ANTA da NORTE
O-10 PLANO
09-14 FINAL
2205



2.4. ANTA DA HORTA

Os trabalhos desenvolvidos na Anta da Horta decorreram em duas fases. A primeira, durante a qual apenas se procedeu à limpeza do coberto vegetal, decorreu na segunda quinzena de Setembro de 2001. A segunda, durante a qual se procedeu à escavação e reabilitação do monumento, entre Novembro de 2003 e Janeiro de 2004.

Esta anta situa-se na área da Coudelaria de Alter, numa das poucas zonas onde se denotam alterações morfológicas dos solos decorrentes de práticas hortícolas. A zona onde se situa esta anta foi uma das últimas a ser incorporada na área da Coudelaria, o que ocorreu durante o segundo quartel do século XX. Até essa data, a área envolvente da Anta da Horta fazia parte das hortas da povoação do Reguengo. A pendente natural do solo foi regularizada, dando lugar a taludes com mais de um metro de altura, separando patamares artificiais de terra muito húmida. A câmara da Anta da Horta situa-se na orla de

um desses patamares, tendo a face poente da mamoa sido totalmente destruída.

Antes de iniciados os trabalhos, podiam-se observar dois esteios da câmara ainda de pé e dois tombados. Na zona onde se situaria o corredor, apenas era possível identificar um provável fragmento de esteio. Entre a câmara e o corredor, erguia-se uma grande e vetusta oliveira. Na face interna dos esteios, que ainda se conservavam *in situ*, identificámos o que teria sido um pequeno canil abandonado, haveria vários anos.

A Anta da Horta possui as seguintes coordenadas obtidas por GPS:

Coordenadas UTM: X - 614119; Y - 4342691.

Coordenadas geográficas: 07º 40' 40.7'' W; 039º 13' 31.3'' N.

2.4.1. ESCAVAÇÃO DO MONUMENTO

A cotagem geral utilizada na escavação foi estabelecida a partir da rede geral de altimetria da Coudelaria, transportada do ponto com a cota de 102,25 m, estabelecida na soleira da porta das denominadas Casas Altas.

Iniciámos os trabalhos com uma limpeza do coberto vegetal, em toda a área. Foi também realizado o levantamento gráfico e topográfico do monumento, bem como o desenho de um corte estratigráfico da mamoa, definido pelo talude já existente que a atravessa no sentido NW/SE. Para esse efeito, o talude foi regularizado e limpo.

Para possibilitar a intervenção na zona do corredor, foi removida uma oliveira, que aí se situava. De segui-

da, foram erguidos e reimplantados os dois ortóstatos tombados, de modo a possibilitar a escavação no interior da câmara, local onde se encontravam caídos. Concluídos estes trabalhos, procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas, organizadas a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, nos sentidos Sul-Norte e Oeste-Este, magnéticos. A partir destes eixos estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado, que cobriu toda a área a intervencionar. As quadrículas foram denominadas por um sistema alfanumérico.

Inicialmente, foram marcadas para escavação as quadrículas L-10, L-11, L-12, M-10, M-11, M-12 e N-10. Posteriormente, esta área foi alargada para as quadrículas M-09, N-09, N-11, O-09, O-10, O-11, P-09, P-10, P-11 e Q-10, consoante as necessidades colocadas pelo avanço dos trabalhos.

Os trabalhos de escavação iniciaram-se na zona da câmara, prosseguindo, posteriormente, para o corredor.

2.4.1.1. ESCAVAÇÃO DA CÂMARA

Na câmara, iniciaram-se os trabalhos com decapagens sucessivas na totalidade do espaço, com excepção da quadrícula L 10, que só foi escavada no final da campanha. Foi tomada esta opção para se manter um registo estratigráfico e, sobretudo, para não retirar sustentabilidade ao esteio que aí se encontra. Analisando a sequência da estratigrafia, podemos concluir que:

O primeiro nível de terra, muito humosa, apresentava-se muito solta onde ocorriam materiais pré-históricos misturados com fragmentos de cerâmica romana de construção, medievais e modernos. Este

nível prolongava-se, em média, até 15 cm de profundidade.

Terminada esta camada de terras soltas, identificou-se uma segunda camada com terras mais compactadas, mantendo-se, contudo, os sinais de revolvimentos. Estas terras tinham uma potência que rondava os 10 cm. Neste nível, registou-se a presença de algum material ósseo, tendo a sua escavação sido efectuada pela Equipa de Antropologia da Universidade de Évora. Foram identificados quatro conjuntos de material ósseo, maioritariamente, em conexão. Estes conjuntos foram nomeados por Enterramento 1, Enterramento 2, Enterramento 3 e Enterramento 4, por ordem da sua identificação. Alguns dos ossos destes enterramentos são de animais, mas encontram-se associados a ossos humanos, como crânios, falanges e ossos longos. Aguarda-se, ainda, o relatório dessa equipa. A estes conjuntos estavam associados dois ídolos-placa, uma conta de colar e fragmentos de taças de cerâmica lisa. Embora este nível apresentasse terras muito estabilizadas, nalguns locais continuaram a detectar-se materiais romanos e medievais, o que indicia profundas violações, ocorridas em várias épocas, no espaço definido pela câmara.

Já muito perto da rocha de base, foram identificadas algumas lajes em xisto, que aparentavam estar *in situ*, principalmente em L 10, na zona encostada aos esteios ainda de pé. Pelo posicionamento destas lajes, poderemos deduzir que, originalmente, a câmara do monumento teria sido totalmente revestida por lajes de xisto. Estas lajes assentavam sobre uma fina camada de argila muito compactada, que regularizava o solão granítico. Na restante área da câmara, onde não se verificava a existência das referidas lajes, foi detectada esta camada de argila, imediatamente aci-

ma da rocha. Neste nível, foram identificados diversos fragmentos de cerâmica lisa, mas muito rolados. Na sequência da escavação da câmara, foi possível identificar os alvéolos de implantação dos esteios tombados e fracturados. Em quatro deles, foram identificados fragmentos de esteios associados com material cerâmico, igualmente muito fracturado. Vários elementos de mó manual, maioritariamente dormentes, encontravam-se no interior dos alvéolos. À semelhança do que ocorre noutros dólmenes do Norte alentejano, também estes elementos de mó apresentavam sinais de fractura intencional. No alvéolo da quadrícula M 10, na entrada da câmara, foram identificados alguns fragmentos de faiança, imediatamente acima do solão de base.

2.4.1.2. ESCAVAÇÃO DO CORREDOR

Por à superfície não ser possível definir com rigor a posição e orientação do corredor do monumento, foi utilizada uma metodologia de avanço de escavação por quadrículas.

No decurso da escavação, apenas foram identificados quatro esteios, dois dos quais estavam tombados.

Na restante zona por onde se prolongaria o corredor, não foram identificados ortóstatos nem alvéolos de implantação.

No que se reporta à estratigrafia, notamos três realidades distintas:

Num primeiro nível, com uma potência média de 25 cm, ocorriam terras muito húmidas com sinais de revolvimentos muito recentes, resultado dos sucessivos trabalhos de lavoura que aqui se efectuavam. Neste nível, encontrámos uma grande variedade de

materiais cerâmicos muito fracturados, atribuíveis a vários períodos, desde a pré-história até ao século XX. No segundo nível, com uma potência média de 30 cm, identificaram-se terras de cor castanho-escura, pouco compactadas, com a presença de pedras de pequeno e médio calibre. Neste nível, registou-se, com especial incidência na zona central do espaço onde se desenvolveria o corredor e junto dos locais onde se situariam os esteios, um grande número de materiais, com poucos sinais de revolvimento. Este nível arqueológico, sobretudo próximo dos locais onde se situariam, originalmente, os esteios do corredor, emergia o nível arqueológico inferior.

O terceiro nível é constituído por terras muito compactadas e com bastante saibro e rocha desagregada misturados. Este nível, com uma potência variável entre os 5 e os 30 cm, encontra-se principalmente encostado aos locais onde estariam implantados os esteios. Foi neste nível, mas na zona onde se situaria a entrada do corredor, que se identificou um conjunto assinalável de materiais, aparentemente não remexidos. Um crânio humano com a face virada para o interior do monumento, sustentado na zona occipital por um calcâneo, apresentava-se rodeado por uma alargada panóplia de oferendas, composta por machados e enxós de pedra polida, ídolos-placa de xisto, micaxisto e arenito, cerâmicas carenadas, semi-esféricas e esféricas, placas de arenito sem decoração mas com formas inéditas, lâminas e pontas de seta de sílex. Não foi possível identificar com precisão o posicionamento deste notável conjunto artefactual em relação à estrutura lítica do monumento. A ausência de esteios e alvéolos do corredor, nesta zona, não nos possibilitou perceber se a deposição deste espó-

lio ocorreu na zona inicial mas interna do corredor, se nalgum possível átrio à entrada do mesmo. Este depósito assentava sobre uma fina camada de argila que se unia ao solão de base.

Ao prolongarmos a escavação para Este, na quadrícula Q 10, identificámos apenas uma camada de terra com cerca de 30 cm e, imediatamente abaixo, a rocha. O espólio arqueológico aí identificado era formado por fragmentos cerâmicos que se inserem, cronologicamente, num vasto período de tempo pós-romano. Imediatamente acima da rocha, foram identificados alguns fragmentos de faiança e a própria rocha apresenta rasgos que parecem ter sido feitos por um arado. Isto leva-nos a identificar esta camada como sendo um nível de revolvimentos recentes provocados pelos trabalhos agrícolas efectuados no local.

2.4.1.3. ESCAVAÇÃO DA MAMOA

Para a compreensão da mamoa que envolve este monumento, foram efectuados trabalhos de limpeza e regularização do talude que a atravessa, no sentido NW/SE, que se rasga imediatamente a SW dos esteios da câmara.

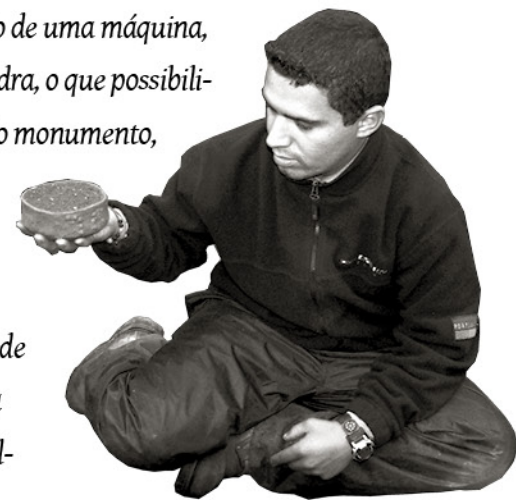
Destes trabalhos, há que registar a existência de duas camadas de terra humosa, apenas diferenciadas pelas respectivas consistências. Estas duas camadas atingem uma profundidade de, sensivelmente, 50 cm. Por baixo destas, identificámos uma camada de terras mais claras e compactadas, que desaparece quando chega perto dos esteios. Aqui registámos, sensivelmente, às mesmas cotas, terras ligeiramente mais escuras, correspondentes aos enchimentos dos alvéolos.

Por baixo destas, ocorre uma fina camada, 15 cm em média, de terras misturadas com o estrato rochoso em desagregação.

De notar que não foram identificados anéis líticos ou qualquer outro tipo de contrafortagem pétrea, para além de calços de pequeno e médio calibre incorporados nos alvéolos do monumento. A implantação dos esteios foi obtida pela abertura de alvéolos no substrato rochoso, contrafortados por terras saibrentas e calços líticos de médio calibre, onde ocorrem dormentes fragmentados.

2.4.2. REABILITAÇÃO DO MONUMENTO

Concluída a escavação, procedeu-se, com o auxílio de uma máquina, à reimplantação dos esteios tombados. O interior do monumento foi preenchido com uma camada de pedra miúda, recolhida na área envolvente, sobre a qual se depositou a terra crivada extraída do seu interior. A restante área escavada voltou a ser preenchida com as terras. Na face poente da câmara funerária, no local onde se fez sentir com maior intensidade a abertura do talude e que colocava em perigo a estabilidade dos esteios da câmara, depositaram-se, com o auxílio de uma máquina, grandes blocos de pedra, o que possibilitou a estabilização do monumento, substituindo a mamoa já desaparecida. Por forma a evitar o crescimento de erva cobriu-se a área imediatamente envolvente do monumento com casca de pinheiro.



A excitação da descoberta !!



Vista geral do monumento antes do início dos trabalhos



Corte na mamoa



Escavação de vaso na câmara



Depósito funerário na câmara



Ninho de machados



Ninho de ídolos-placa



Vista geral da área escavada



Recolha de ídolo-placa



Interrogações sobre ídolos-placa



Identificação de ídolo-placa



Depósito votivo no corredor



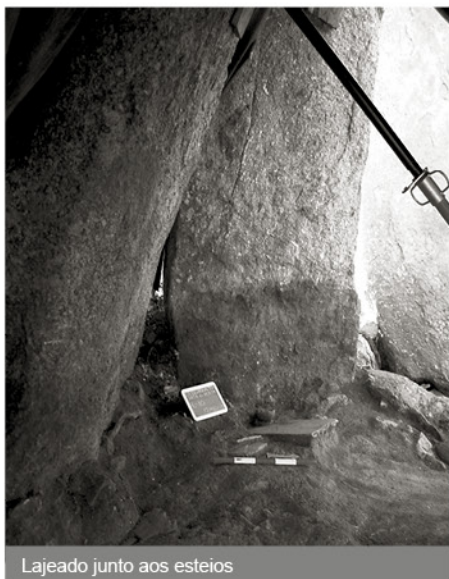
Desenho de ídolos-placa *in situ*

2.4.3. HISTÓRIA DO MONUMENTO

A Anta da Horta, situada a escassas dezenas de metros de um *habitat* e de um santuário com presença de materiais atribuíveis ao Neolítico antigo, dificilmente a poderemos desligar desse ambiente. Erguida durante o Neolítico, esta anta, de dimensões médias e provavelmente de corredor curto, acolheu no interior da sua câmara funerária diversos enterramentos, dos quais chegaram até nós testemunhos de, pelo menos, três deposições em conexão anatómica. Estamos seguros de que estas tumulações não correspondem à primeira fase de utilização do monumento. O piso de lajes de xisto que teria revestido, originalmente, toda a câmara funerária, encontrava-se destruído sob estes enterramentos, denunciando que estas tumulações terão destruído deposições anteriores. Os materiais que acompanhavam estas tumulações inscrevem-se, claramente, numa fase atribuível ao Neolítico pleno, onde ocorrem cerâmicas lisas e placas de xisto decoradas. Um fragmento de mandíbula de um destes enterramentos foi submetido a datação por radiocarbono, fornecendo a data de 3350 a 3020 Cal BC (dois sigmas) (Beta - 194313), o que se inscreve, plenamente, nos contextos do Neolítico final desta zona do Alentejo. A zona média do corredor, porque muito destruída, não nos possibilita qualquer tipo de compreensão. Contudo, num momento dos inícios do Calcolítico, se atendermos à presença de taças carenadas, ao fragmento de uma cabeça de alfinete em osso, canelada, e à presença de ídolos-placa em arenito, com decoração em relevo, o monumento volta a ser visitado e objecto de deposição e oferendas. Provavelmente, nesse momento, é removido um crânio e um calcâneo do interior do monumento, em torno do qual são colocadas as oferendas atrás

referidas. Do calcâneo submetido a datação, obteve-se a data de 2800 a 2760 Cal BC (dois sigmas) (Beta - 194312), o que nos parece ser uma data demasiado recuada, relativamente aos materiais que se lhe encontravam associados. Levantamos, portanto, a hipótese de, nos inícios do Calcolítico, durante algum ritual de culto aos antepassados, um crânio e um calcâneo para o sustentar terão sido removidos, provavelmente do interior da câmara e ao seu redor foram depositadas diversas oferendas.

À semelhança do que ocorreu na Anta da Soalheira, durante o domínio romano ou em fase imediatamente posterior, também este monumento deverá ter servido de abrigo. Justificam esta afirmação a presença de fragmentos de cerâmica romana de construção, identificados em terras de revolvimento no interior da câmara. Durante a Idade Moderna e até ao século XX, a Anta da Horta continua a ser revisitada. Num destes momentos, terão sido arrancados os esteios do corredor e escavada grande parte do interior da câmara, o que provocou o abatimento interno dos esteios. Numa destas alturas de reutilização da anta, alguns esteios e o chapéu terão sido partidos para qualquer construção. Testemunham esta afirmação as diversas marcas de cunhas para corte de pedra evidentes em dois fragmentos de esteios da câmara. A face poente da mamoa sofreu profunda destruição durante a preparação dos solos envolventes para práticas hortícolas. A última fase de utilização da Anta da Horta terá sido para abrigo de um canídeo. Fragmentos de uma corrente de ferro ainda atada ao tronco da oliveira que aí se erguia e um pequeno alguidar esmaltado e a parte inferior de uma panela de cerâmica indiciam esta última utilização da Anta da Horta.



Lajeado junto aos esteios



Ídolos-placa *in situ*



Ninho de ídolos



Escavação de ninho de ídolos-placa



Outro ninho de ídolos-placa



Reabilitação da anta



Olhos de Deusa



Reimplantação de esteio



Reabilitação da anta

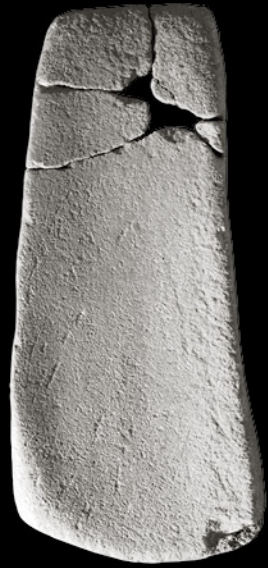




0 3 cm



0 3 cm



0 3 cm



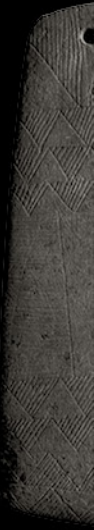
0 3 cm



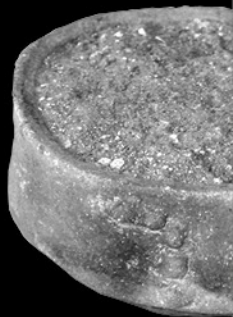
0 3 cm



0 3 cm



0 1 cm





0 3 cm



0 3 cm



0 3 cm



0 3 cm



0 3 cm



0 3 cm

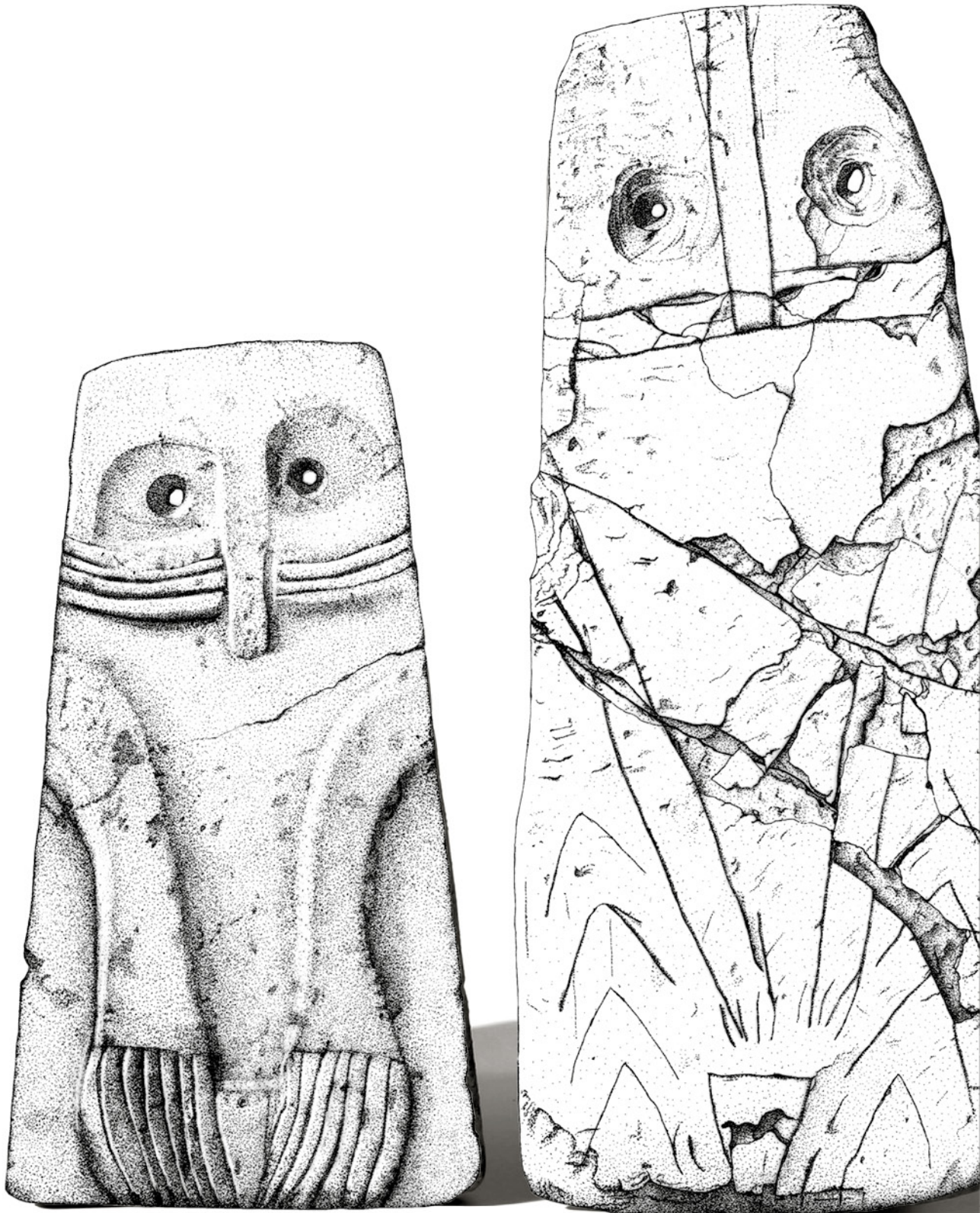


0 3 cm

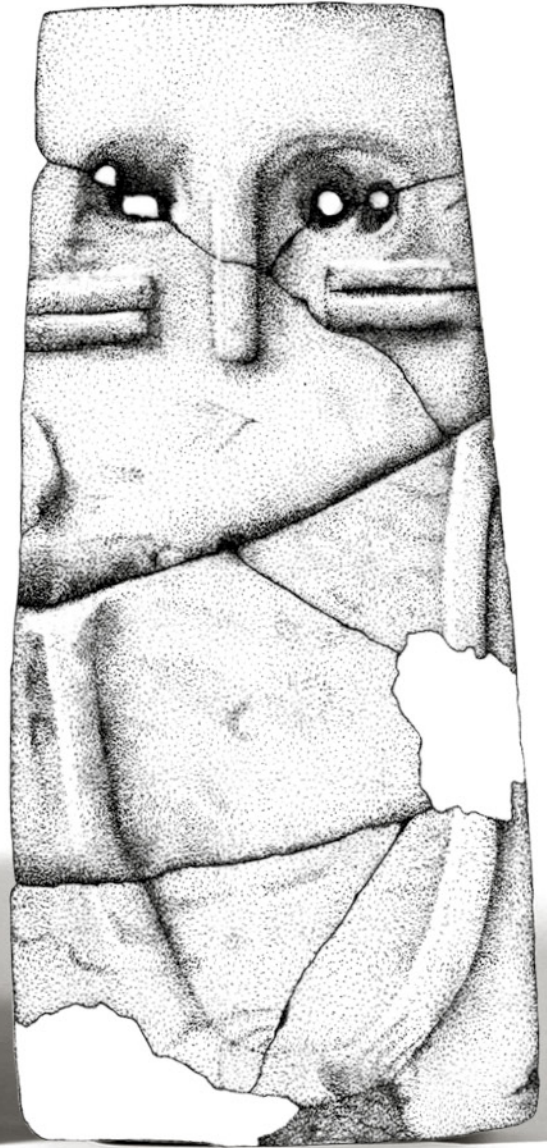
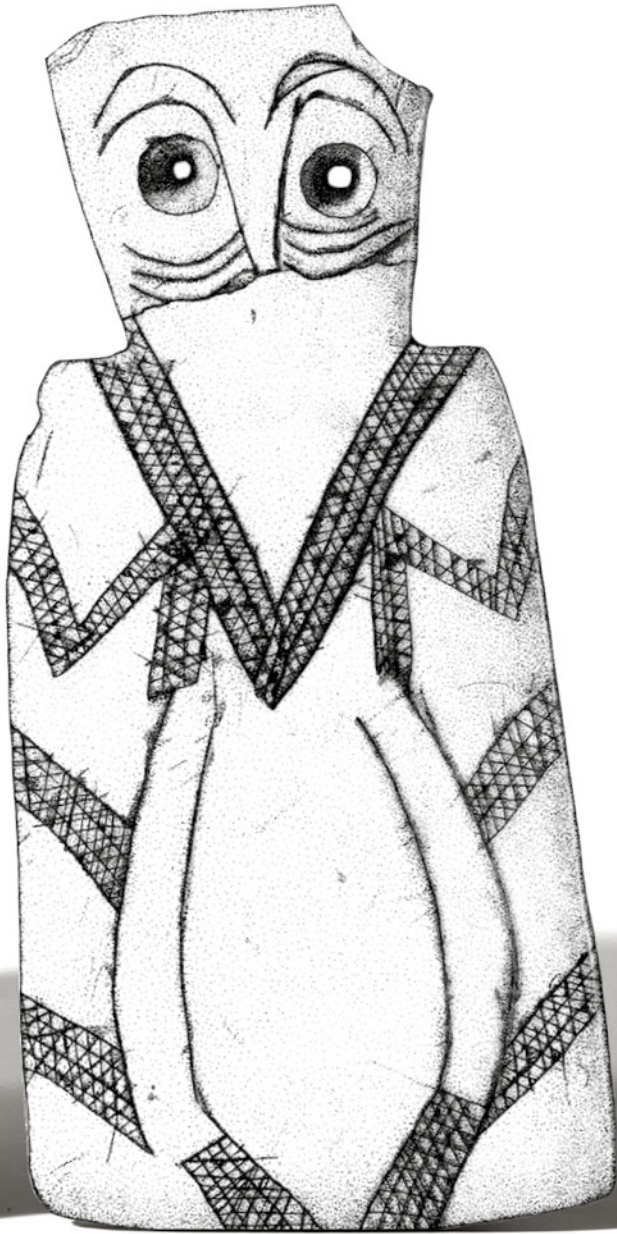








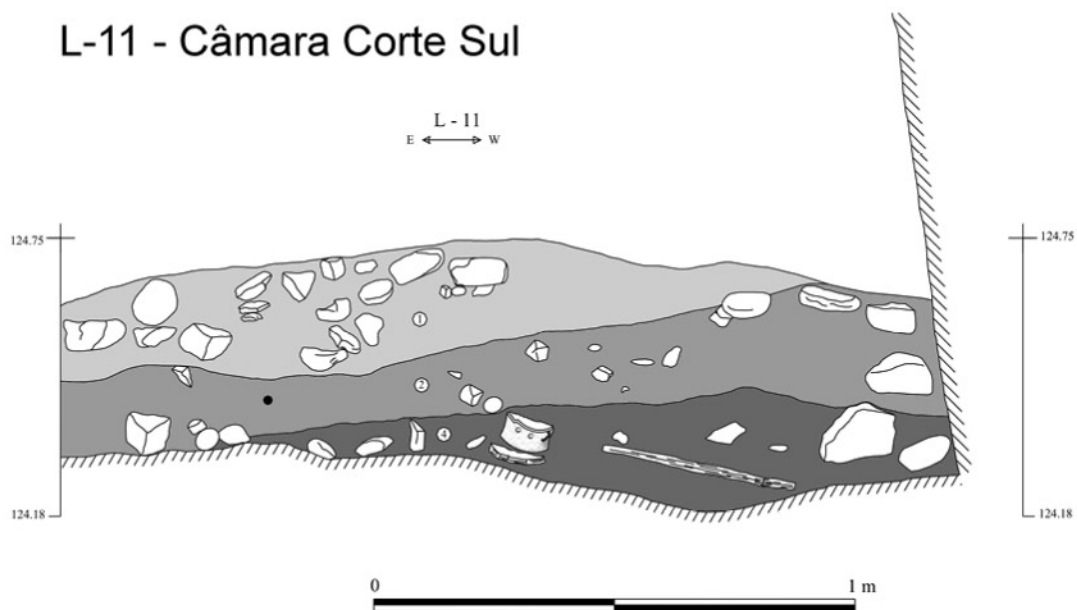
MATERIAIS DA ANTA DA HORTA



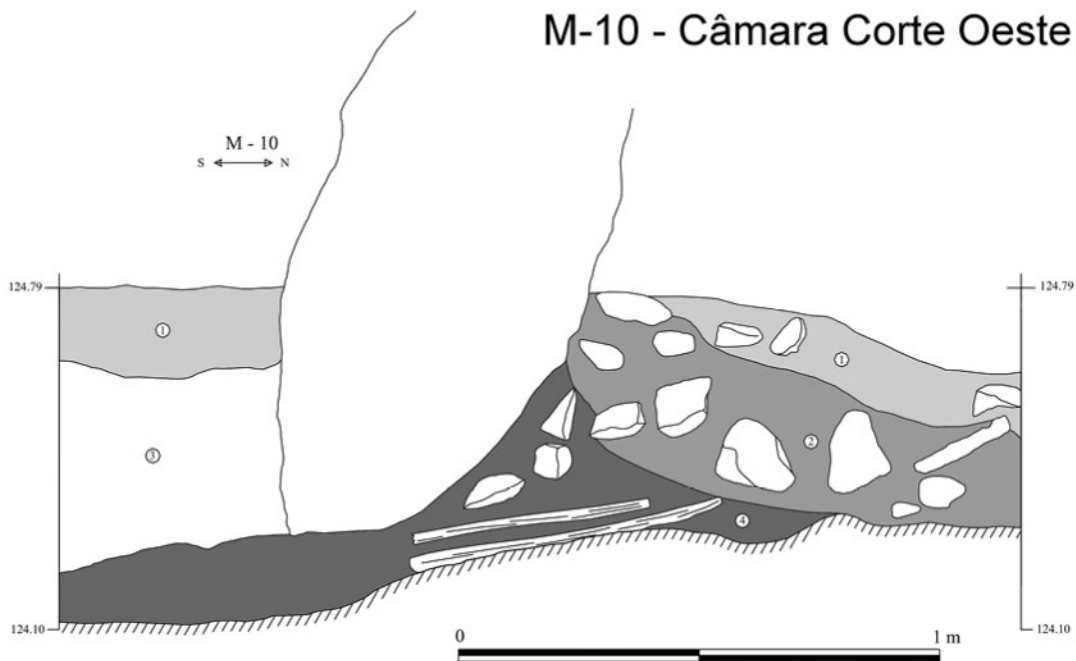
COUDELARIA DE ALTER

ANTA DA HORTA - CÂMARA

L-11 - Câmara Corte Sul

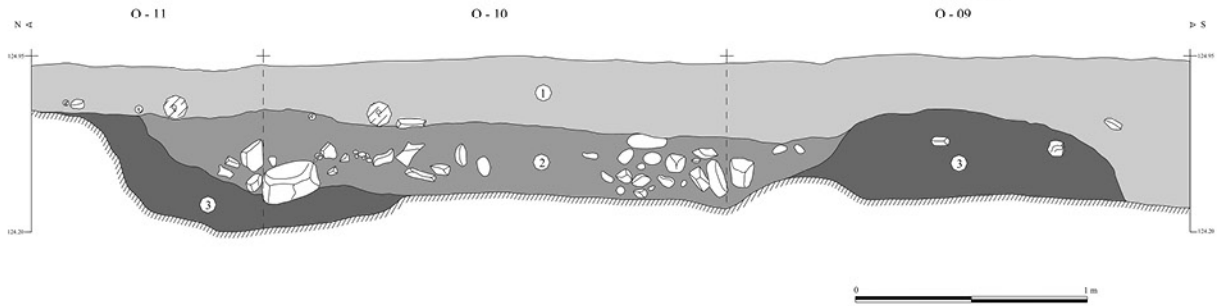


M-10 - Câmara Corte Oeste

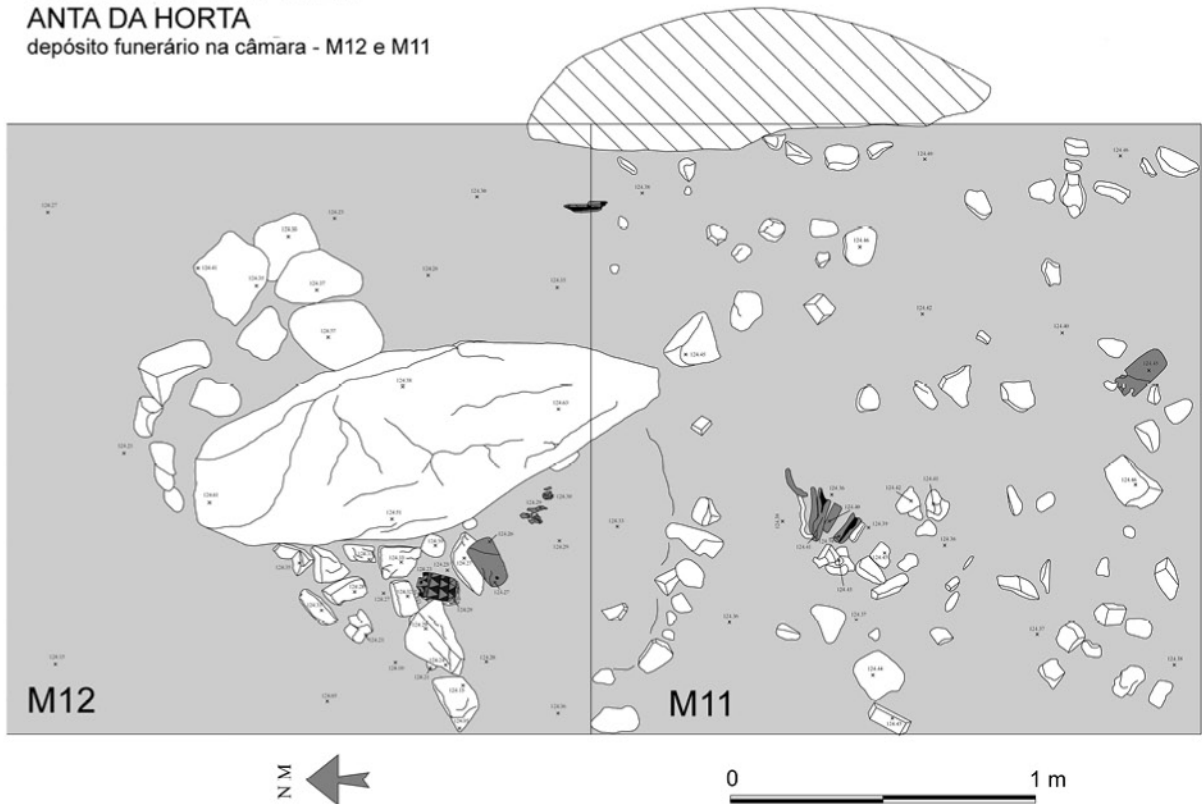




COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA HORTA
 corte estratigráfico do corredor
 O-9, O-10 e O-11
 corte Este



COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA HORTA
 depósito funerário na câmara - M12 e M11





AH 220



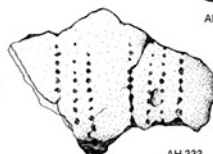
AH 330



AH 332



AH 331



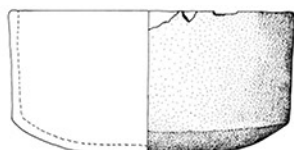
AH 333



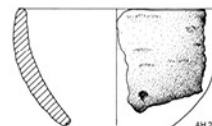
AH 225



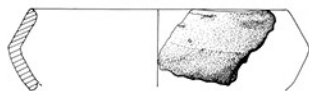
AH 375



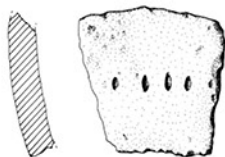
AH 229



AH 224



AH 250



AH 318



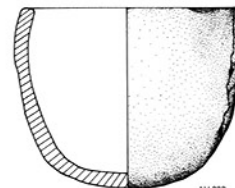
AH 221



AH 325



AH 243



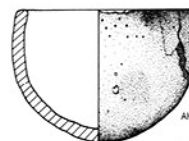
AH 232



AH 327

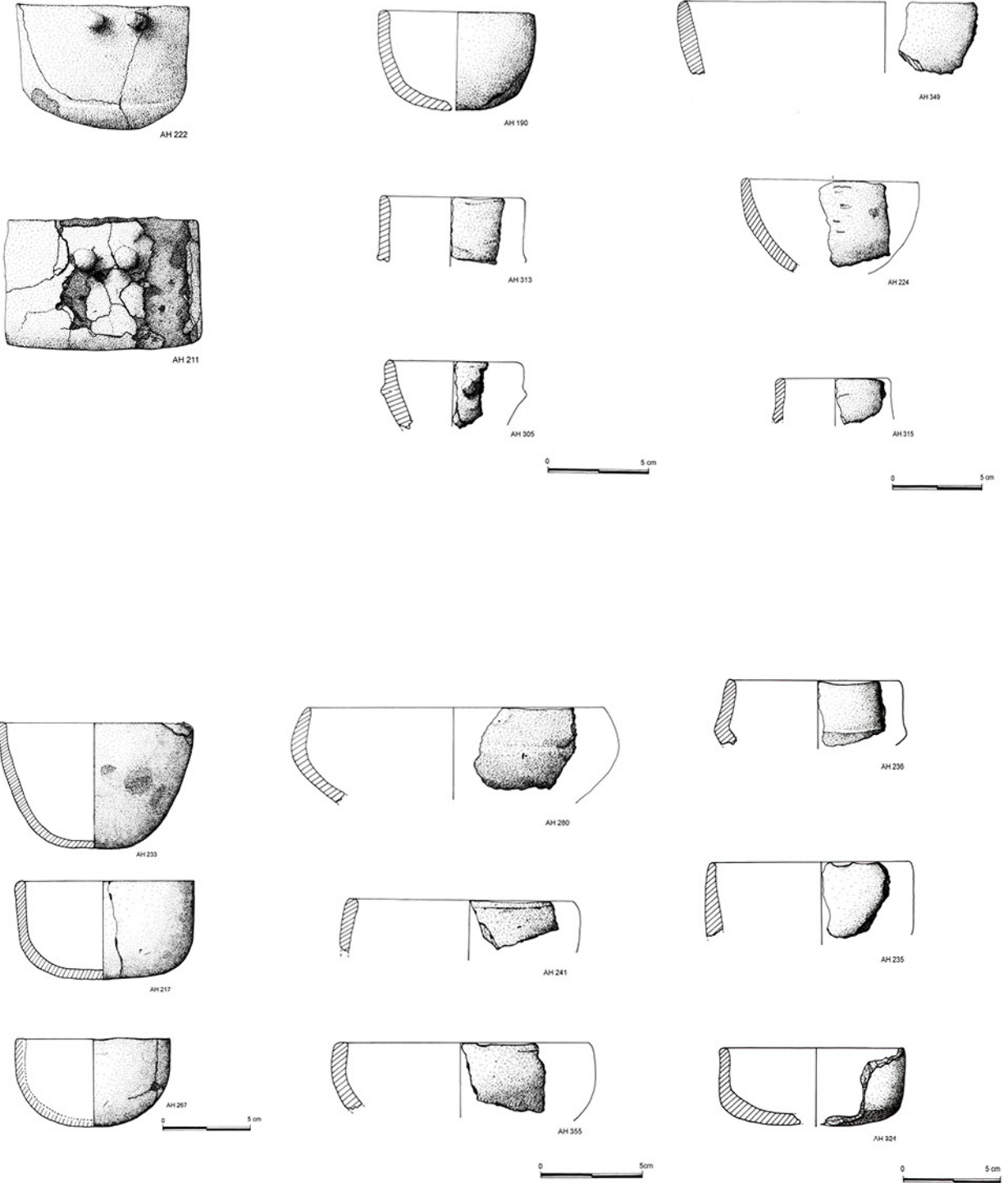


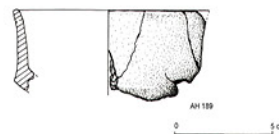
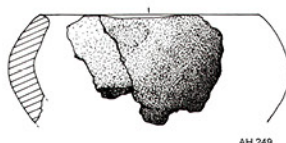
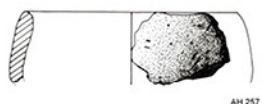
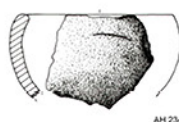
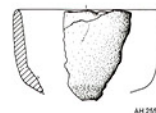
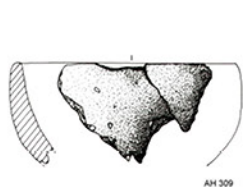
AH 287



AH 219



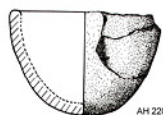
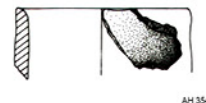
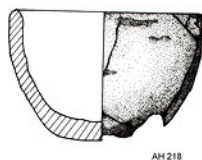
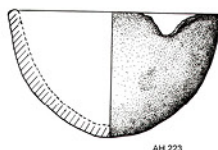




0 5 cm

0 5 cm

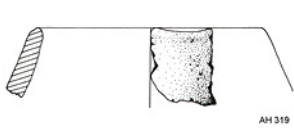
0 5 cm



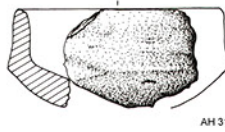
0 5 cm

0 5 cm

0 5 cm



AH 319



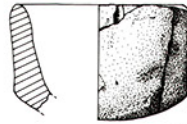
AH 318



AH 242



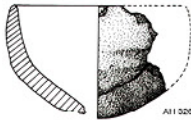
AH 370



AH 267



AH 304



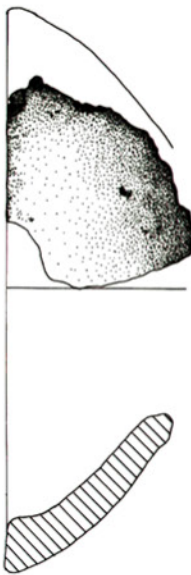
AH 326



AH 315



AH 349



AH 237

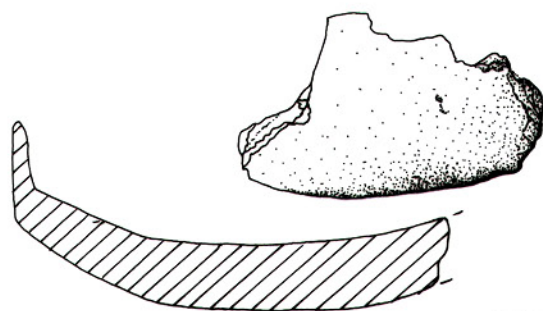


AH 244

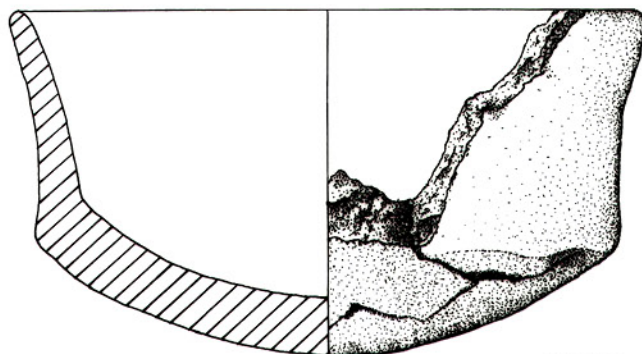


AH 365

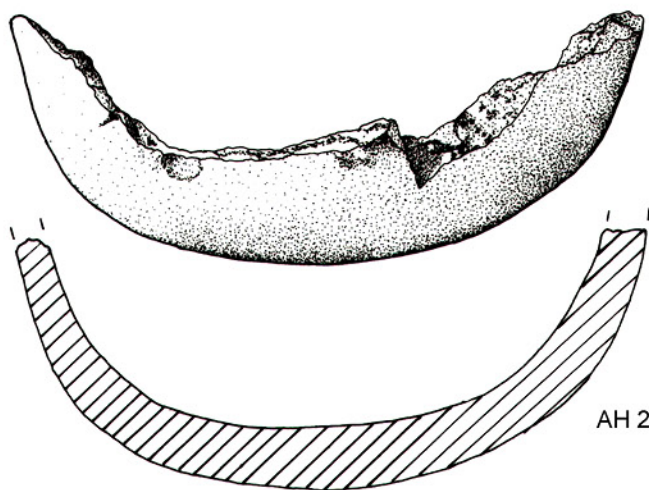




AH 239

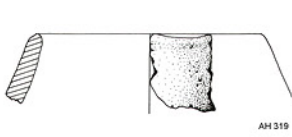


AH 231



AH 290





AH 319



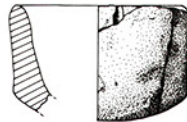
AH 318



AH 242



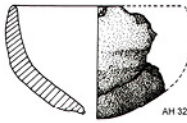
AH 370



AH 267



AH 304



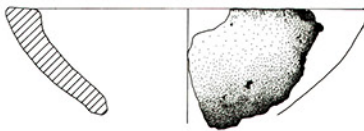
AH 326



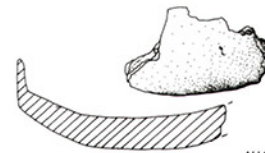
AH 315



AH 349



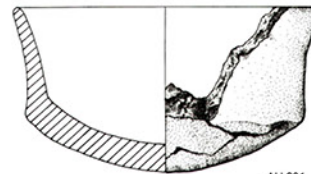
AH 237



AH 239



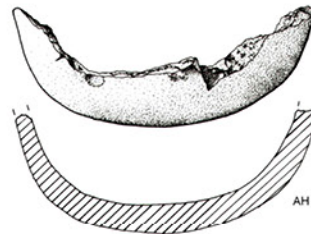
AH 244



AH 231

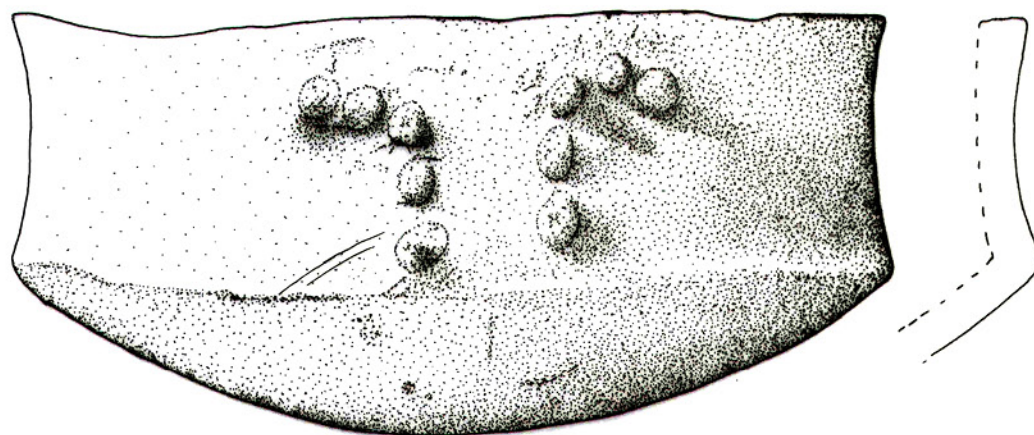


AH 365

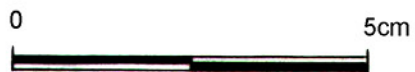


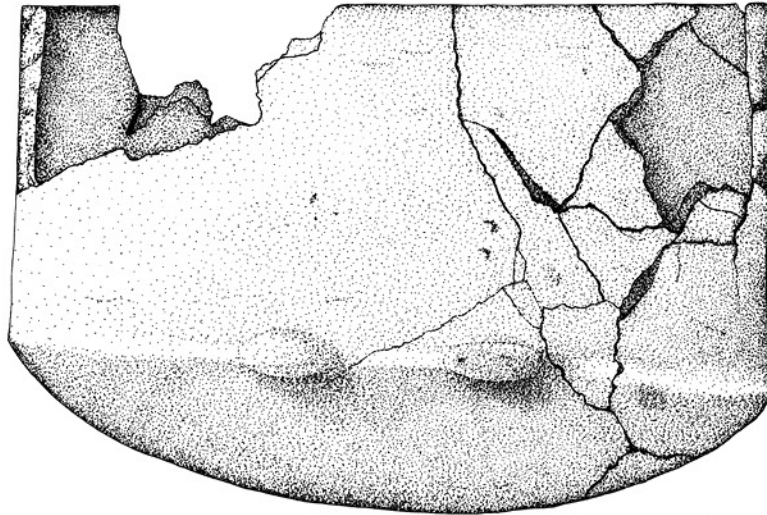
AH 290



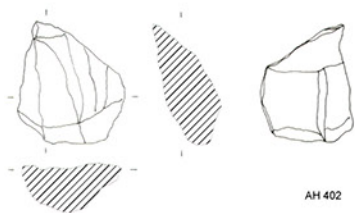


AH 186





AH 187



AH 402



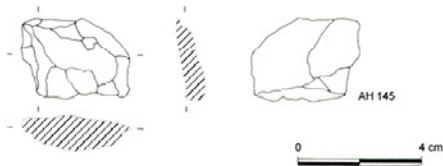
AH 05



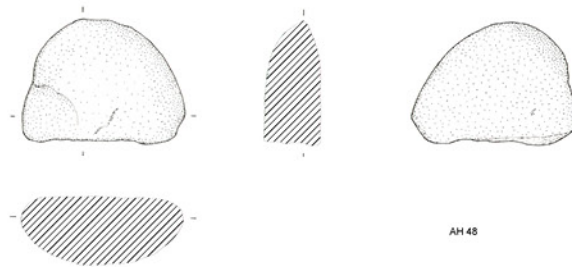
AH 383



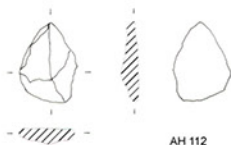
AH 101



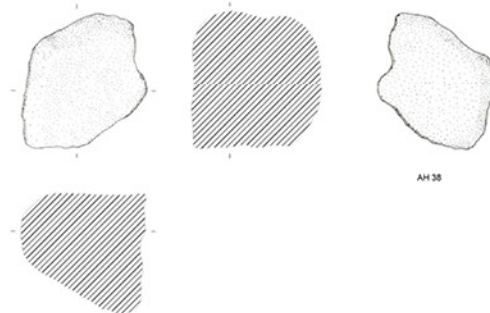
AH 145



AH 48



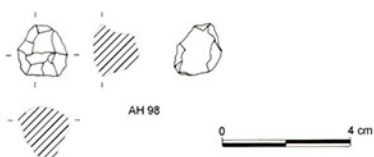
AH 112



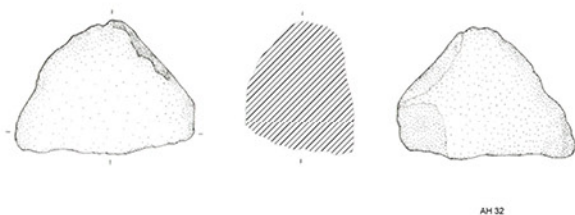
AH 38



AH 99

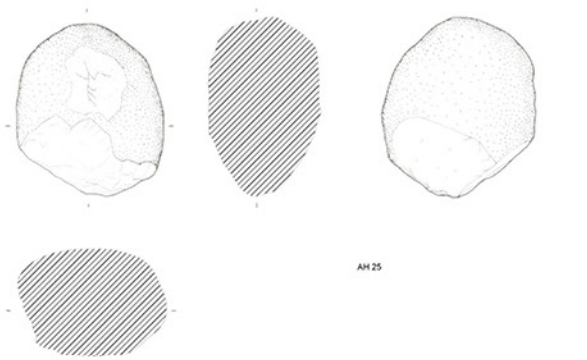


AH 98

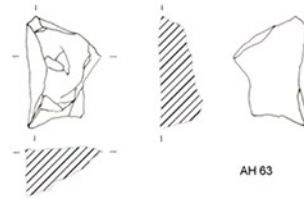


AH 32

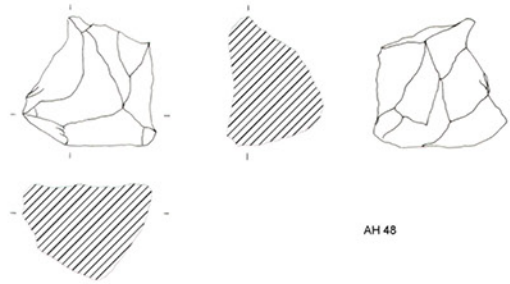




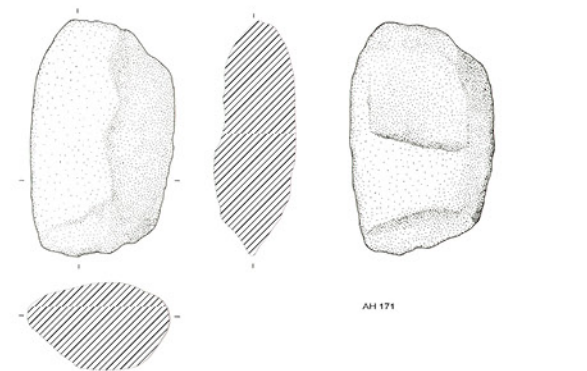
AH 25



AH 63



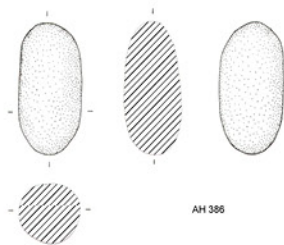
AH 48



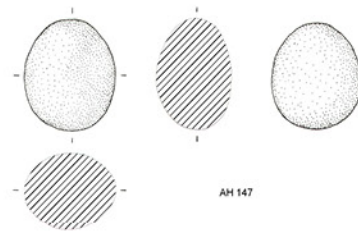
AH 171



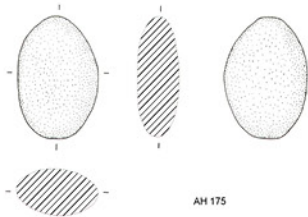
AH 1



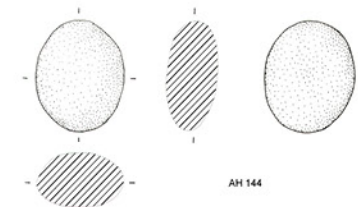
AH 388



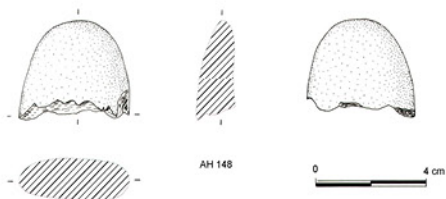
AH 147



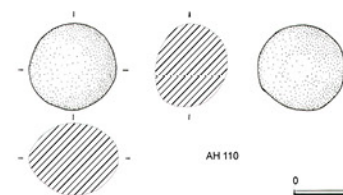
AH 175



AH 144



AH 148



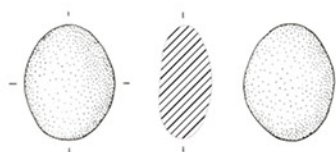
AH 110



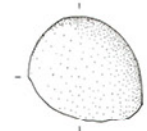
MATERIAIS DA ANTA DA HORTA



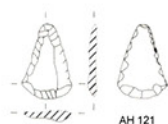
AH 65



AH 60



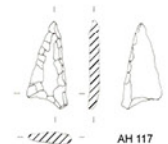
AH 47



AH 121



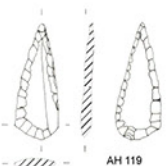
AH 138



AH 117



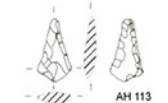
AH 128



AH 119



AH 123



AH 113



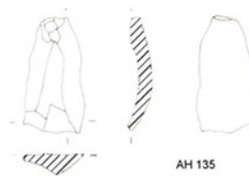
AH 126



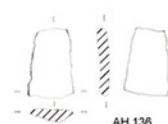
AH 103



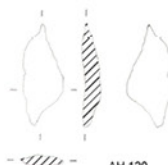
AH 116



AH 135



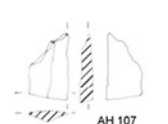
AH 136



AH 120



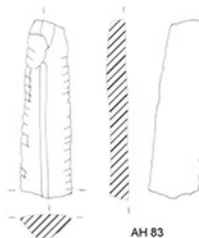
AH 139



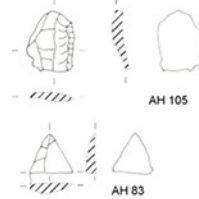
AH 107



AH 118



AH 83



AH 105

AH 83



AH 82



AH 50



AH 373



AH 212



AH 174



AH 142



AH 141



AH 53



AH 52



AH 77



AH 58



AH 54



AH 80



AH 69



AH 70



AH 43



AH 45



AH 146



AH 367

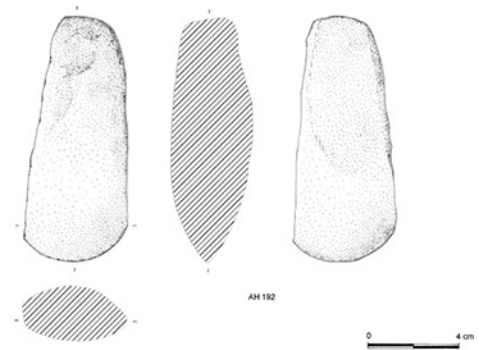
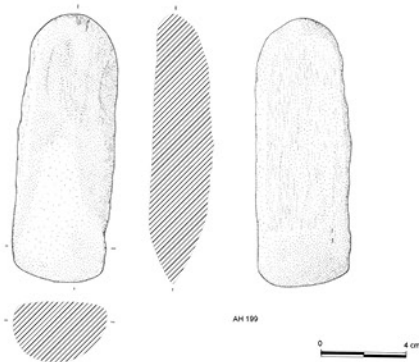
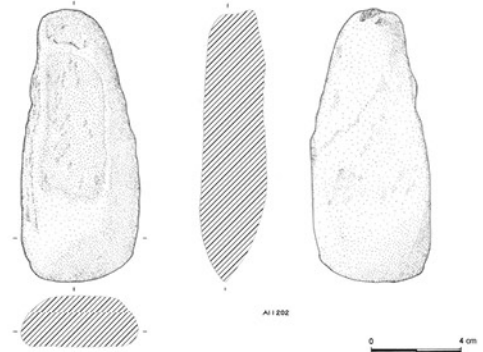
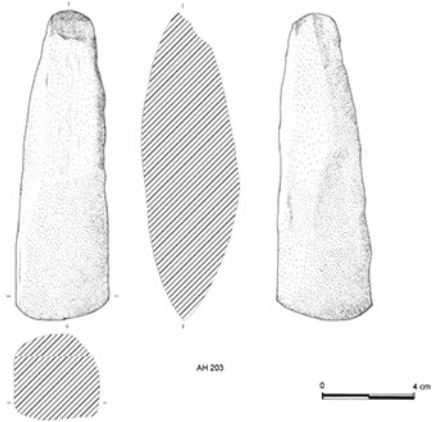
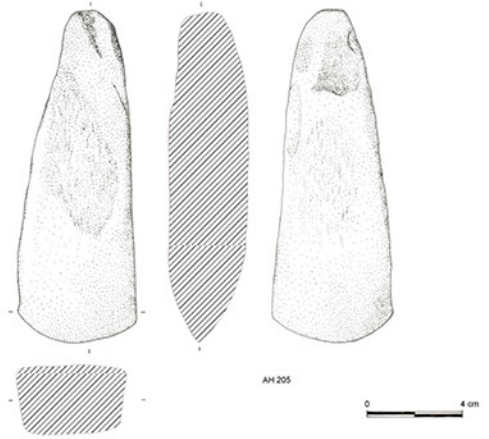
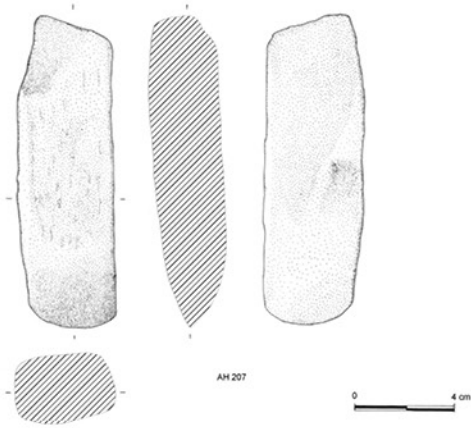
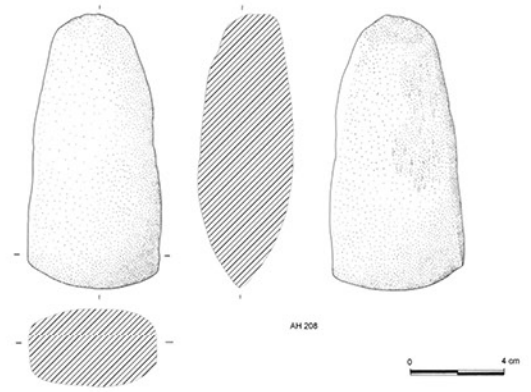
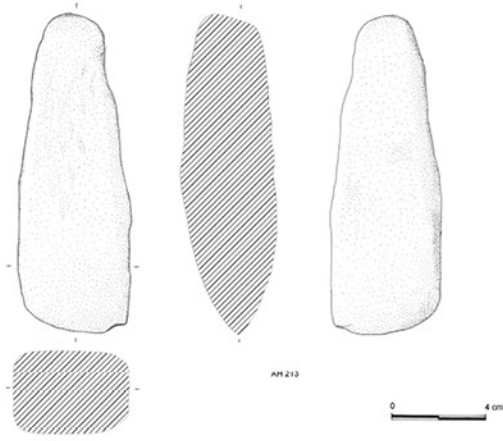


AH 200

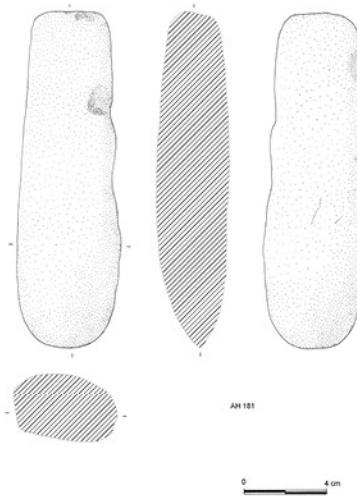
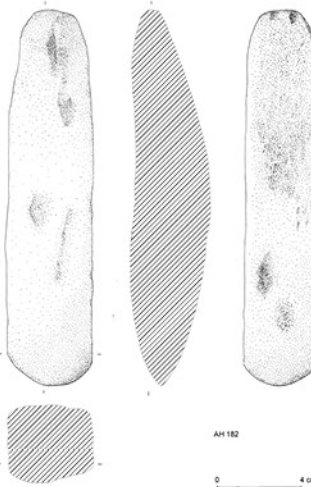
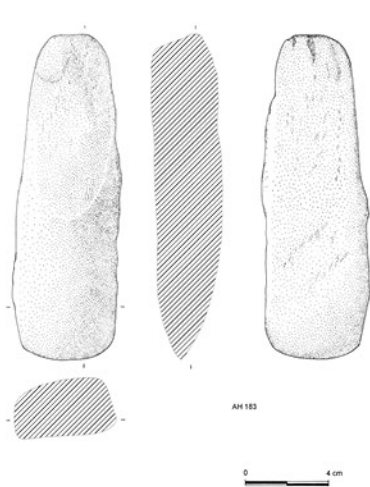
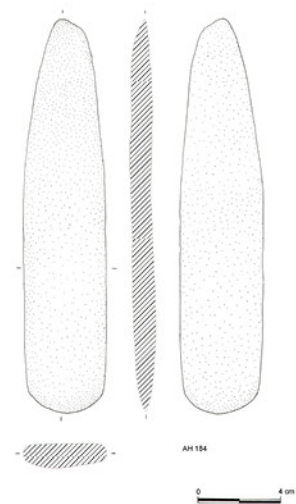
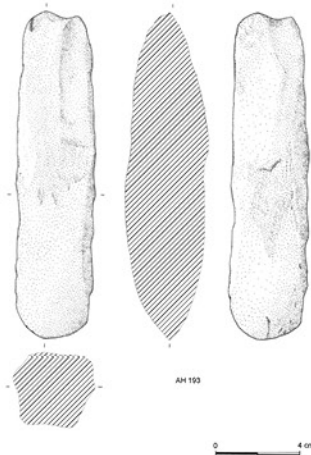
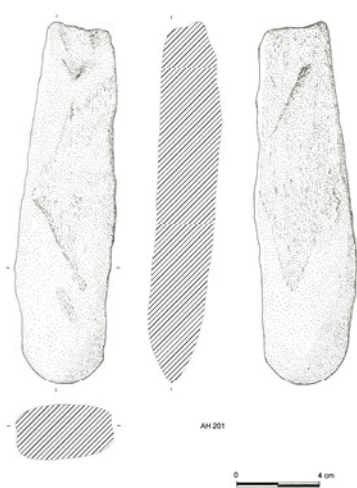


AH 45

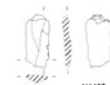
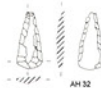
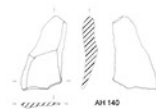
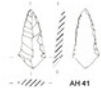
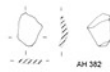
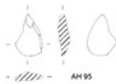
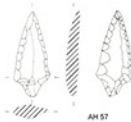




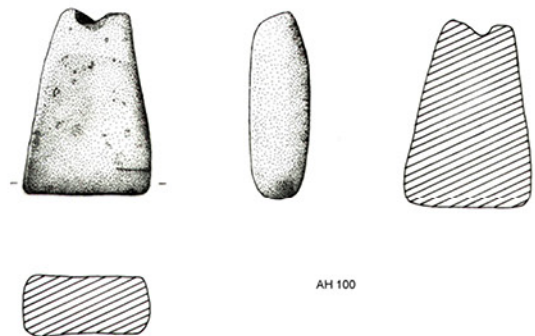
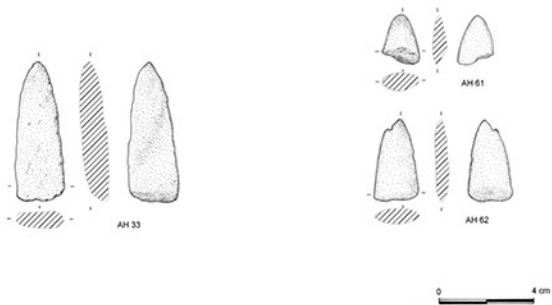
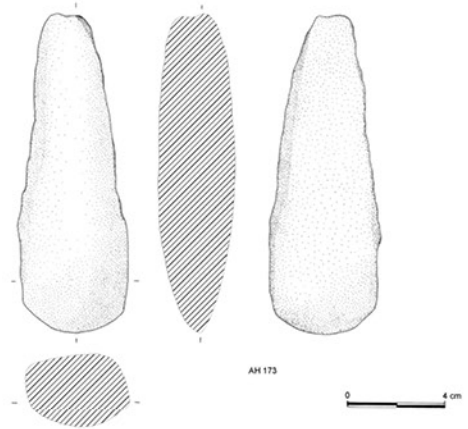
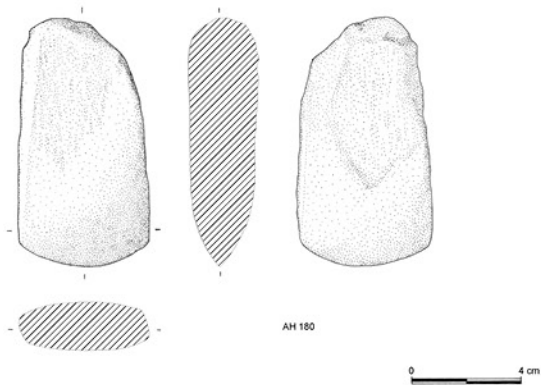
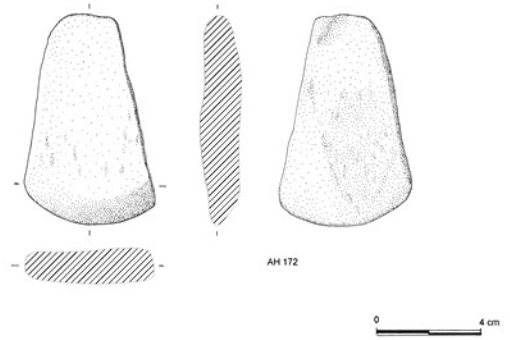
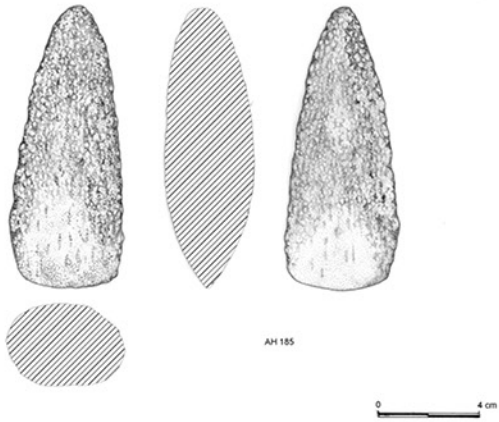
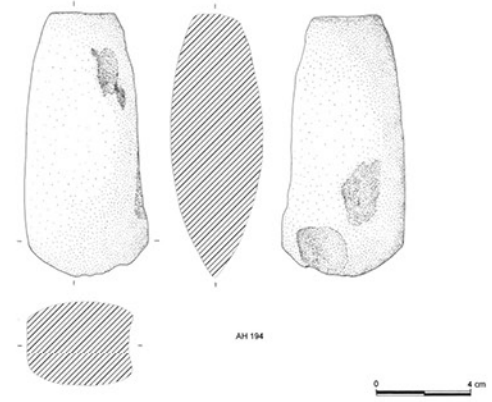
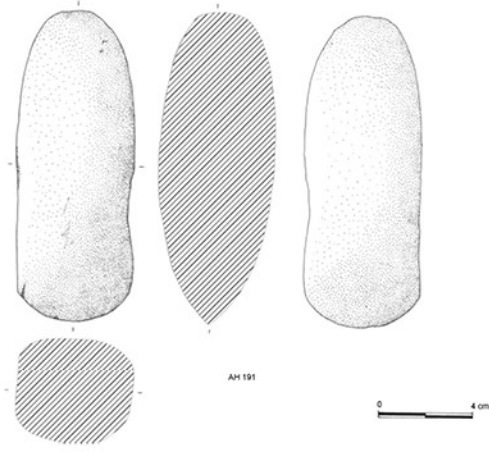
MATERIAIS DA ANTA DA HORTA

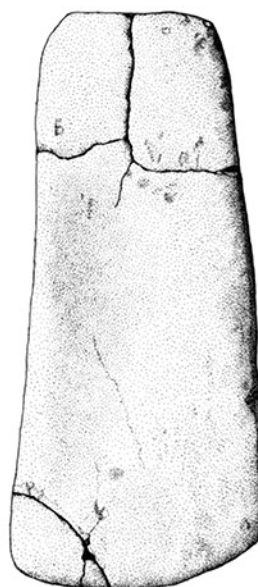
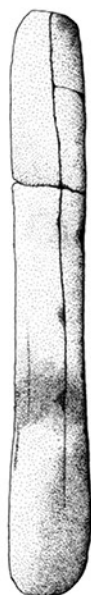
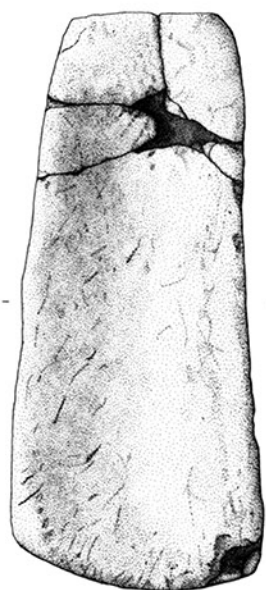


136

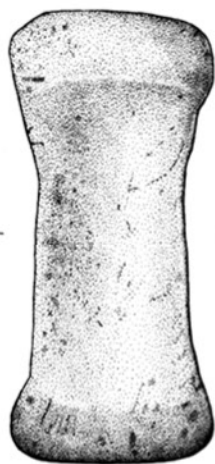


MATERIAIS DA ANTA DA HORTA



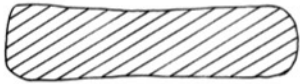
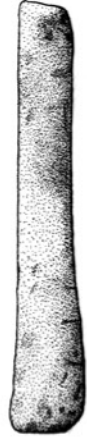
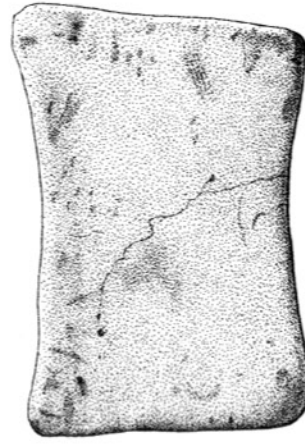
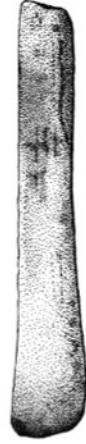
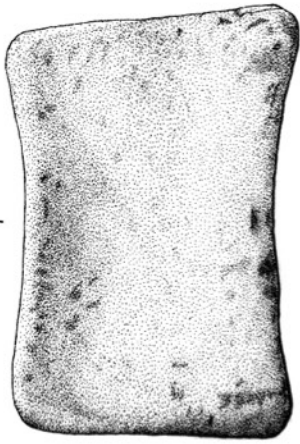


AH 196

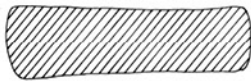
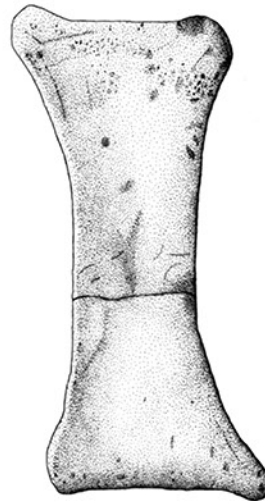
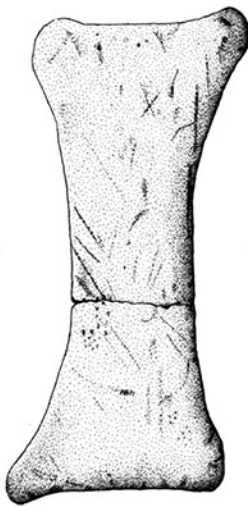


AH 176



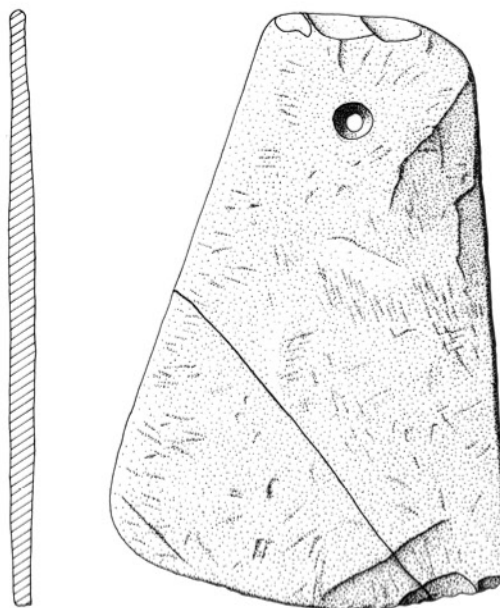
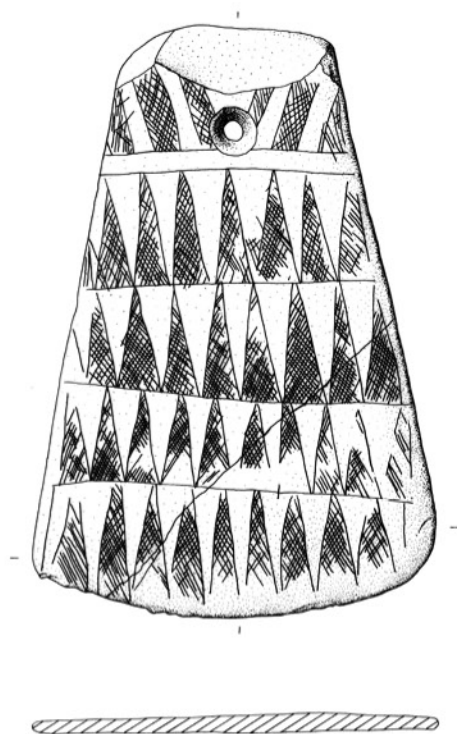


AH 170



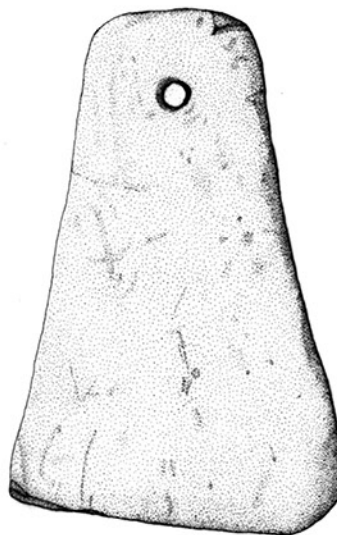
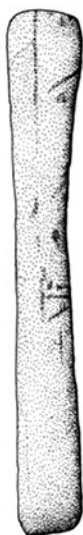
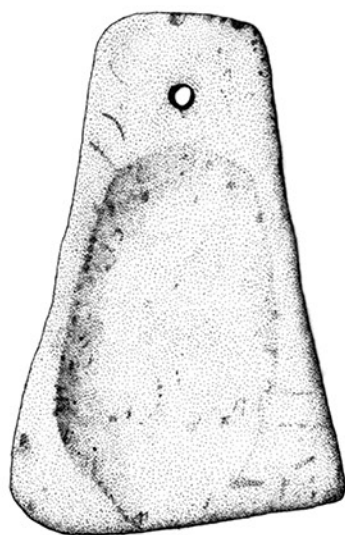
AH 195





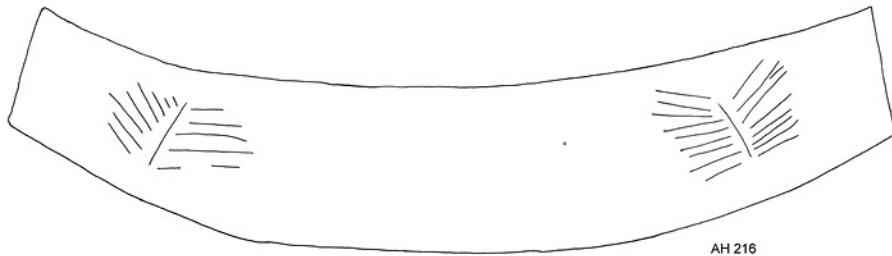
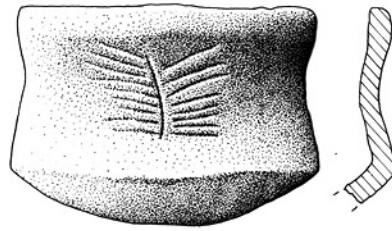
AH

140

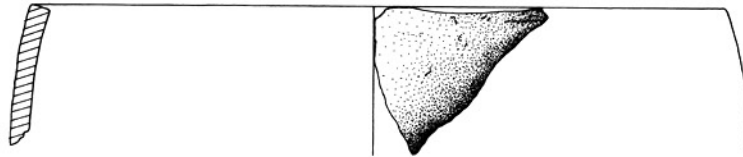


AH 168

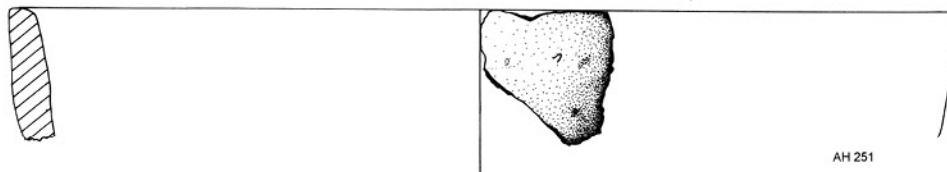




AH 216

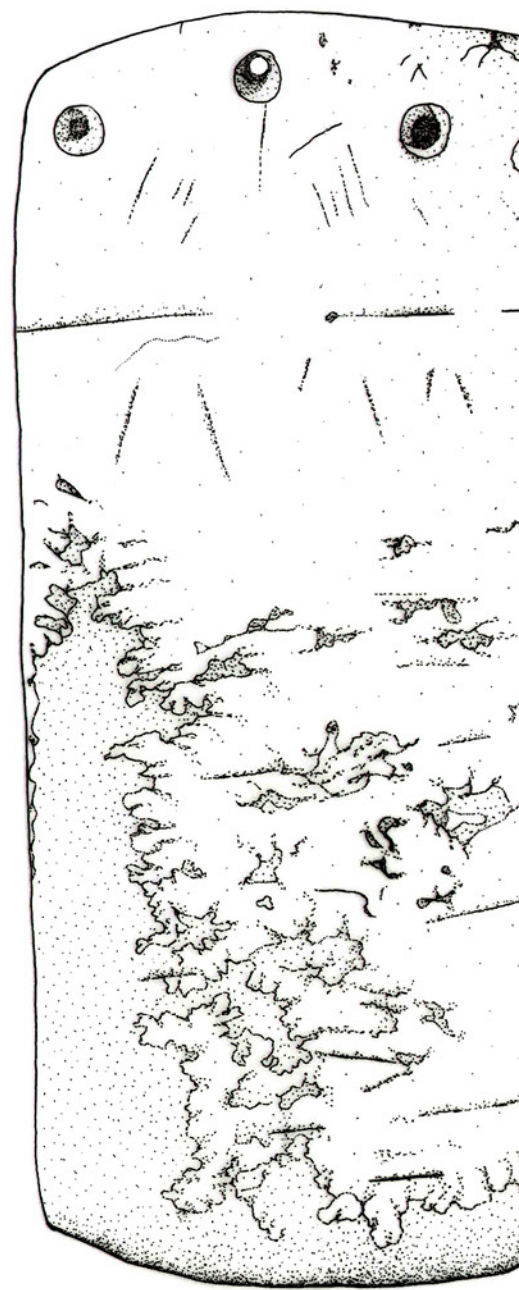
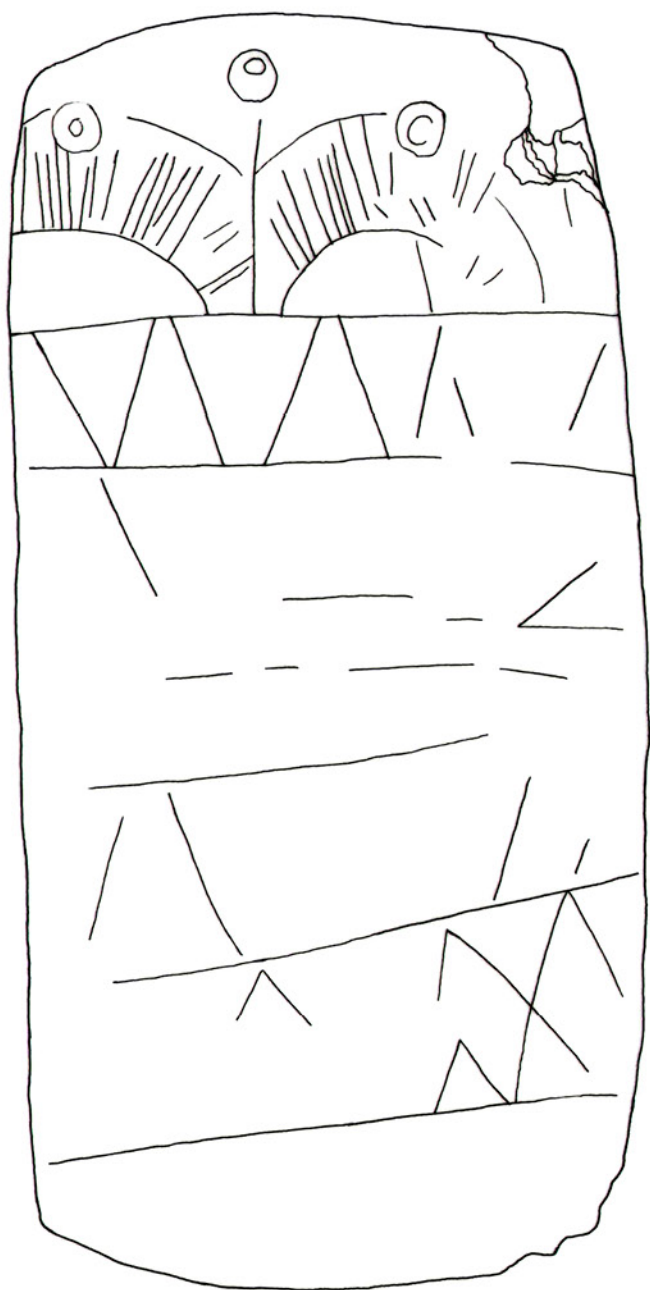


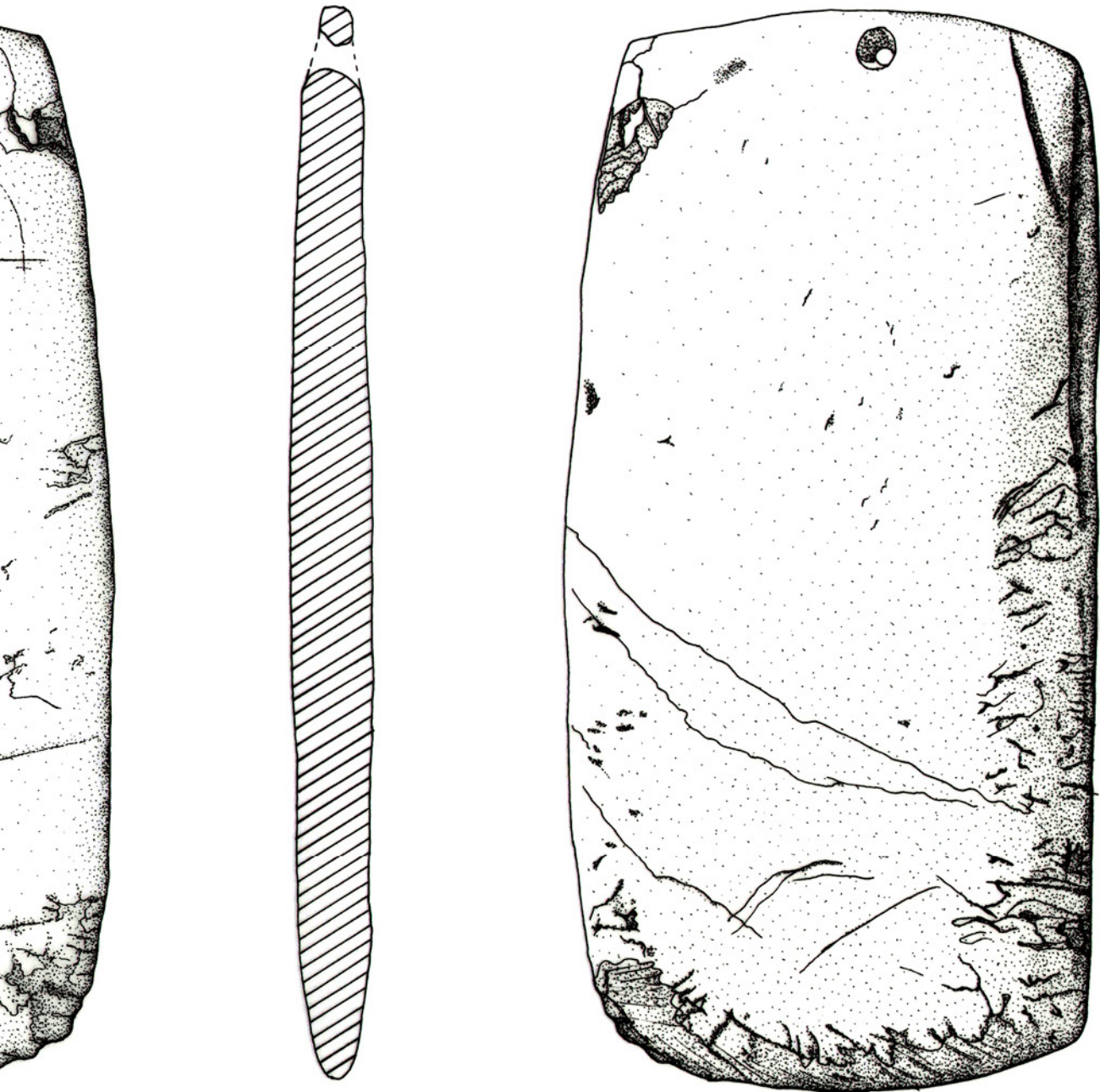
AH 312



AH 251

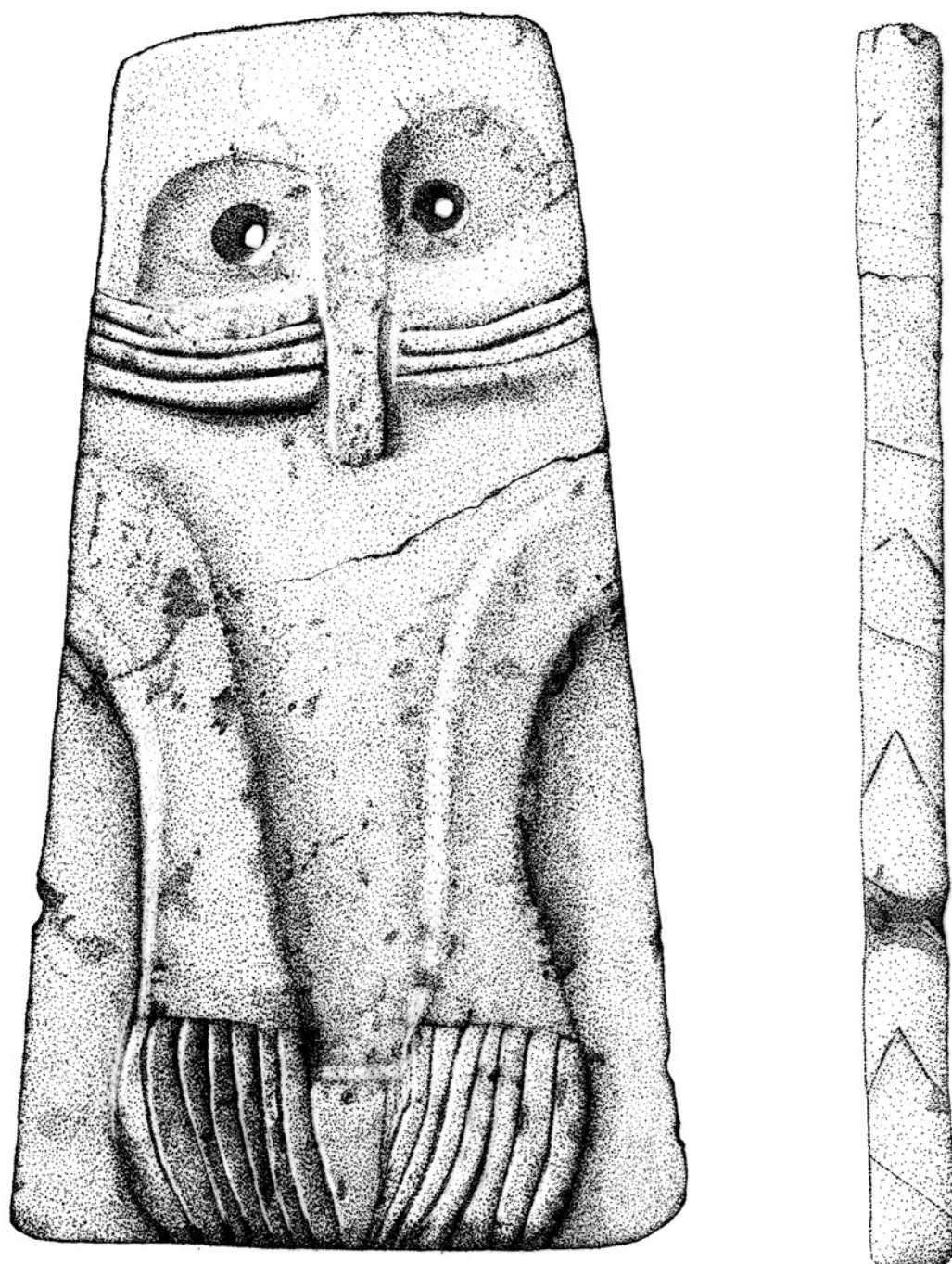


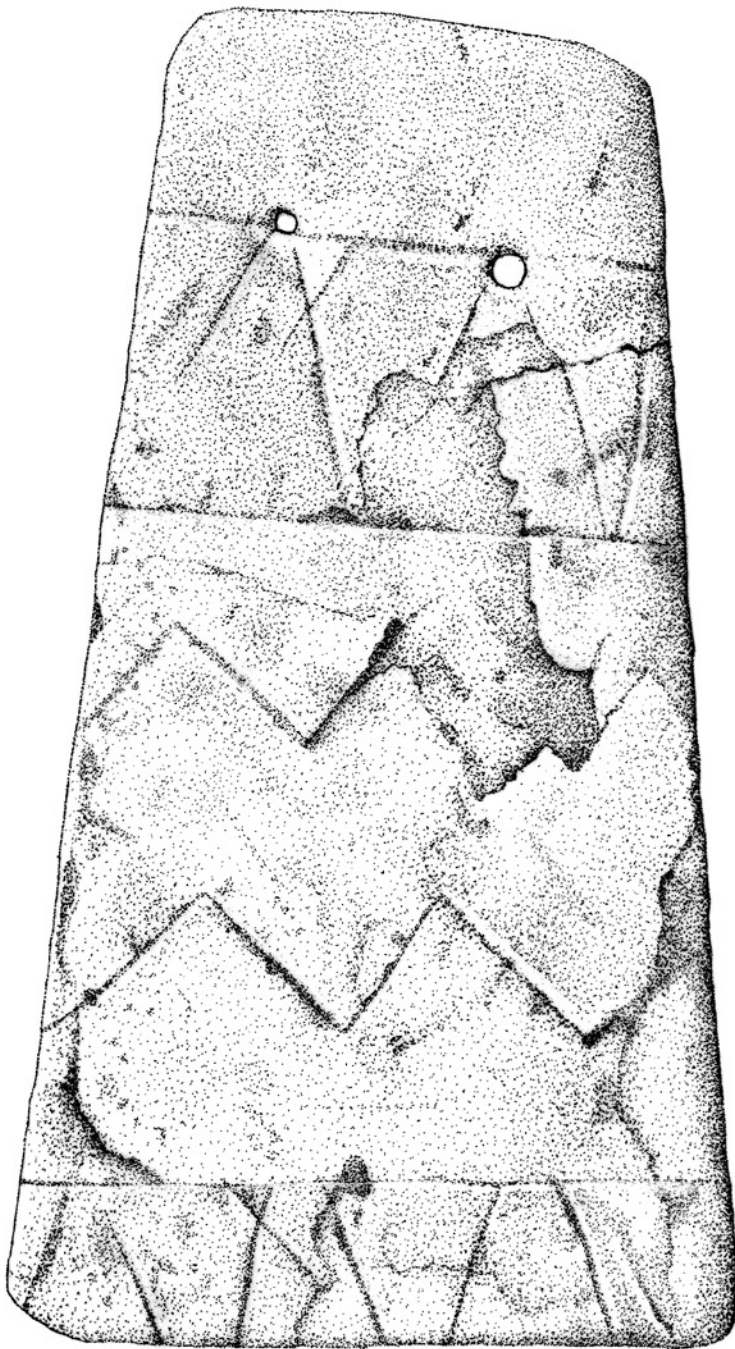


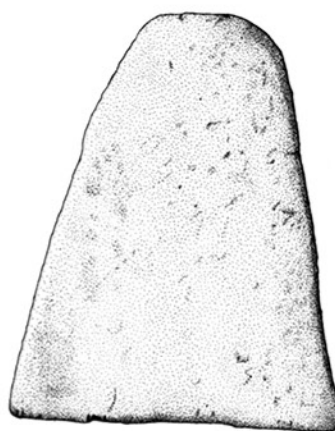
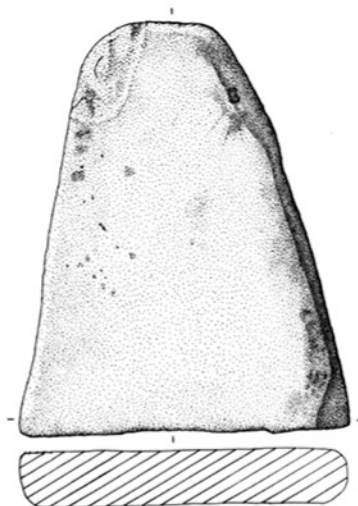


AH 157

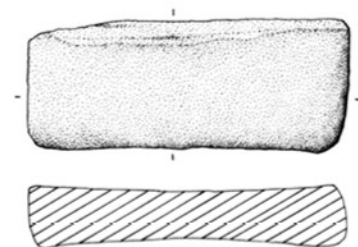




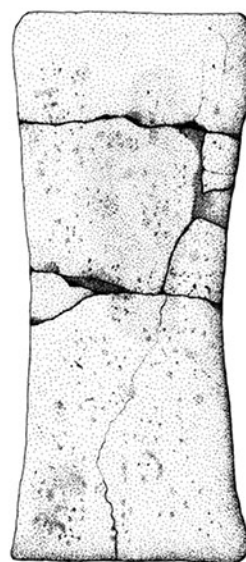
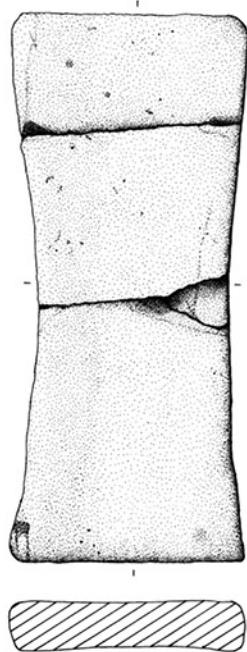




AH 178

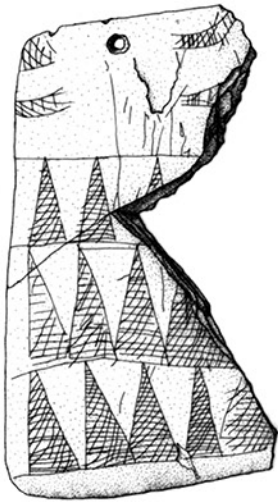


AH 209

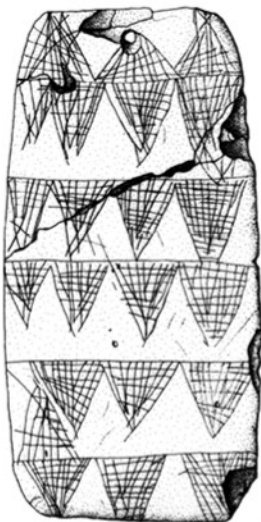


AH 204





AH 157



AH 152



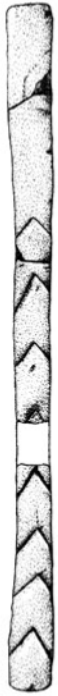
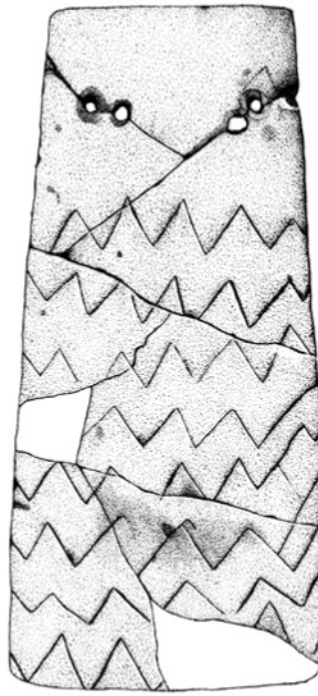
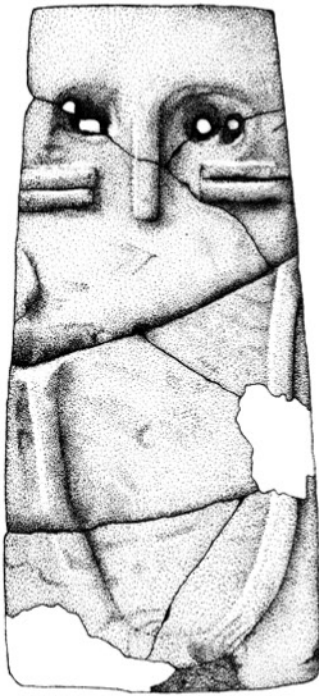


AH 160



AH 161



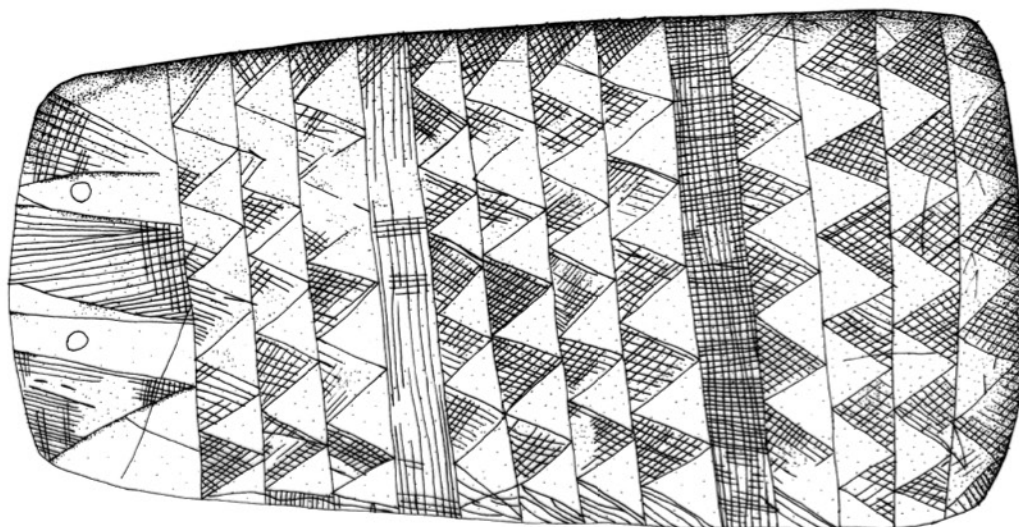


AH 163

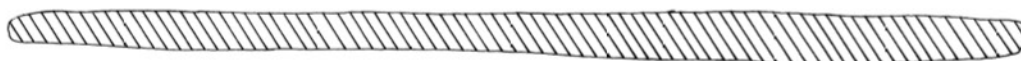


AH 154

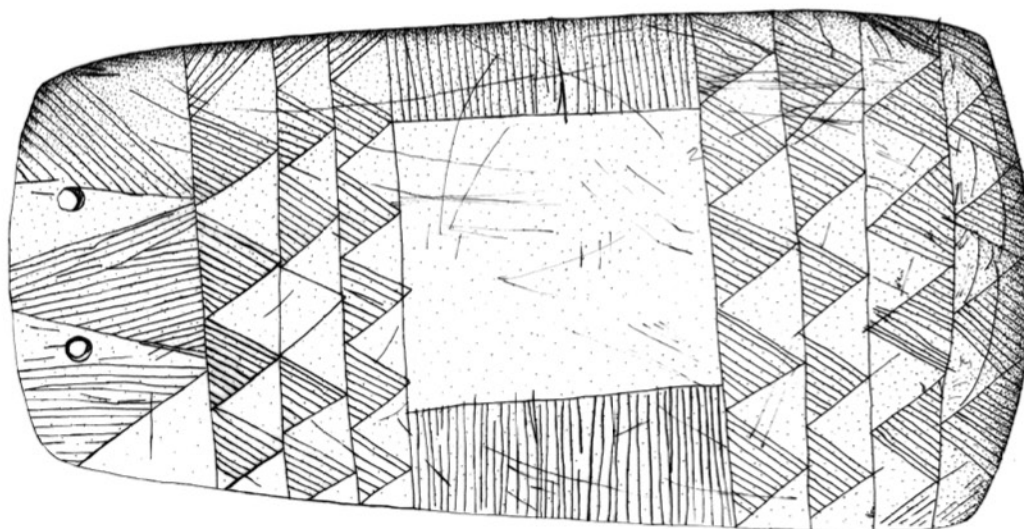




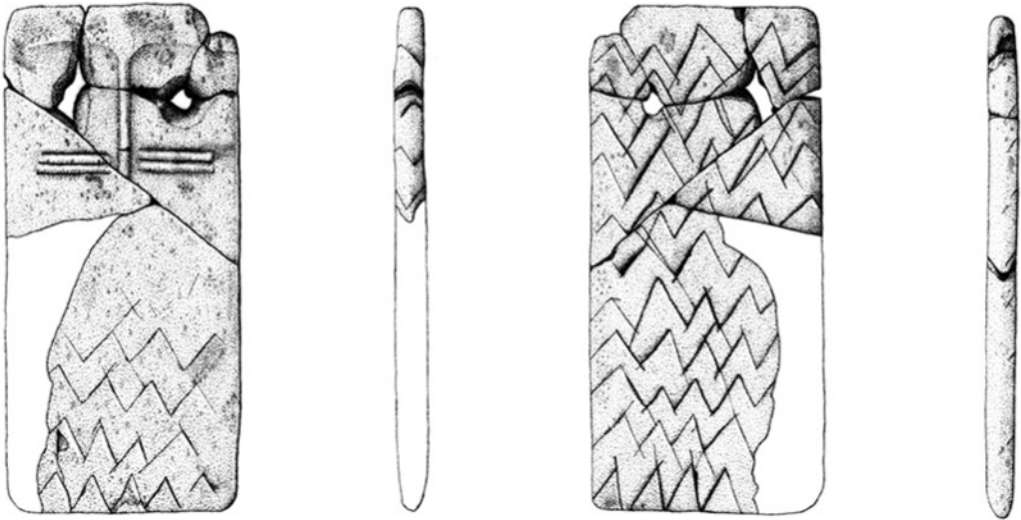
AH 162



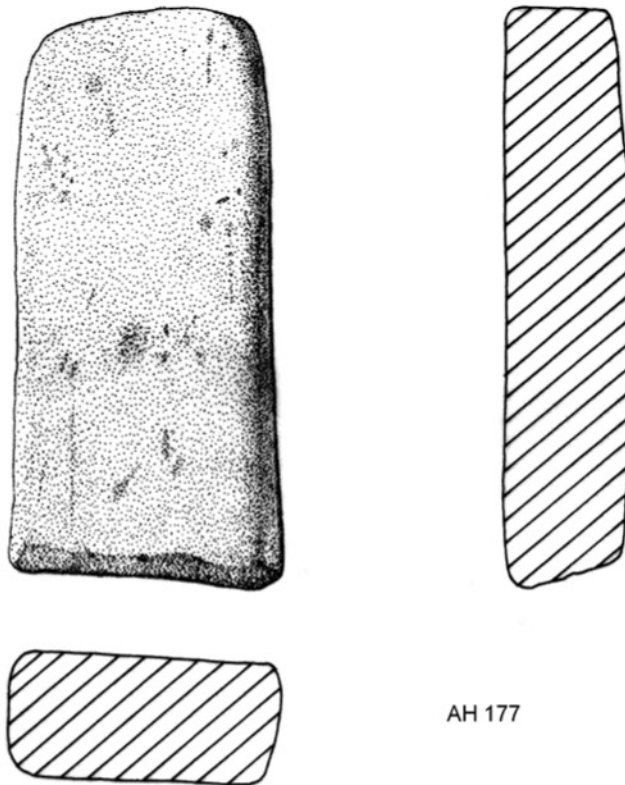
150



MATERIAIS DA ANTA DA HORTA



AH 165



AH 177





2.5. ANTA DA SOALHEIRA

Os trabalhos desenvolvidos na Anta da Soalheira decorreram em duas fases. Na primeira fase, que decorreu entre 17 e 22 de Outubro de 2001, procedemos à limpeza superficial do monumento, decorrente da qual apresentámos ao IPA um plano de acção para a sua reabilitação. A morosidade na obtenção da autorização por parte do IPA e dos apoios financeiros só permitiu que se retomassem os trabalhos quase dois anos depois. Assim, a escavação e reabilitação do monumento decorreu entre 29 de Abril e 24 de Julho de 2003.

A Anta da Soalheira situa-se na Coudelaria de Alter e possui as seguintes coordenadas UTM, obtidas por GPS: X - 613663; Y - 4342679; e geográficas, igualmente obtidas por GPS: 007° 40' 59.8'' W; 039° 13' 31.1'' N. O monumento encontrava-se coberto por grandes blocos graníticos, nele depositados durante a construção da pista do galope. Envolviam este sepulcro oito oliveiras. No dólmen eram visíveis vários esteios, maioritariamente deslocados ou fracturados que definiam a câmara e o corredor. Na câmara, era possível identificar quatro esteios ainda implantados nos respectivos alvéolos e três no corredor. Neste conservava-se, provavelmente ainda *in situ*, um fragmento da cobertura. Era possível observar vestígios do revestimento pétreo da mamoa, apesar de esta ter sofrido os efeitos da lavra, ainda que pouco profunda, destinada à preparação dos pastos. Esta destruição era principalmente visível no lado sul do monumento. Toda a área da mamoa apresentava um coberto vegetal

denso. Verificavam-se, ainda, alguns blocos graníticos caídos dentro da câmara do monumento, provavelmente, fragmentos de esteios. Esses blocos foram retirados, com as devidas precauções, com a ajuda de uma máquina, para uma área próxima do monumento. Foi também necessário proceder ao corte de duas oliveiras que tinham crescido na zona do corredor. Procedeu-se, então, à marcação de uma rede de quadrículas de dois metros de lado, organizadas a partir de dois eixos ortogonais orientados nos sentidos Sul-Norte e Oeste-Este, magnéticos. As quadrículas foram denominadas por um sistema alfanumérico. Antes de se iniciar a escavação, procedeu-se ao levantamento topográfico do monumento e da área envolvente. A cotagem utilizada nesta escavação teve por base a rede altimétrica interna da Coudelaria de Alter. O transporte de cotas efectuou-se a partir do lancil junto à porta das denominadas Casas Altas, que possui a altitude, relativa, de 102,25 metros.

2.5.1. ESCAVAÇÃO DA CÂMARA FUNERÁRIA

Iniciaram-se os trabalhos de escavação na câmara do monumento nos quadrados J 12 e K 12, deixando uma banquetta de terras encostada aos esteios a Norte (1, 2 e 3), para garantir a estabilidade dos mesmos (quadrados J 11 e K 11). As primeiras terras indicaram, desde logo, que o monumento tinha sofrido violações. Na verdade, desde as primeiras terras até ao último nível, registado na câmara, identificam-se marcas claras de profundos revolvimentos. Registaram-se quatro níveis na câmara do dólmen, três deles, marcadamente, de revolvimento. Um primeiro nível, de terras claras, muito soltas, constituído por muita pedra de pequeno e médio calibre e por muitos materiais datáveis desde o Neolítico (cerâmica e líticos talhados), passando pela Época Romana (materiais de construção como fragmentos de *tegullae*), até à

Época Moderna/Contemporânea (pucarinho). O nível 1 regista-se por praticamente toda a área da câmara, com uma potência média de 0,60 m. Contudo, na zona central do espaço da câmara denotava-se uma mancha mais escura, com a presença de cinzas, que emergia do nível inferior e que, praticamente, o define na sua totalidade (nível 2). Este segundo nível é, maioritariamente, constituído por cinzas e por uma terra escura homogénea, mais compacta, que apresenta uma potência máxima de cerca de 0,65 m. Definimos este nível como se tratando de uma lareira de continuidade. No último nível da câmara, no quadrado J 12, pudemos observar a estruturação da lareira original. Abundantes cinzas estavam delimitadas por pedras de médio e pequeno calibre, com claros sinais de fogo. Foram recolhidos carvões e amostras de terra deste nível, para posterior análise. Contudo, verificaram-se fragmentos de cerâmica romana de construção, indicando-nos estarmos em presença de um espaço de ocupação temporária, contemporânea do domínio romano, ou da Alta Idade Média. Provavelmente, esta anta, depois de violada, terá servido de abrigo a pastores que aqui construíram uma lareira, aproveitando o pára-vento que os esteios, ainda em pé, proporcionariam. Por forma a compreender e delimitar todo o empedrado da lareira e identificar alguma porção do esteio de cabeceira, ou o seu alvéolo, alargou-se a escavação para os quadrados I 12 a), J 13 a) e K 13 a). Do esteio de cabeceira e do n.º5 já nada restava, apenas os seus alvéolos permaneciam. Ambos os alvéolos estavam cobertos por um empedrado, constituído por pedras regulares com sinais de terem suportado altas temperaturas. No alvéolo do esteio de cabeceira, o empe-



drado surgiu sob o nível de cinzas. À superfície, em J 12, J 13 a) e I 12 a), e por cima da mancha de carvões e cinzas, identificou-se uma camada pouco uniforme de terra clara, compactada, com quase ausência de pedras, que parece resultar das recentes movimentações de solos que ocorreram junto a este monumento e que denominamos por nível 4. Este nível apresentava uma potência máxima de 0,55 m. Os trabalhos de escavação na câmara ficaram concluídos com a intervenção nos quadrados J 11 e K 11, após o escoamento do esteio 2. Nestes quadrados, registaram-se os mesmos níveis de revolvimento, presentes no resto da câmara.

Ídolo-Placa - Anta da Soalheira

2.5.2. ESCAVAÇÃO DO CORREDOR

À medida que avançaram os trabalhos de escavação no corredor, apercebemo-nos de que este apresenta duas fases construtivas. A primeira fase parece ser contemporânea da construção da câmara, e é constituída por oito esteios, quatro de cada lado, com dimensões significativas. A segunda fase de construção apresenta esteios constituídos por blocos de granito muito mais pequenos. Esta divisão estava bem definida, quer pela presença de uma cobertura de corredor, aparentemente, *in situ*, pertencente à primeira fase construtiva, quer pela diferença de volumetria e implantação dos esteios, mas, sobretudo, pela inflexão para Sul que se denota no prolongamento construtivo do corredor.

O corredor apresentava, tal como a câmara, vestígios de profundas violações. Na zona de transição entre a câmara e o corredor, encontrámos o mesmo nível de terras claras, soltas, registado na câmara. Parece que

quem violou o monumento o fez não só na câmara, mas também no início do corredor. O restante corredor, ainda que apresentasse sinais de destruição e revolvimentos, não indiciava o elevado grau de violação constatado nos espaços anteriormente descritos. A partir do final do esteio 11 do corredor, começaram a surgir materiais que pareciam indiciar um nível sem perturbações, com a presença de machados de pedra polida, dois ídolos-placa, em micaxisto, cerâmica pré-histórica, pontas de seta, fragmentos de lâmina e geométricos. A potência média de terras no corredor era de cerca de 0,50 m.

Na zona de transição entre a câmara e o corredor, no espaço interno, foram identificados dois blocos alongados de xisto que parecem ser contemporâneos da montagem do monumento. Pela sua posição simétrica e transversal à zona de passagem, parecem definir-se como estranguladores simbólicos de acesso à câmara.

2.5.3. SONDAGEM NA MAMOA

Por forma a que se compreendesse a estruturação da mamoa, procedemos à escavação dos quadrados M 12 a), N 12 a), O 10 a), O 11, P 10 a) e P 11. Trata-se de uma mamoa constituída, maioritariamente, por terras muito compactadas, com presença de blocos de granito, colocados, unicamente, junto aos esteios.

Para confirmar esta anterior leitura, abriu-se mais uma sondagem na mamoa, nos quadrados L 12 a), L 13 a) e L 14 a). Nesta sondagem, a presença da couraça lítica apenas foi registada na periferia. A ausência de mamoa lítica junto à câmara terá resultado das profundas violações que este monumento sofreu. As pedras da mamoa assentavam directamente sobre uma fina camada de terra muito clara e compacta, que se adossava directamente à rocha em desagregação. Cobria as pedras da mamoa uma camada de terra humosa, com potências que variavam entre os cinco e

os quinze centímetros.

2.5.4. REABILITAÇÃO DO MONUMENTO

Toda a área escavada foi coberta com terras e pedras, retiradas durante a intervenção do interior do próprio monumento.

O esteio 6 da câmara, que se encontrava partido, foi colado com a ajuda do mestre canteiro Sr. Manuel Gra-xinha, ex-funcionário da Câmara Municipal de Évora. No processo de colagem desse esteio, foi utilizado um *pivot* central, em aço, e três “gatos”, do mesmo metal, embutidos na superfície externa do esteio. Cola de pedra (resina + secante + pó de granito) deu consistência e isolamento às peças metálicas utilizadas.

Tendo-se identificado à superfície, tombado e deslocado, um bloco de granito, que, pela sua forma e dimensão, parecia corresponder à cobertura da câmara e existindo apenas dois pontos de apoio para sua recolocação, optámos por implantar no local onde se situava o esteio de cabeceira dois tubos de aço, que serviram de apoio ao chapéu do monumento no lugar onde se situaria o esteio de cabeceira. Contudo, e antes de tomada a opção dos tubos de aço, foi construída em betão e ferro uma imitação do esteio de cabeceira. Depois de implantado, observou-se, de imediato, a sua desadequação em relação ao monumento, optando-se pela sua substituição.

No corredor, procedemos à replantação dos esteios que se encontravam tombados ou deslocados. A única cobertura que se identificou na área do corredor, que teve de ser removida para escavação e reposicionamento dos esteios tombados, foi, de novo, colocada no local original.

Tendo-se identificado, tombadas, na zona terminal do corredor, duas pequenas peças de xisto, provavelmente esteios, e embora não se tenha definido qualquer alvéolo a elas pertencente, optámos por as implantar,

verticalmente, no final do corredor. Esta opção foi tomada por forma a que não se viessem a perder mais estes dois elementos estruturais do monumento.

Abriu-se, ainda, uma pequena vala de drenagem, a Oeste do monumento.

Durante os trabalhos de limpeza da área envolvente, a poucos metros, a Norte, do final do corredor, identificámos um bloco de granito fracturado que dava colagem com outra porção removida em trabalhos anteriores. Embora não tivéssemos encontrado qualquer alvéolo, procedemos à sua implantação no local onde foi identificada a porção maior e, igualmente, procedemos à colagem dos dois fragmentos. Pela forma que apresenta, parece tratar-se de um menir. Na colagem do “menir” apenas foi utilizada cola. Pela sua configuração e estabilidade, optou-se por não utilizar qualquer elemento metálico de união.

2.5.5. HISTÓRIA DO MONUMENTO

Durante o Neolítico, com peças graníticas obtidas na região, é construída a Anta da Soalheira. A uma câmara definindo um polígono, provavelmente octogonal, cuja regularidade é hoje difícil de determinar, unia-se um corredor orientado a nascente. Numa fase posterior, provavelmente no Neolítico final ou nos inícios do Calcolítico, o corredor é alongado. Este acrescento, obtido com blocos de menor dimensão, inflecte para Sul. A identificação de um menir fracturado por entre os blocos de granito que se acumulavam sobre e de lado do monumento levanta a suspeita da sua preexistência no local junto do qual é construído o espaço funerário. Desconhece-se hoje se o túmulo se adaptou ao monumento preexistente, se este foi incorporado como esteio ou, tão-só, se conviveram lado a lado. O monumento funerário terá sobrevivido até ao domínio romano. Por essa altura, ou imediatamente a seguir, a câmara funerária e parte do corredor são

violados. Parte dos esteios da câmara, entre os quais se inclui o de cabeceira, são arrancados e outros fracturados. A câmara é escavada até à base. Sobre o solão de base, é montado um empedrado e, continuamente, é acesa uma fogueira. Os esteios conservados *in situ* servem de pára-vento e protegem quem aí se abriga. Fragmentos de cerâmica de construção romana são incorporados no empedrado. A prolongada ocupação como espaço de *habitat* é atestada pela acumulação de cinzas, ainda que intervaladas, pontualmente, por terras mais claras. As interrupções na compactação das cinzas parecem resultar de ocupações sazonais do espaço, evidenciando momentos não muito prolongados de abandono. Provavelmente, a anta terá servido de abrigo, ou local de pernoita, ao longo do domínio romano, durante períodos de fainas agrícolas mais intensas. A sequência estratigráfica existente sobre as cinzas produzidas ao tempo do domínio romano ou já durante a Alta Idade Média revela um prolongado período de abandono e eventuais revolvimentos de terra. Nos finais da década de noventa do século XX, durante a construção da nova pista de galope, os monólitos que houve necessidade de remover foram depositados sobre as outras pedras, que há milhares de anos aí tinham sido erguidas para proteger os mortos neolíticos.

As múltiplas violações sofridas por este monumento, ao longo dos tempos, perturbaram, significativamente, os depósitos funerários originais. Os reduzidos materiais contemporâneos das tumulações registaram-se com abundantes fracturas e em ambientes de revolvimento, não possibilitando qualquer correlação contextual. Também no corredor o ambiente de revolvimento impossibilitou reconhecer, em termos artefactuais, qualquer distinção cronocultural entre os dois momentos construtivos. Motivado pelos revolvimentos, mas sobretudo pela acidez das terras, não se identificou qualquer resto ósseo em toda a área escavada.



Anta da Soalheira, antes do início dos trabalhos



Anta da Soalheira, após a limpeza



Início dos trabalhos na câmara



Identificação do primeiro nível de lajeira na câmara



Recolha de carvões da lajeira



Nível de termoclastos na base da lajeira



Câmara da anta, após a escavação,



Pequeno menir e pilares de xisto, na transição do corredor para a



Estrutura de condenação no final do corredor

COUDELARIA DE
ALTER
ANTA DA
SOALHEIRA
23-6-2003



Vista geral da escavação da anta, tomada de Este



Vista geral da escavação da anta tomada de Leste



Depósito funerário no corredor (placa, machado e vaso)



Identificação de fragmento de machado na base de um dos pilares de xisto



Fase de colagem de um dos esteios da câmara



Fase de remontagem de um dos esteios fracturados da câmara



Implantação do *pivot* no esteio fracturado



Colagem do esteio



Fase de colagem do menir



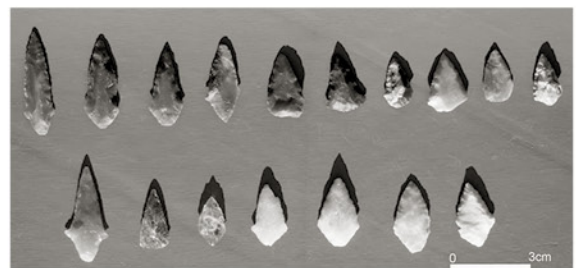
Cerâmica decorada



Remontagem do chapéu do monumento

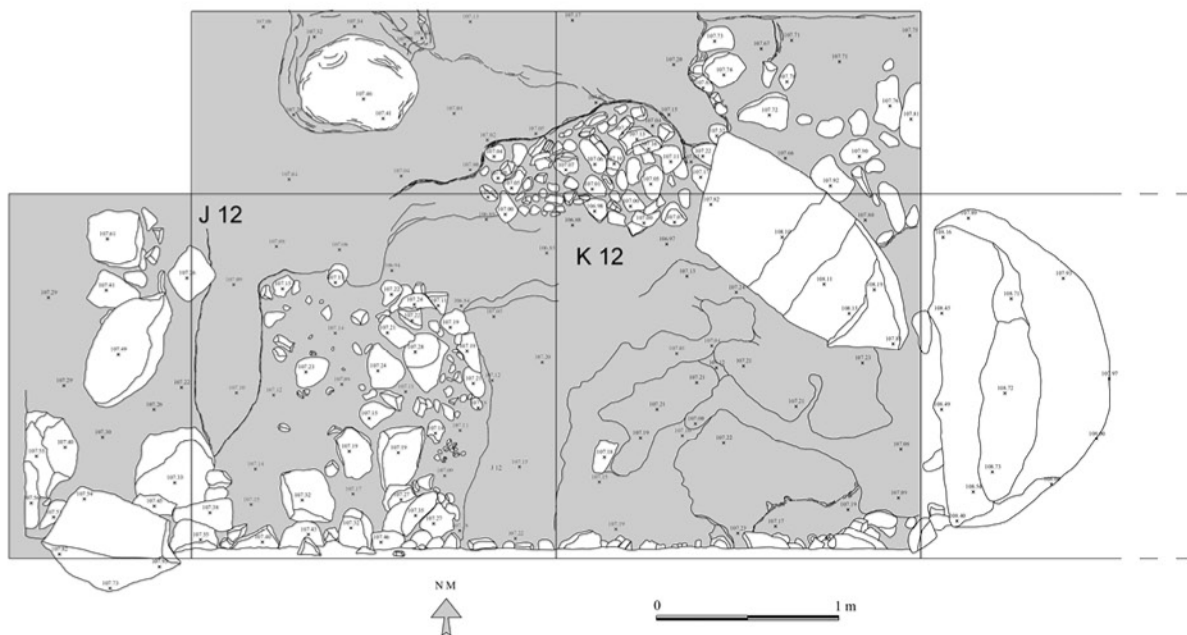


Vista geral da Anta da Soalheira, após a recuperação

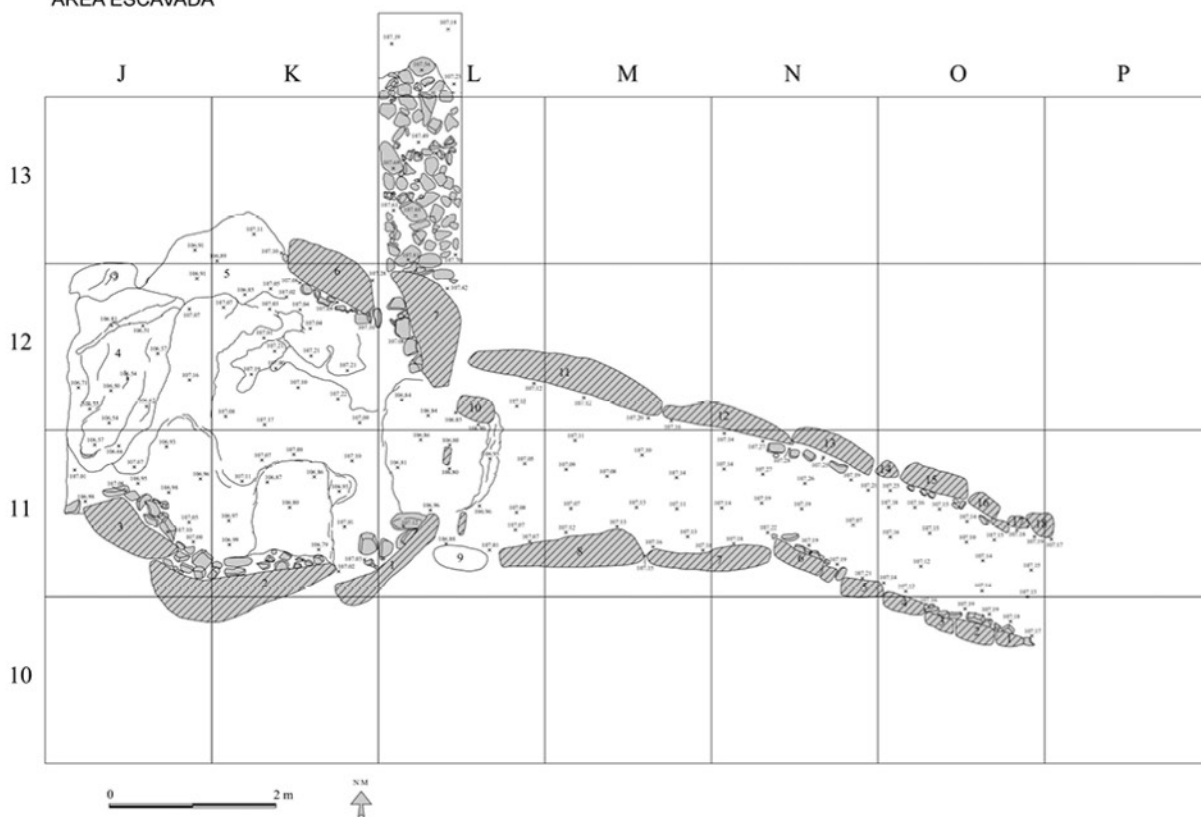


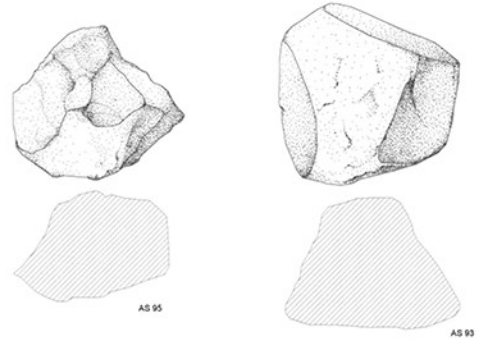
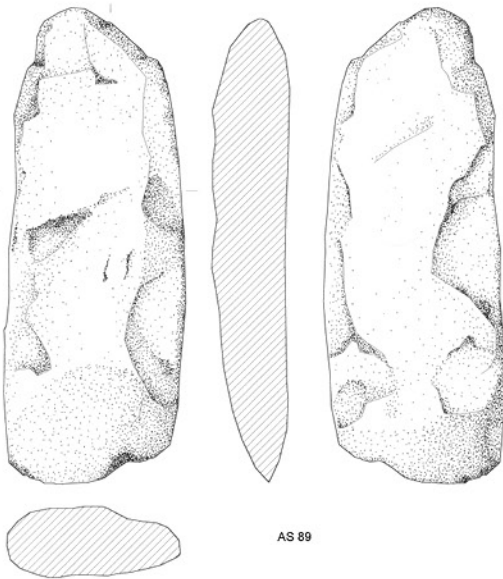
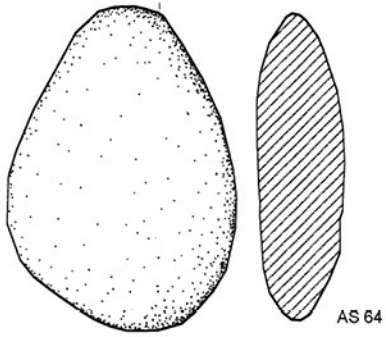
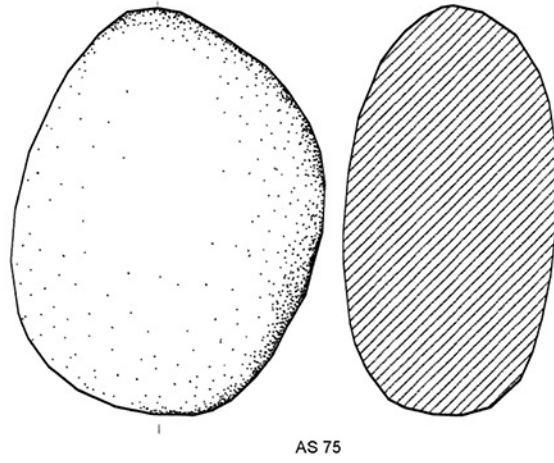
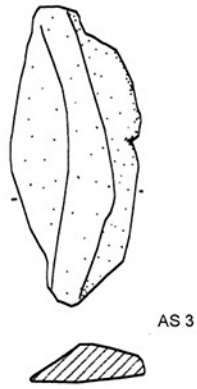
Pontas de seta

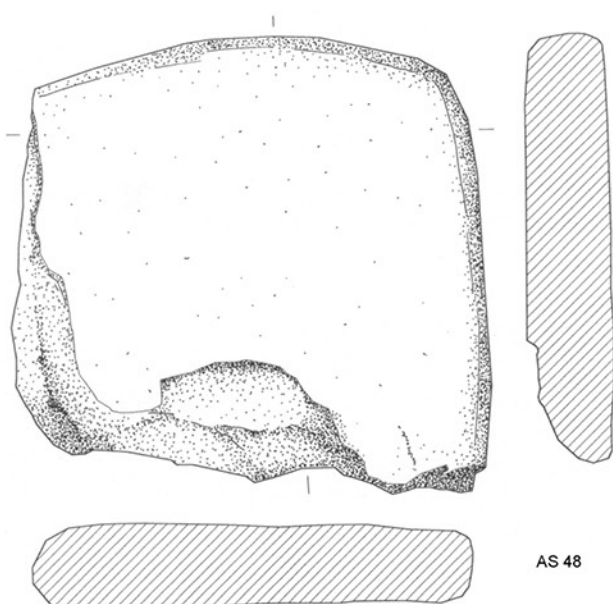
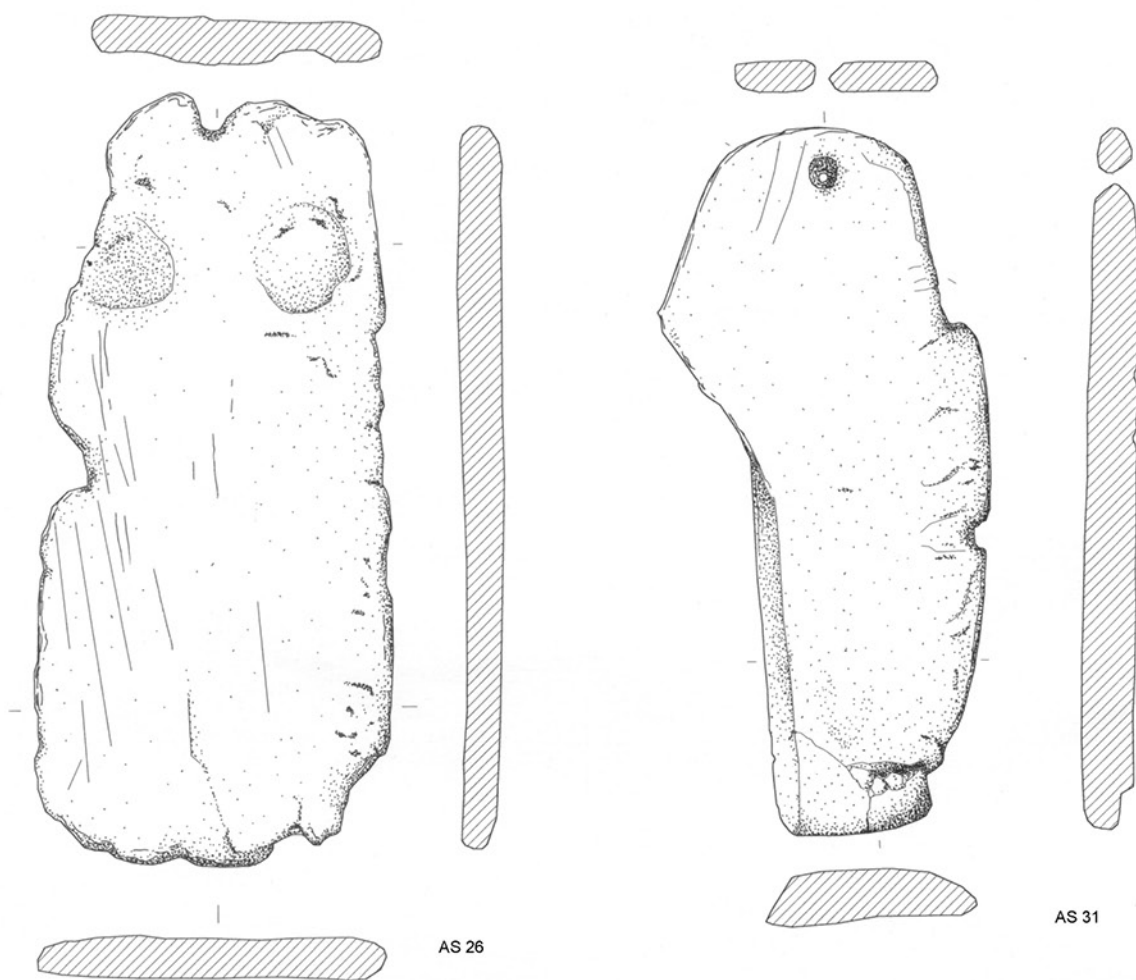
COUDELARIA DE ALTER ANTA DA SOALHEIRA lareira - ocupação romana (?)

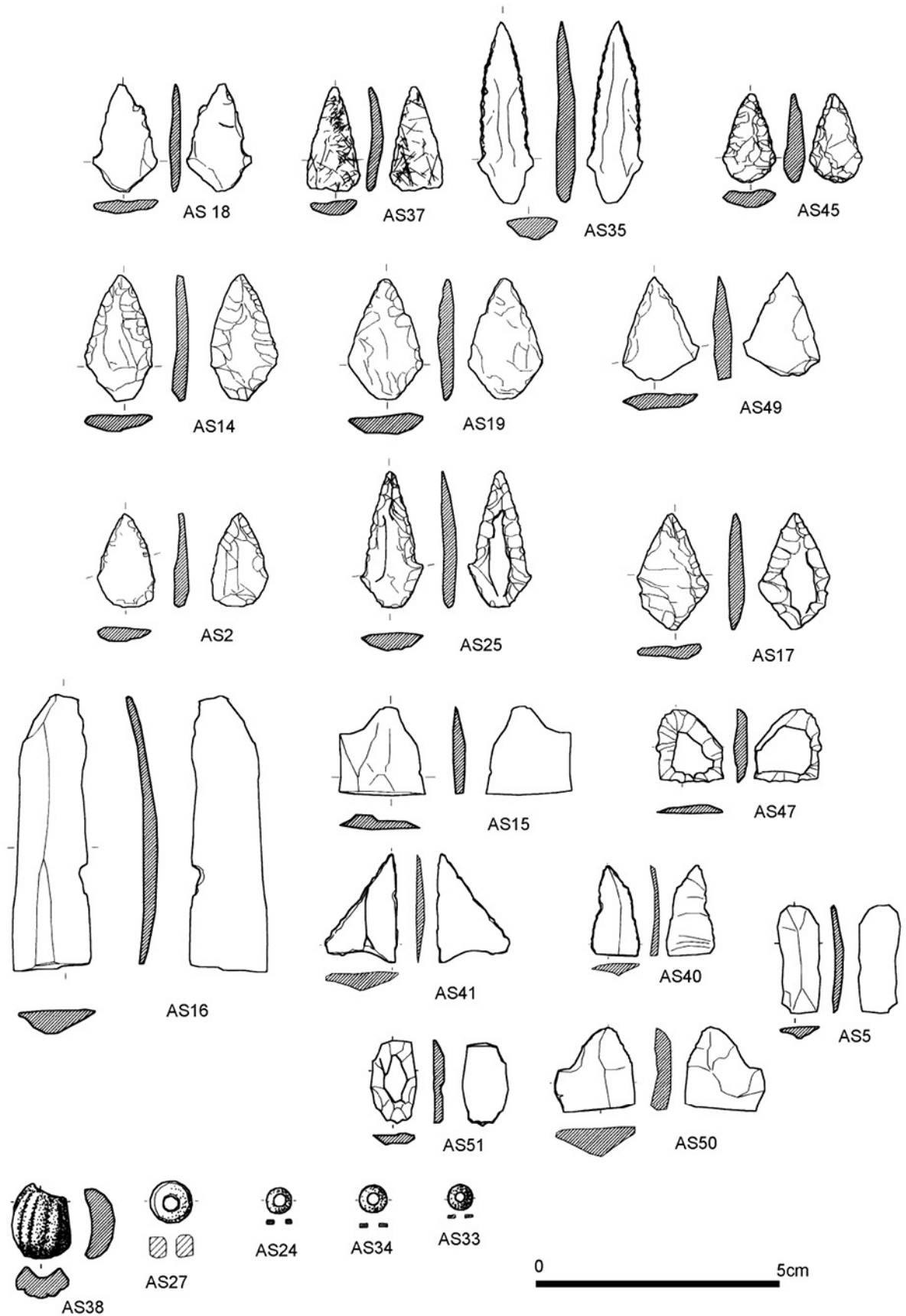


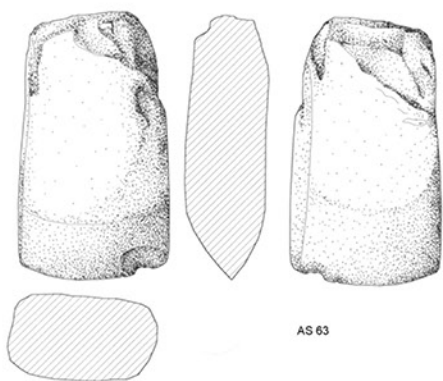
COUDELARIA DE ALTER ANTA DA SOALHEIRA ÁREA ESCAVADA



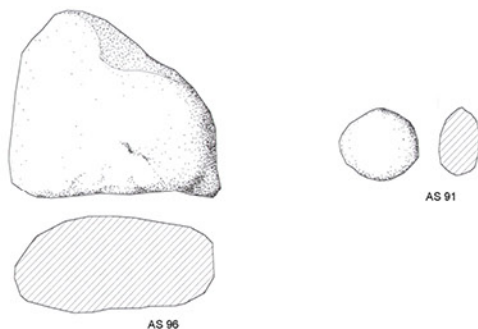






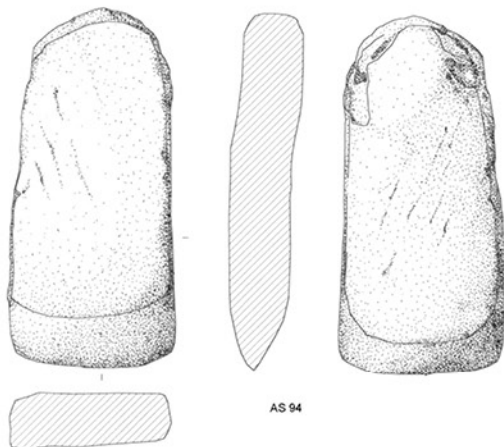


AS 63

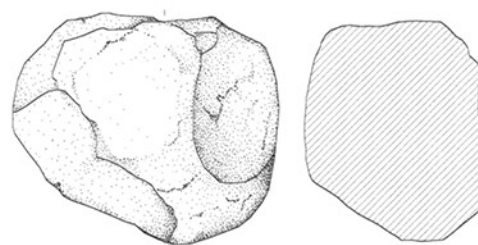


AS 96

AS 91



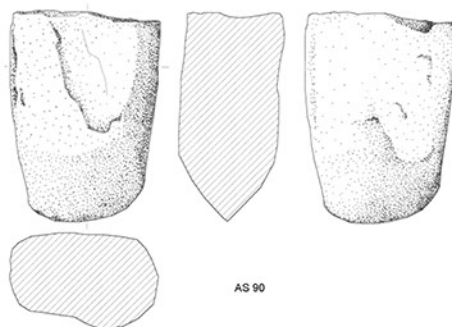
AS 94



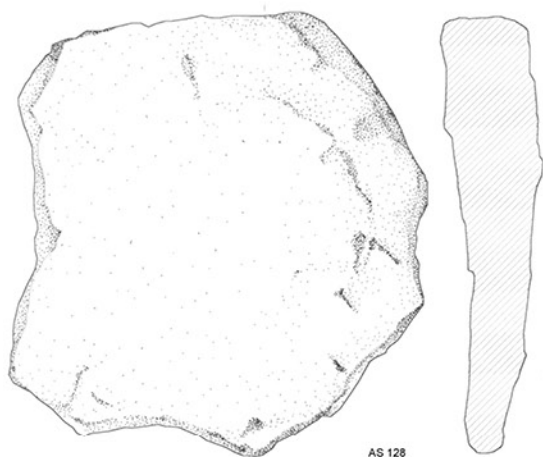
AS 70



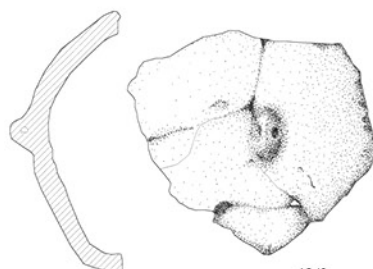
AS 129



AS 90

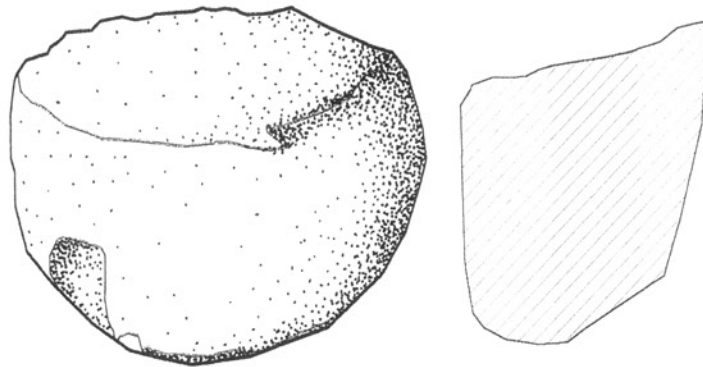
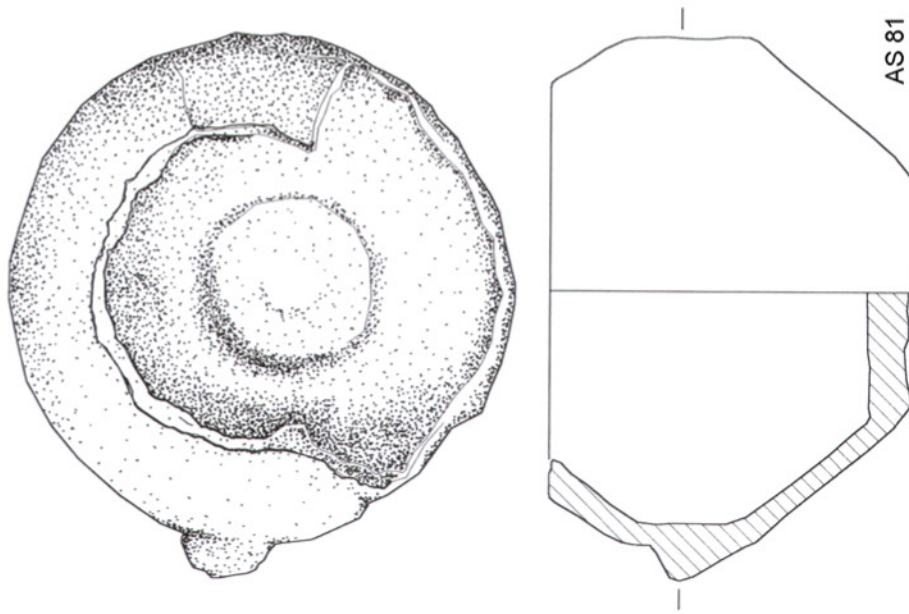


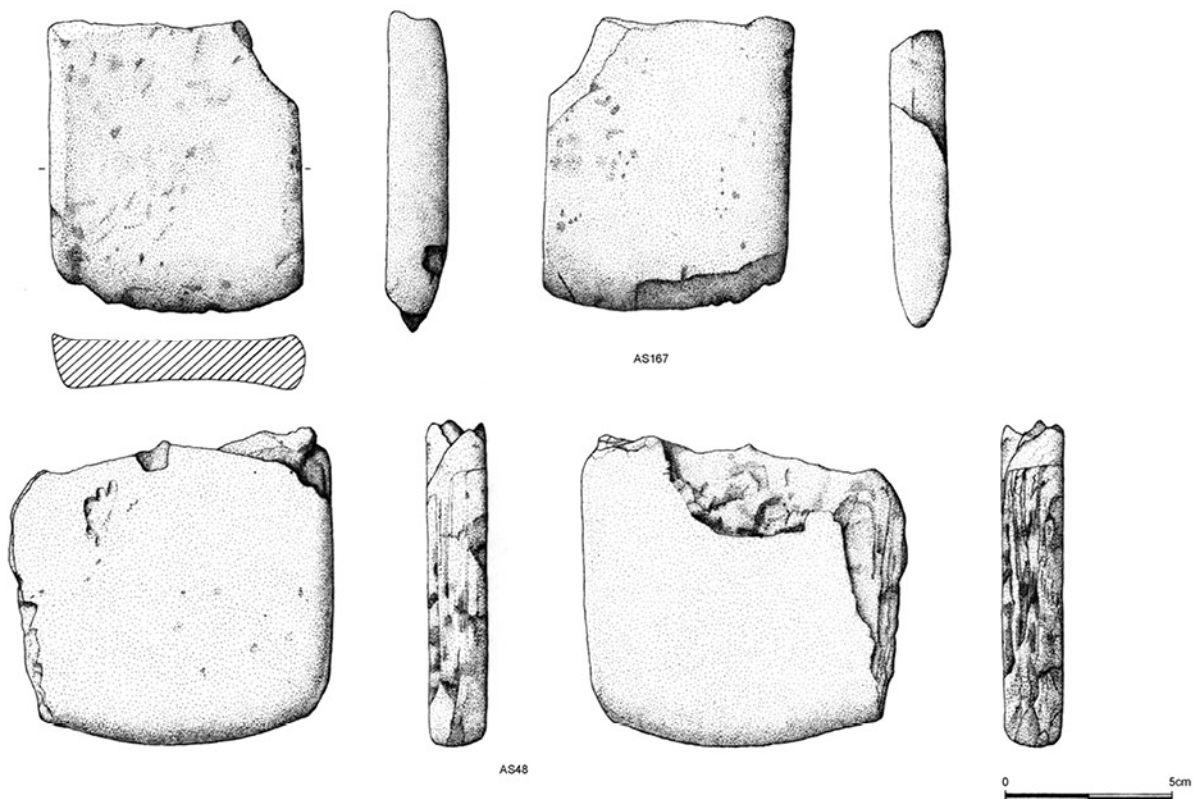
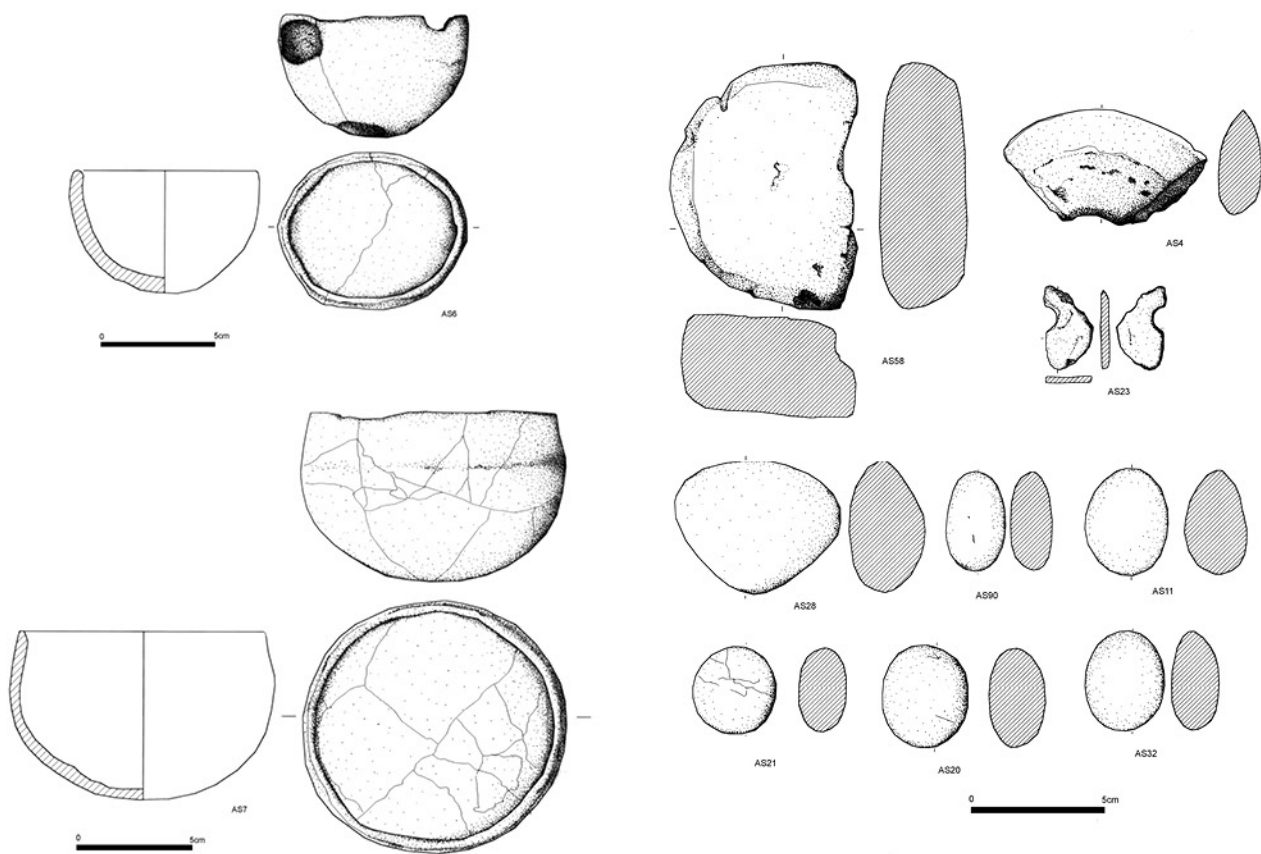
AS 128

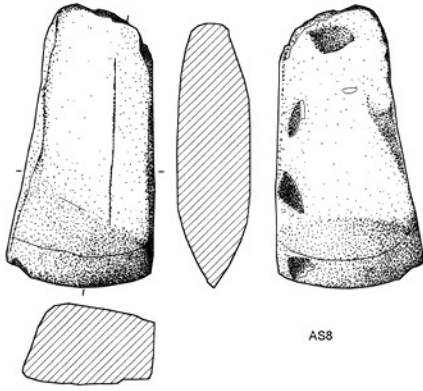


AS 42

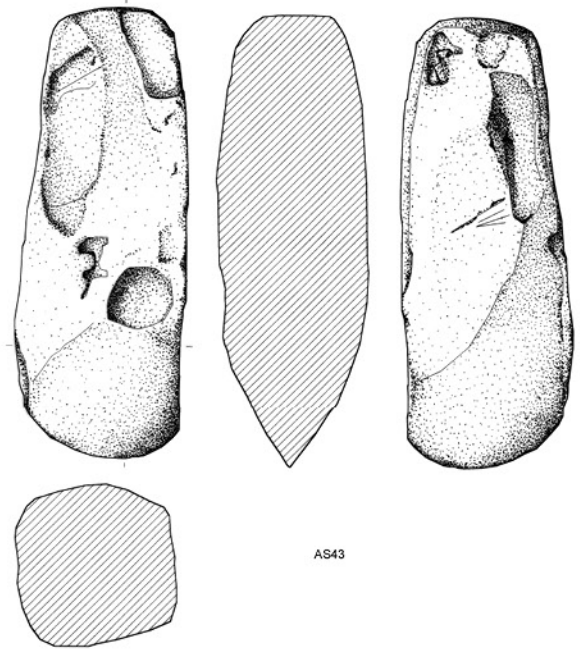




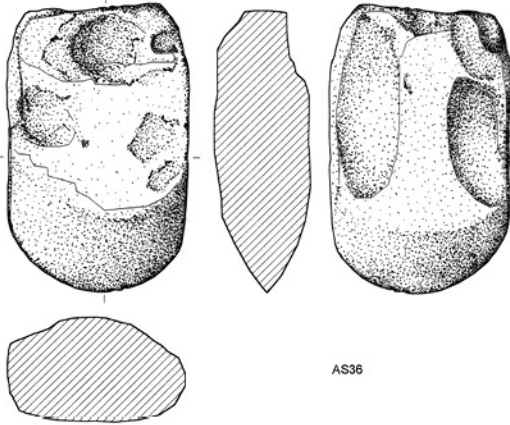




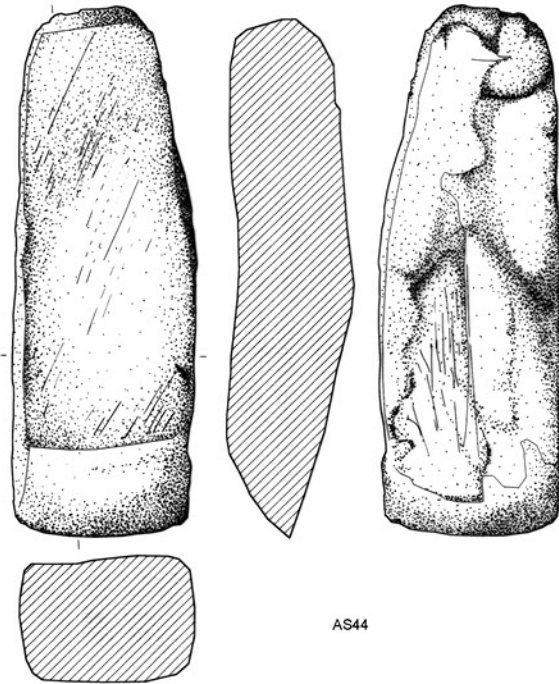
AS8



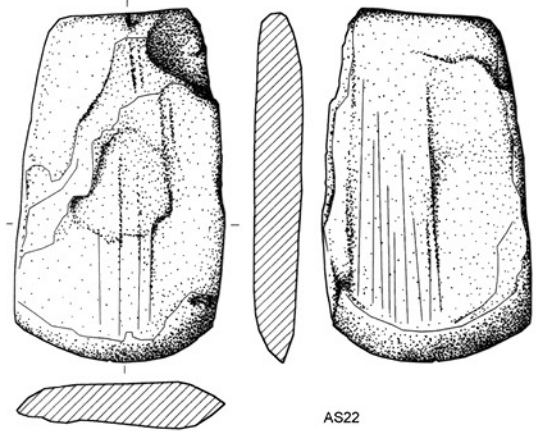
AS43



AS36



AS44



AS22



2.6. ANTA DA VÁRZEA GRANDE

Os trabalhos efectuados na Anta da Várzea Grande decorreram em Junho e Julho de 2005.

A Anta da Várzea Grande, situada na Coudelaria de Alter, localiza-se numa elevação natural em língua de terra, no sítio da Várzea Grande, a Este das instalações principais da Coudelaria de Alter e possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: Coordenadas UTM: X - 612400; Y - 4342518; Coordenadas geográficas: 07°41'52.5" W; 039°13'26.5"N.

A observação do terreno permitiu determinar tratar-se, geologicamente, de um território constituído principalmente por granitos e outras rochas de tipo granitóide. O sítio de implantação do monumento apresenta uma potência de solo relativamente escassa, isto é, o substrato rochoso, em algumas zonas, encontra-se a poucos centímetros da superfície. Nas proximidades do monumento existem alguns afloramentos graníticos de grandes dimensões, formando lapas, ou abrigos, que poderão ter servido de *habitat* ao tempo da construção do monumento funerário. Num afloramento granítico situado a cerca de 80 metros para poente da anta, na quebra da elevação onde esta se situa, registou-se uma sepultura escavada na rocha atribuível à Alta Idade Média. A Anta da Várzea Grande apresentava-se parcialmente destruída.

O monumento megalítico apresenta uma câmara

poligonal regular. Dos esteios da câmara, todos em granito, chegaram até nós apenas seis. O corredor do monumento apresenta-se completamente destruído. Os seus elementos estruturais, tombados e fracturados, amontoavam-se uns sobre os outros. O chapéu apresenta-se partido em três partes, localizando-se a porção maior, tombada e invertida, imediatamente por detrás do esteio de cabeceira. Um outro fragmento do chapéu localiza-se na zona do corredor. Após os primeiros trabalhos de limpeza e na sequência dos trabalhos de escavação do corredor, concluímos que nenhum dos esteios de corredor se encontrava *in situ*. A cota média no interior da câmara é de 98,55 m, inflectindo para os 97,92 m do corredor.

A escavação da Anta da Várzea Grande organizou-se a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, a Norte - Sul e Este - Oeste, magnéticos. A partir destes eixos, estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado, que cobriu toda a área a intervir. Na identificação da quadrícula, utilizou-se o sistema alfanumérico.

Estabeleceu-se um ponto de cota de 100,00 metros, no topo do esteio de cabeceira, a partir do qual se procedeu à cotagem de toda a intervenção arqueológica.

Atendendo ao estado de destruição e revolvimento do monumento, a escavação decorreu por decapagens sucessivas de níveis naturais, quando possível, e decapagens artificiais, com um máximo de 5 a 7 cm de profundidade.

2.6.1. ESCAVAÇÃO DA CÂMARA

Após a extracção da camada humosa, identificou-se um nível de terra solta, com abundantes blocos de quartzito rolado, que se dispunham de maneira arbitrária pelo interior da câmara do monumento. Neste

nível, identificaram-se pequenos fragmentos de tecido pertencentes a uma saca. Provavelmente, o depósito de calhaus rolados, recolhidos na linha de água que corre nas imediações, terá servido de base de lareira para abrigo de algum pastor. Durante as várias decapagens realizadas, observámos a presença constante de pequeníssimas esquirolas de osso, tanto na câmara como no corredor. Por entre o fino nível de terra muito revolvida que se identificou sob a camada de calhaus rolados até à rocha, recolheu-se um fragmento de mandíbula humana e um dente de cavalo. O fragmento de mandíbula terá pertencido a um jovem adulto. Ambas as peças foram submetidas a datação por radiocarbono. O dente de cavalo forneceu uma data posicionável na segunda metade do século XVII (Beta - 214598 Cal AD 1650 a 1670; Cal BP 300 a 280), enquanto que a mandíbula, por ausência de colagéneo, não possibilitou qualquer resultado cronométrico.

Ao atingir-se a base do monumento, reconheceu-se a presença de diversos abatimentos na rocha, resultado das violações que terá sofrido. A face interna do alvéolo do esteio de cabeceira terá sido destruída durante o processo de violação, ou violações, de que esta anta foi alvo.

2.6.2. **ESCAVAÇÃO DO CORREDOR**

Com o início das decapagens na área do corredor, verificou-se que nenhum dos esteios e blocos graníticos presentes se encontrava implantado nos seus respectivos alvéolos. Toda a zona do corredor apresentava sinais de profundos revolvimentos, que se prolongavam até à base. O grau de destruição decorrente de violações afectou também os prováveis alvéolos dos esteios do corredor, tornando-se muito difícil, em fase de remontagem do monumento, a reimplantação dos esteios. O

elevado grau de destruição não possibilitou o reconhecimento da dimensão correcta do corredor, nem a sua precisa orientação.

2.6.3. **SONDAGEM NA MAMOA**

Os trabalhos de escavação na mamoa (J - 9, J - 10, H - 8, G - 8, F - 8, E - 8 e D - 8) permitiram concluir que a mesma estaria estruturada da seguinte forma: um nível na base inicialmente constituído por pequenos blocos de quartzito rolados, muito compactados e uniformes, assentavam sobre uma fina camada de argila que regularizava a rocha de base. Uma segunda camada de blocos graníticos, de dimensões médias, assentava no nível de seixos rolados. Esta segunda camada foi compactada e consolidada com terra e outros blocos mais pequenos. Nos quadrados J - 8 e J - 9, procedeu-se à desmontagem integral da estrutura pétreo da mamoa.

2.6.4. **REABILITAÇÃO DO MONUMENTO**

Depois de se ter procedido à escavação do monumento, procedeu-se à reimplantação dos esteios da câmara que se encontravam tombados e arrancados nos seus alvéolos originais. No corredor, esta tarefa foi dificultada devido ao seu elevado estado de destruição. Os esteios do corredor foram reimplantados, atendendo à sua posição relativa, não se podendo garantir a total veracidade desta operação. O estado de fractura do chapéu e a fragilidade actual dos esteios da câmara desaconselharam a sua recolocação.

Todo o espaço interior da câmara e corredor foram preenchidos por camadas alternadas de pedras e terra crivada. A área escavada da mamoa foi recoberta com terra. A zona onde se procedeu à desmontagem da mamoa foi reconstituída e igualmente recoberta com terra.

2.6.5. HISTÓRIA DO MONUMENTO

Durante o Neolítico, numa estreita língua de terra sobranceira a uma várzea, drenada por uma linha de água de curso anual, foi construído um monumento funerário formado por câmara e corredor de acesso e coberto por uma mamoa. Depois de retirada a terra que cobriria a rocha de base, foram abertos alvéolos que receberam lajes de granito, obtidas nos afloramentos que rodeiam o monumento. Um desses blocos, o que se encosta imediatamente a Norte do esteio de cabeceira, apresenta uma forma subcilíndrica, eminentemente fálica, truncada na extremidade superior. Trata-se de um menir claramente reutilizado no monumento funerário. Esta afirmação advém da deficiente forma de regularização da parte inferior, que se destinava, originalmente, a ficar inclusa na terra. Ao ser removido para ser incluído na estrutura funerária, houve necessidade de partir a parte superior, porque a sua dimensão original ultrapassaria a altura dos outros elementos estruturais. Uma parte substancial da porção que originalmente se encontrava enterrada ficou fora do alvéolo, nesta nova função. Construído o monumento funerário, terá servido para a função a que se destinava. A presença de algum espólio votivo, ainda que muito fracturado e em revolvimento, assim como a presença de pequenos fragmentos ósseos, a isso nos levam a concluir. Em data muito posterior, pelo menos no século XVII, um dente de cavalo foi parar ao interior do monumento, altura provável da estruturação do que parece ter sido uma base de lareira, antecedida de uma profunda e global violação do monumento. Em datas posteriores, provavelmente já no século XX, o monumento volta a ser mexido, altura em que, no interior da câmara, é abandonada uma saca, ou parte dela.



Anta da Várzea Grande, antes do início dos trabalhos - vista de Sul



Anta da Várzea Grande, antes do início dos trabalhos - vista de Este



Início dos trabalhos na câmara



Depósito de calhaus rolados na câmara





Início da escavação



Identificação de machado nos níveis de revolvimento



Reimplantação do menir



Posição em que se encontrava o menir incluído na câmara



Vista geral da área decapada na mamoa



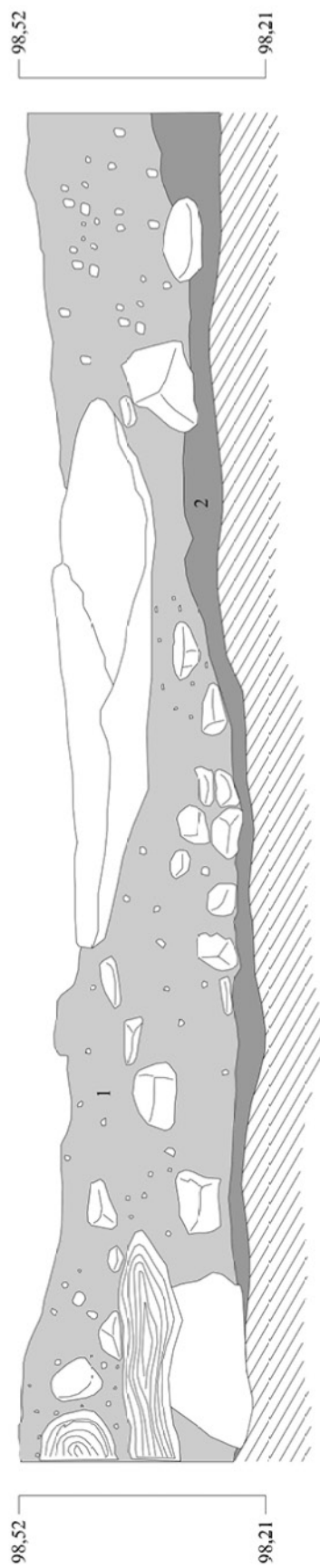
Anta da Várzea Grande, depois de remontada-vista de Sul



Anta da Várzea Grande, depois de remontada-vista de Este

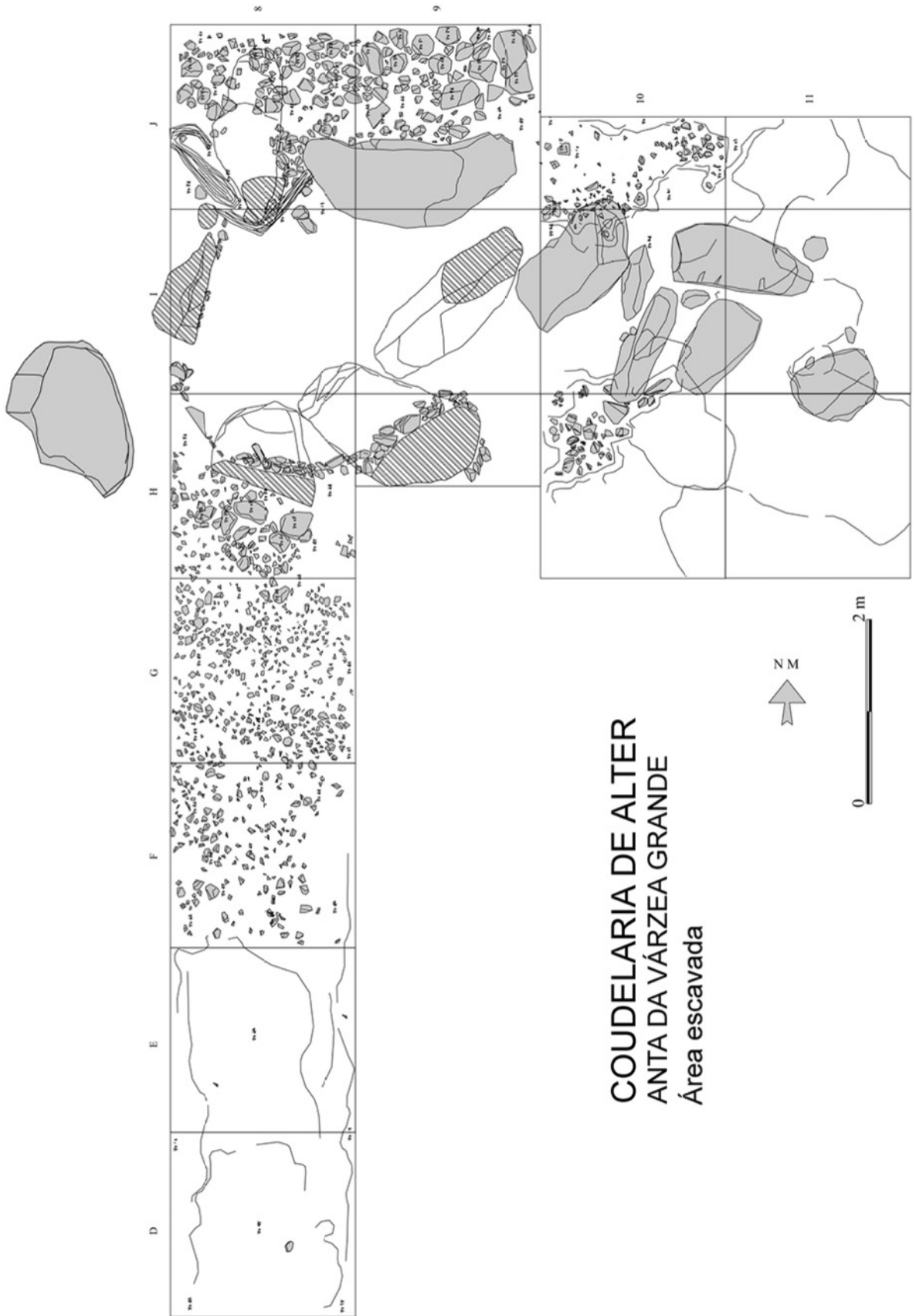


Equipa

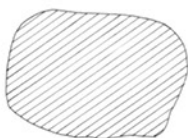


COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA VÁRZEA GRANDE
Câmara - Corte Norte





COUDELARIA DE ALTER
ANTA DA VÁRZEA GRANDE
Área escavada



AVG 5



AVG11



AVG 2



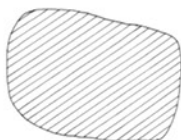
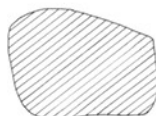
AVG34



AVG8



AVG23



AVG70

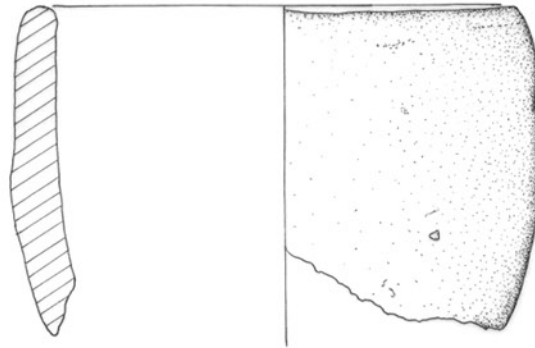


AVG17

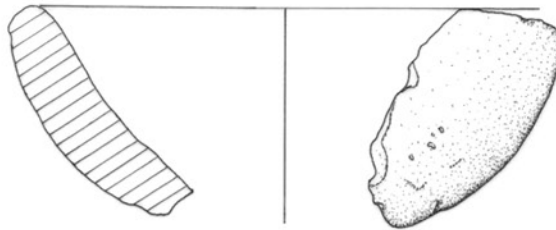


AVG16

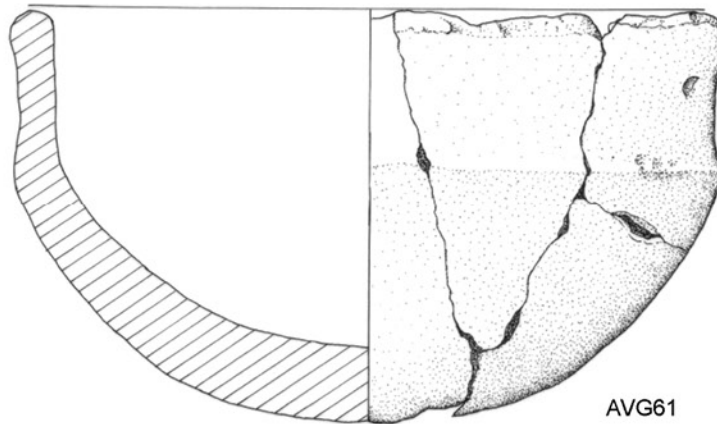




AVG35



AVG19



AVG61



2.7. NECRÓPOLE ALTO - -MEDIEVAL DO - REGUENGO

182

Para além da vasta ocupação pré-histórica da Coudelaria, até agora inédita, mesmo para a maioria dos funcionários desta instituição, eram desde sempre conhecidas as várias “pias dos mouros”, que, maioritariamente, se localizam nos afloramentos que ladeiam, à direita, o principal acesso à zona urbana. Clara Oliveira, durante as prospecções que efectuou, registou seis sepulturas escavadas na rocha, algumas antropomórficas. Das seis registadas, cinco, atendendo à sua proximidade e intervisibilidade, podem definir-se como constituindo uma necrópole. A outra, nas proximidades da Casa da Horta, encontra-se mais afastada, podendo não pertencer a este conjunto. Numa das múltiplas visitas aos trabalhos de escavação da Anta da Várzea Grande, o Director da Coudelaria, Dr. João Costa Ferreira, identificou

outra sepultura escavada na rocha. Esta situa-se a cerca de cinquenta metros para Oeste desta anta. No decurso dos trabalhos de limpeza e escavação que desenvolvemos nas sepulturas identificadas na zona do Reguengo, veio a reconhecer-se que a que havia sido denominada por Clara Oliveira como sepultura VI, afinal tratava-se de uma longa lagareta e que, no mesmo afloramento onde identificou a sepultura III, existiam mais duas encobertas por terra.

Os trabalhos desenvolvidos nestas sepulturas tinham como objectivo a sua limpeza e registo gráfico. Não seria de esperar que fornecessem outro tipo de informação, como veio a acontecer.

Estes trabalhos decorreram entre 8 e 28 de Abril de 2003.

Os trabalhos iniciaram-se pela limpeza do coberto vegetal, em redor das sepulturas. De seguida, procedeu-se à remoção das terras depositadas nos afloramentos e à sequente delimitação dos sepulcros. Limpam-se, também, os musgos e líquenes existentes nesses afloramentos.

Concluídos os trabalhos de desaterro e limpeza, procedeu-se ao registo gráfico dos sarcófagos e à criação de uma zona de protecção.

Durante a execução destes trabalhos, verificou-se a necessidade de se efectuarem diferentes intervenções em cada sepultura, que a seguir descrevemos. A identificação das sepulturas desta necrópole foi elaborada com base no levantamento anteriormente realizado. Nesse levantamento, porque não houve movimentação de solos, não foram registadas todas as sepulturas que agora se descrevem.

Assim, registámos com uma letra apostá, a seguir ao número, as novas sepulturas identificadas.

2.7.1. *SEPULTURA I*

A sepultura I localiza-se sobre um afloramento granítico, junto à entrada principal da Coudelaria e possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM:

X - 614488; Y - 4342333; Geográficas: 007°

40'25.6'' W; 039° 13'19.5'' N.

Este sepulcro apresenta uma orientação Norte-Sul (201°).

Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura rectangular, com 2,25 metros de comprimento e 0,60 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,40 metros. Define-se a cabeceira, através da modelação de ombros. Estes rasgam-se em cota inferior à moldura exterior.

Iniciaram-se os trabalhos de limpeza desta sepultura

com a remoção das ervas em redor do afloramento onde esta se encontra. De seguida, procedeu-se à remoção das terras húmidas que se depositavam no interior do sepulcro. À medida que se procedia à limpeza geral do afloramento, começaram a identificar-se vários abatimentos na rocha, em torno do

sarcófago. Estes abatimentos vieram a revelar a presença de uma lagareta que utilizou a sepultura como receptáculo principal. Vários canais conduzem, para o interior e para o exterior da sepultura, os líquidos produzidos na parte superior do afloramento, quando este foi

Talha - Sepultura 1

utilizado para prensagem e esmagamento, provavelmente, de azeitona.

Ao regularizar-se o terreno agrícola envolvente do



Reconstituição da reutilização da sepultura 1, enquanto lagar

afloramento, para melhor escoamento de águas, especialmente do lado oeste, identificaram-se pedras que pareciam definir uma estrutura. Logo que detectada procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas organizada a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente, a Norte - Sul e Este - Oeste, magnéticos. Sob uma fina camada de terra humosa, detectou-se um muro muito destruído, obtido por pedra e argamassa muito pobre, que delimitava uma área com abundantes cinzas. No interior deste aglomerado de cinzas, veio a identificar-se a parte inferior de uma talha, *in situ*, muito fracturada e com sinais de ter sofrido longas e altíssimas temperaturas. A estrutura detectada parece corresponder a um muro de contenção de fogo, ou pára-vento. Os trabalhos agrícolas terão destruído a maior parte desta estrutura que poderá ter-se alargado mais para Ocidente. A talha posiciona-se imediatamente abaixo de um entalhe no afloramento, que se liga a uma caneira que acompanha a borda da sepultura. Parece, assim, não restarem dúvidas quanto à reutilização da sepultura como lagareta. O afloramento, na face oeste, apresenta-se muito degradado devido às fortes temperaturas que sofreu.

A estrutura envolvente do pote, constituída por argamassa muito pobre, pedra e argila, parece estender-se até à parte Noroeste do afloramento, onde existem, abertos na rocha, dois entalhes, verticais e paralelos. Estes entalhes terão, provavelmente, feito parte integrante do mecanismo de transformação e prensagem. Farão igualmente parte desse mecanismo duas outras concavidades existentes no afloramento. A Sudeste, na parte mais alta do afloramento, existe um pequeno orifício de forma cilíndrica, que poderia ter servido de

apoio de um qualquer sistema auxiliar de prensagem. Também no mesmo afloramento, a Sudeste do sepulcro, existe uma concavidade, de forma rectangular, que teria servido de local de recolha dos líquidos resultantes da prensagem.

Perante a existência destas estruturas, os trabalhos prosseguiram de forma a facilitar a compreensão e conservação das mesmas. Procedeu-se à remoção da fragmentada talha, mantendo-se inalterado o negativo para posterior musealização do espaço.

2.7.2. *SEPULTURA II*

A sepultura II localiza-se na parte superior de um afloramento granítico e possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 614359; Y - 4342250; Geográficas: 007° 40'31.0'' W; 039° 13'16.9'' N.

Este sepulcro apresenta uma orientação Noroeste-Sudeste (114°). Trata-se de uma sepultura de moldura rectangular, sem identificação de cabeceira ou pés. Apresenta um comprimento de 2,00 metros e 0,72 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,36 metros.

Iniciaram-se os trabalhos de limpeza desta sepultura pela remoção do coberto vegetal em redor do afloramento onde esta se encontra. Durante esta remoção, apareceram alguns fragmentos cerâmicos atribuíveis ao período romano, nomeadamente *tegulla* e *dolium*, por entre as terras muito húmidas que envolviam o afloramento.

Ao mesmo tempo, limpou-se o musgo e líquenes do afloramento. O sepulcro apresentava-se cheio de água pluvial, algas e pedras. Também esta sepultura foi reutilizada como receptáculo de lagareta. Denota-se

esta reutilização pela superfície levemente côncava e aplanada que se localiza na parte superior do afloramento, a Norte do sarcófago. No fundo da sepultura, registou-se um abatimento de forma subcircular, destinado à recolha da chamada “última gota”. Num recanto que o afloramento apresenta na sua vertente noroeste, notou-se a existência de algumas pedras que pareciam estar associadas entre si. Achou-se conveniente fazer aí uma sondagem, para uma melhor compreensão. Para o efeito, marcou-se uma quadrícula organizada a partir de dois eixos ortogonais, com orientação, respectivamente, Norte - Sul, Este - Oeste, magnéticos. Escavou-se a partir do limite sul do afloramento, até ao eixo Este-Oeste. Os blocos de pedra (granito, grauvaque e quartzito) foram postos a descoberto na sua totalidade, constituindo uma pequena estrutura de combustão, comprovada pela existência de fracturas térmicas. Apareceram aqui fragmentos de cerâmica comum de contenção, de construção e faianças. São materiais datáveis desde a Idade Média (cerâmicas comuns e tijoleiras) até aos nossos dias (faianças modernas e cerâmicas de contenção). A maior parte destes materiais apresenta sinais de fogo. Esta estrutura de fogo poderá ter algum paralelo com a que se identificou na sepultura I. Concluída a escavação desta estrutura, procedeu-se ao seu aterro por não apresentar qualquer interesse, nem estabilidade para musealização.

2.7.3. SEPULTURAS III a), b), c)

As sepulturas III a), b) e c) localizam-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 614366; Y - 4342263; Geográficas:

cas: 007° 40' 30.7" W; 039° 13' 17.3" N.

A sepultura III a) apresenta uma orientação Noroeste-Sudeste (136°). Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura rectangular, de 2,00 metros de comprimento e 0,65 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,25 metros. Na sua morfologia, demarca-se uma reentrância para a cabeceira e, na zona dos pés, o fundo eleva-se ligeiramente.

A limpeza desta sepultura iniciou-se com a remoção de terras e pedras de médio calibre, que estavam depositadas no seu interior. Também no interior da sepultura recolheram-se alguns materiais, tais como cerâmica, faiança, vidro e metais. A presença de material de construção contemporâneo, fragmentos de telha com vestígios de argamassa de cal, sugere entulhamento intencional em época recente. Na face este do afloramento, removeram-se as terras aí depositadas pelas fainas agrícolas. Durante os trabalhos de limpeza, identificaram-se outros dois sepulcros. Foram-lhes atribuídas as designações de sepultura III b) e sepultura III c).

A sepultura III b) está orientada no sentido Sudoeste-Nordeste (42°). Trata-se de uma sepultura de moldura rectangular, com 1,97 metros de comprimento e 0,52 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,30 metros. Morfologicamente, descreve uma grande inclinação e estreitamento no sentido Nordeste. Durante a remoção de terras do seu interior, registaram-se pregos recentes em ferro.

A sepultura III c) está, também, orientada no senti-

do Sudoeste-Nordeste (34°). Trata-se de uma sepultura de moldura rectangular, de pequenas dimensões, com 1,00 metro de comprimento e 0,35 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,13 metros. Este sepulcro poderá ter pertencido a uma criança, atendendo às suas reduzidas dimensões. Uma raiz atravessava o fundo da sepultura, na diagonal, tendo provocado a sua fractura.

2.7.4. **SEPULTURA IV:**

A sepultura IV localiza-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 614214; Y - 4342208; Geográficas: 007° 40' 37.1'' W; 039° 13' 15.6'' N.

Este sepulcro apresenta uma orientação no sentido Noroeste-Sudeste (128°). Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura sub-rectangular, de 1,82 metros de comprimento e 0,55 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,40 metros. Os trabalhos de limpeza desta sepultura resumiram-se, unicamente, ao retirar do musgo que cobria o afloramento e ao abate do coberto vegetal em seu redor. A registrar, na zona noroeste do afloramento, a existência de uma covinha.

2.7.5. **SEPULTURA V:**

A sepultura V localiza-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 614124; Y - 4342480; Geográficas: 007° 40' 40.7'' W; 039° 13' 24.4'' N.

Este sepulcro tem a orientação Noroeste-Sudeste (143°). Trata-se de uma sepultura rectangular, com 1,93 metros

de comprimento e 0,58 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,30 metros. Denota-se um regular afeiçoamento do rebordo da sepultura, provavelmente para assentamento de uma tampa. Os trabalhos de limpeza desta sepultura resumiram-se, unicamente, à remoção do musgo existente sobre o afloramento, ao abate do coberto vegetal em seu redor e à remoção das terras húmusas e pedras que se acumulavam no seu interior.

Nessas terras muito revolvidas no interior do sepulcro, identificou-se a parte inferior de uma bilha, atribuível à Alta Idade Média, provavelmente contemporânea da utilização da sepultura. As múltiplas violações que terá sofrido provocaram a sua descontextualização e a ausência de porção significativa deste recipiente.

2.7.6. **LAGARETA (“SEPULTURA” VI)**

O arqueossítio identificado como sepultura VI revelou-se, afinal, uma lagareta. Nota-se, de facto, algum trabalho antrópico no afloramento, formando uma zona de contenção e escoamento de líquidos, aproveitando a própria morfologia do afloramento. Esta lagareta localiza-se sobre um afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X - 613817; Y - 4342270; Geográficas: 007° 40' 53.6'' W; 039° 13' 17.8'' N.

Os trabalhos desenvolvidos neste local resumiram-se à remoção de musgos e líquenes da superfície do afloramento. Retirou-se também algum coberto vegetal, na zona a Este, para tentar compreender o pequeno nicho natural que aí se encontra e para melhorar as condições de acessibilidade.

Sepultura I



Sepultura 1, antes do início dos trabalhos



Fase dos trabalhos



Sepultura, antes da escavação



Identificação da talha junto ao afloramento

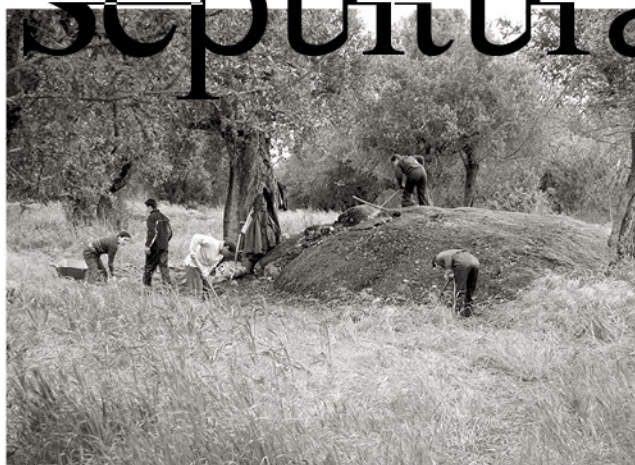


Recolha da talha



Estrutura de contenção de fogo junto ao afloramento

Sepultura II



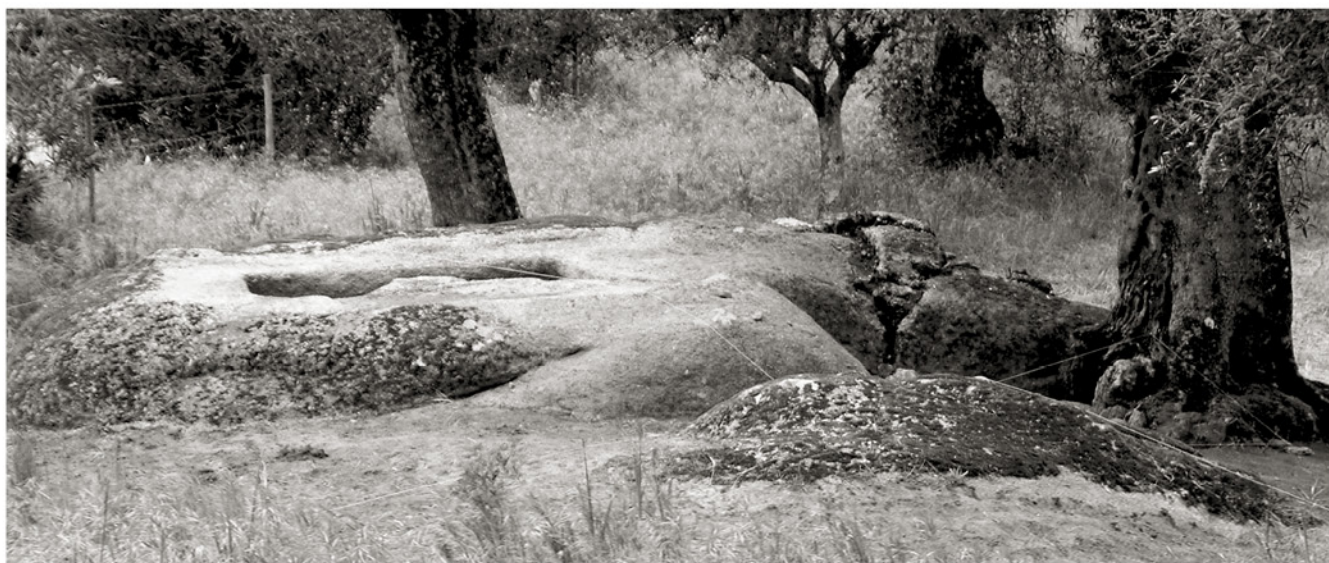
Início dos trabalhos na sepultura 2



Escavação da estrutura de combustão na base do afloramento



Identificação dos termoclastos junto ao afloramento



Sepultura 2, depois de concluída a escavação

Sepultura III



Sepultura 3, antes do início dos trabalhos



Sepultura 3 - Fase de desaterro do afloramento



Escavação das sepulturas

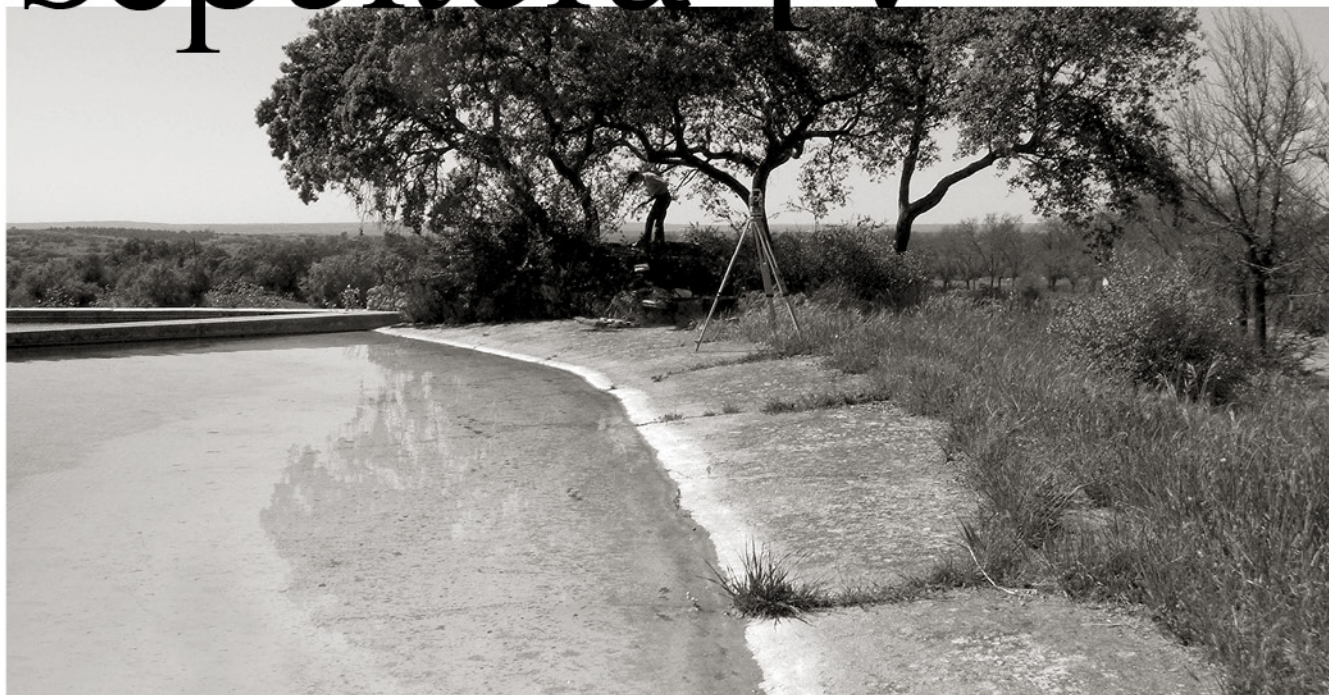


Sepultura 3 - Vista de Este



Vista geral das sepulturas, tirada de Norte

Sepultura IV



Localização da sepultura 4



Fase dos trabalhos



Aspecto geral da sepultura 4, após a limpeza

Sepultura V



Sepultura 5 no início dos trabalhos



Sepultura 5 limpeza geral



Limpeza



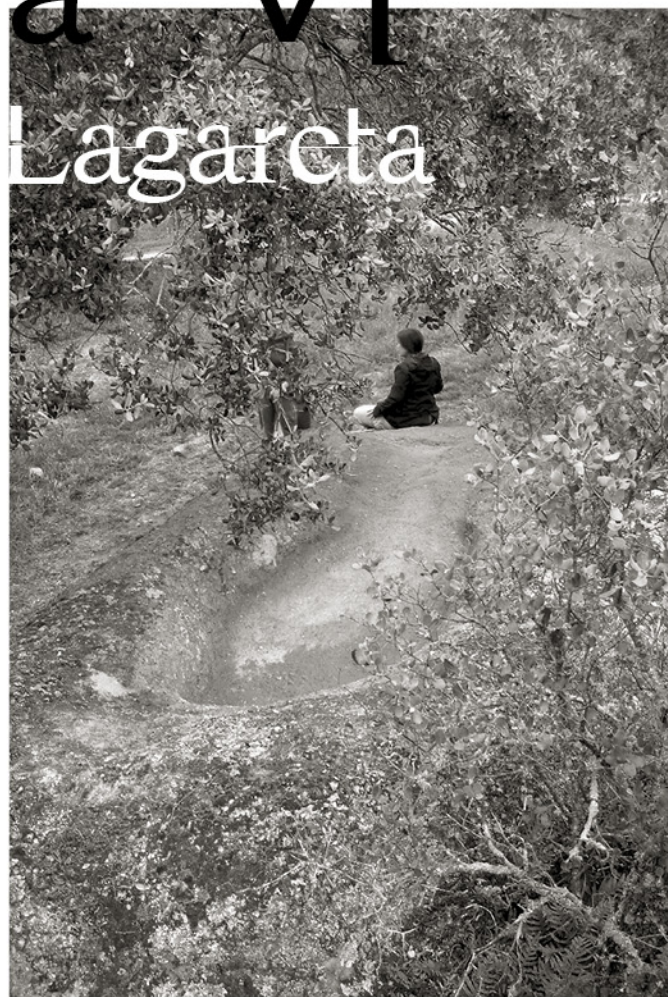
Vista geral da sepultura, após os trabalhos

“Sepultura” VI

Lagareta



Aspecto geral do afloramento, antes do início dos trabalhos



Vista geral da tina da lagareta



Limpeza do afloramento onde se localiza a lagareta



Vista geral da lagareta

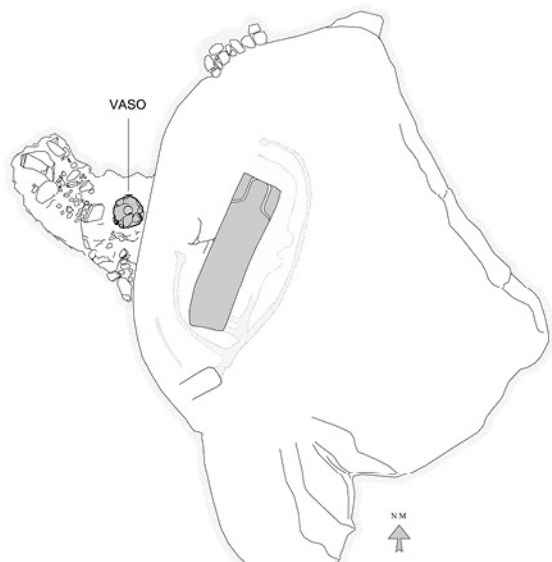


COUDELARIA DE ALTER - Sepultura 1 - CORTES

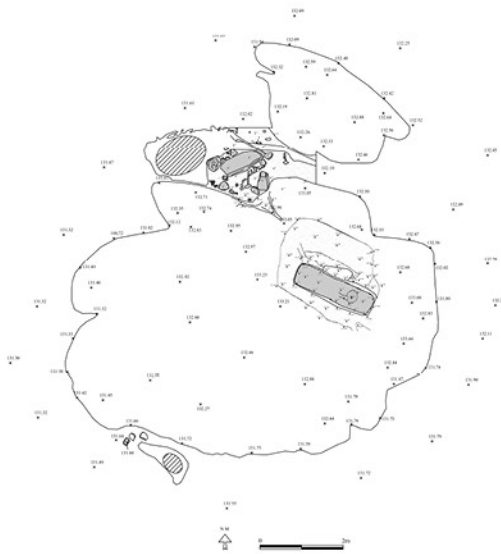


Coudelaria de Alter

Sepultura I do Regengo
Plano Geral



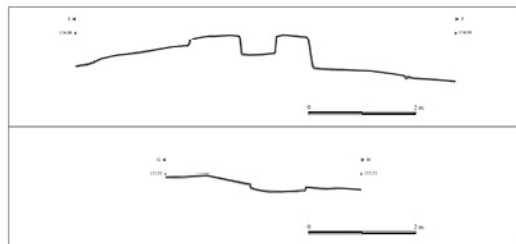
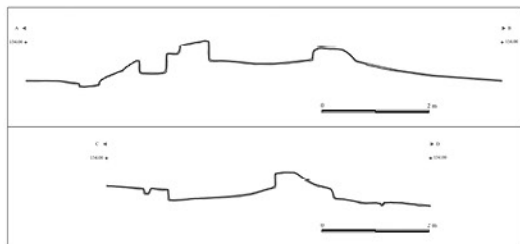
Coudelaria de Alter - Necrópole
Sepultura 2



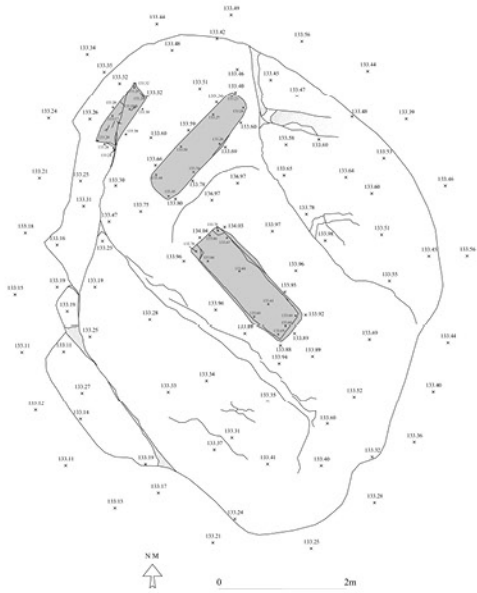
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA 2 - Cortes



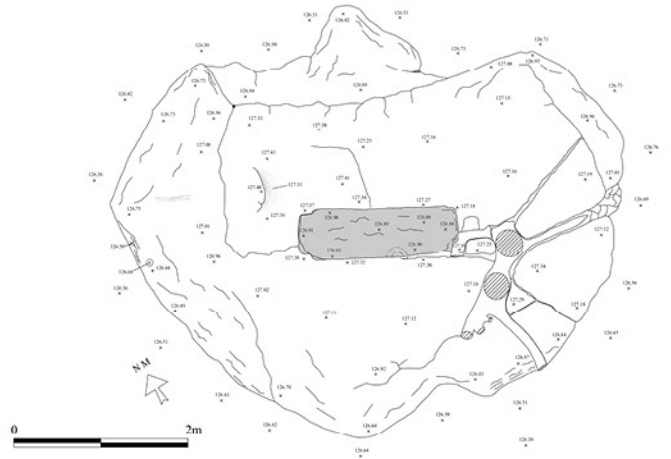
COUDELARIA DE ALTER - Sepulturas 3 a), 3 b) e 3 c) Cortes



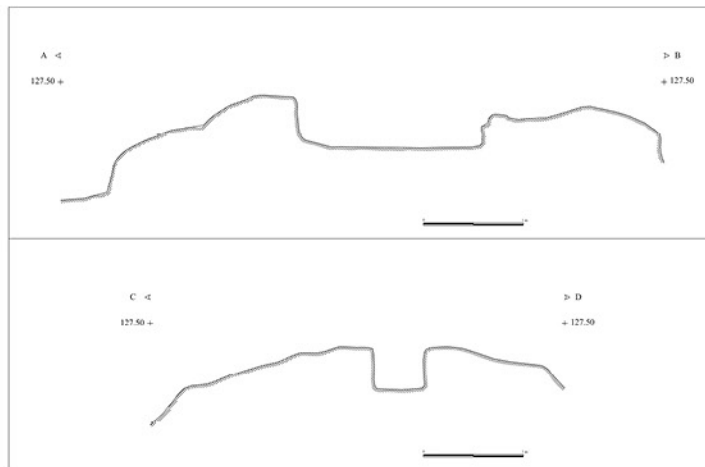
COUDELARIA DE ALTER - Sepulturas 3 a), b) e c)



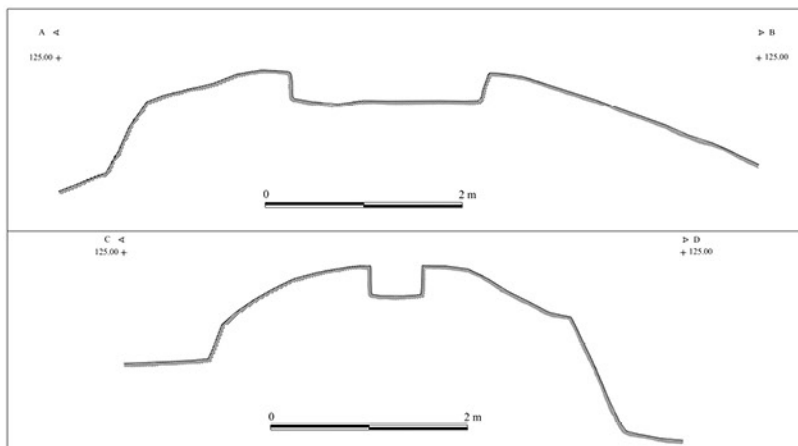
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA IV



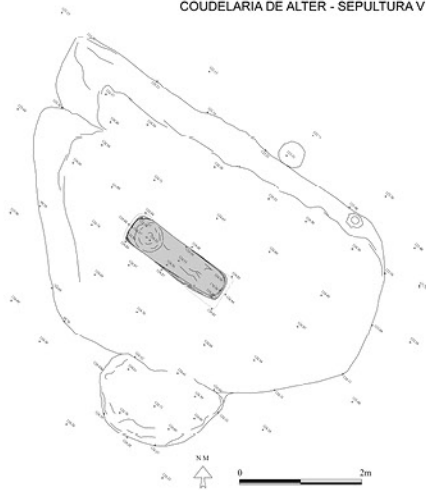
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA IV - Cortes



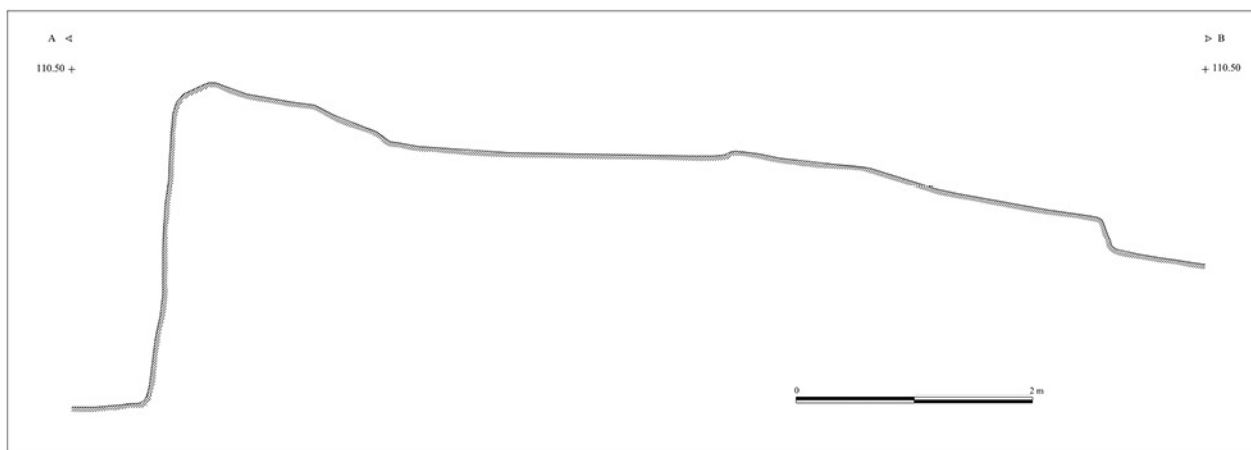
COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA V - Cortes



COUDELARIA DE ALTER - SEPULTURA V



COUDELARIA DE ALTER - "SEPULTURA VI" (LAGARETA) - Corte



COUDELARIA DE ALTER - "SEPULTURA VI" - LAGARETA

